



Série Pensamento Negro Descolonial

Insurgências poéticas-políticas: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas

Miriam Cristiane Alves
Cecília Maria Izidoro-Pinto
Ademiel de Sant'Anna Junior

ORGANIZADORAS





A **Editora Rede UNIDA** oferece um acervo digital para **acesso aberto** com mais de 200 obras. São publicações relevantes para a educação e o trabalho na saúde. Tem autores clássicos e novos, com acesso **gratuito** às publicações. Os custos de manutenção são cobertos solidariamente por parceiros e doações.

Para a sustentabilidade da **Editora Rede UNIDA**, precisamos de doações. Ajude a manter a Editora! Participe da campanha «e-livro, e-livre», de financiamento colaborativo.

Acesse a página

<https://editora.redeunida.org.br/quero-apoiar/>
e faça sua doação

Com sua colaboração, seguiremos compartilhando conhecimento e lançando novos autores e autoras, para o fortalecimento da educação e do trabalho no SUS, e para a defesa das vidas de todos e todas.

Acesse a Biblioteca Digital da Editora Rede UNIDA
<https://editora.redeunida.org.br/>

E lembre-se: compartilhe os links das publicações, não os arquivos. Atualizamos o acervo com versões corrigidas e atualizadas e nosso contador de acessos é o marcador da avaliação do impacto da Editora. Ajude a divulgar essa ideia.

editora.redeunida.org.br



Míriam Cristiane Alves
Cecília Maria Izidoro-Pinto
Ademiel de Sant'Anna Junior

ORGANIZADORAS

Série Pensamento Negro Descolonial

Insurgências poéticas-políticas: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas

1ª Edição
Porto Alegre
2023

editora



redeunida

Coordenador Geral da Associação Rede UNIDA

Alcindo Antônio Ferla

Coordenação Editorial

Editor-Chefe: **Alcindo Antônio Ferla**

Editores Associados: **Carlos Alberto Severo Garcia Júnior, Daniela Dallegrave, Denise Bueno, Frederico Viana Machado, Jacks Soratto, João Batista de Oliveira Junior, Júlio César Schweickardt, Károl Veiga Cabral, Márcia Fernanda Mello Mendes, Márcio Mariath Belloc, Maria das Graças Alves Pereira, Quelen Tanize Alves da Silva, Ricardo Burg Ceccim, Roger Flores Ceccon, Stephany Yolanda Ril, Virgínia de Menezes Portes.**

Conselho Editorial

Adriane Pires Batiston (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil);
Alcindo Antônio Ferla (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);
Ángel Martínez-Hernández (Universitat Rovira i Virgili, Espanha);
Angelo Stefanini (Università di Bologna, Itália);
Ardigó Martino (Università di Bologna, Itália);
Berta Paz Lorido (Universitat de les Illes Balears, Espanha);
Celia Beatriz Iriart (University of New Mexico, Estados Unidos da América);
Denise Bueno (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);
Emerson Elias Merhy (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil);
Érica Rosalba Mallmann Duarte (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);
Francisca Valda Silva de Oliveira (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil);
Hêider Aurélio Pinto (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil);
Izabella Barison Matos (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil);
Jacks Soratto (Universidade do Extremo Sul Catarinense);
João Henrique Lara do Amaral (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil);
Júlio Cesar Schweickardt (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil);
Laura Camargo Macruz Feuerwerker (Universidade de São Paulo, Brasil);
Leonardo Federico (Universidad Nacional de Lanús, Argentina);
Lisiane Bôer Possa (Universidade Federal de Santa Maria, Brasil);
Luciano Bezerra Gomes (Universidade Federal da Paraíba, Brasil);
Mara Lisiane dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil);
Márcia Regina Cardoso Torres (Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil);
Marco Akerman (Universidade de São Paulo, Brasil);
Maria Augusta Nicoli (Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália);
Maria das Graças Alves Pereira (Instituto Federal do Acre, Brasil);
Maria Luiza Jaeger (Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil);
Maria Rocineide Ferreira da Silva (Universidade Estadual do Ceará, Brasil);
Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira (Universidade Federal do Pará, Brasil);
Quelen Tanize Alves da Silva (Grupo Hospitalar Conceição, Brasil);
Ricardo Burg Ceccim (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil);
Rossana Staevie Baduy (Universidade Estadual de Londrina, Brasil);
Sara Donetto (King's College London, Inglaterra);
Sueli Terezinha Goi Barrios (Associação Rede Unida, Brasil);
Túlio Batista Franco (Universidade Federal Fluminense, Brasil);
Vanderléia Laodete Pulga (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil);
Vanessa Iribarrem Avena Miranda (Universidade do Extremo Sul Catarinense/Brasil);
Vera Lucia Kodjaoglanian (Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil);
Vincenza Pellegrini (Università di Parma, Itália).

Comissão Executiva Editorial

Alana Santos de Souza

Jaqueline Miotto Guarnieri

Camila Fontana Roman

Arte Capa | Projeto Gráfico | Diagramação

Lucia Pouchain

Ilustrações

Zeca Amaral

Revisão da Língua Portuguesa e normas APA-7

Thuila Farias Ferreira

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

I59

Insurgências Poéticas-Políticas: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas/ Organizadoras: Míriam Cristiane Alves; Cecília Maria Izidoro-Pinto e Ademiel de Sant'Anna Junior – 1. ed. -- Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2023.

230 p. (Série Pensamento Negro Descolonial, v.6)

E-book: 4,70 Mb; PDF

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5462-083-3

DOI: 10.18310/9786554620833

1. População Negra. 2. Terapias Complementares. 3. Ativismo Político. 4. Fatores Raciais.
I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

NLM WM 49

CDU 316.6

Catálogo elaborado pela bibliotecária Alana Santos de Souza - CRB 10/2738

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Brasileira Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre - RS. Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br



Sumário

PREFÁCIO CARTA PARA SUBLEVADORAS/ES NO FIM DE UM MUNDO NESSES BRASIS	9
---	---

Fátima Lima

QUEBRA-PEDRA-RASTEIRA APRESENTA	13
--	----

Míriam Cristiane Alves, Cecília Maria Izidoro-Pinto e Ademiel de Sant'Anna Junior

SEÇÃO I ENTRE FABULAÇÕES E INSCRIÇÕES	19
--	----

Primeira Inscrição	20
---------------------------------	----

Zeca Amaral

Primeira Fábula	21
------------------------------	----

Gabriel Alves Godoi

Segunda Inscrição	23
--------------------------------	----

Zeca Amaral

Segunda Fábula	24
-----------------------------	----

Gabriel Alves Godoi

Terceira Inscrição	26
---------------------------------	----

Zeca Amaral

Terceira Fábula	27
------------------------------	----

Gabriel Alves Godoi

Quarta Inscrição	29
-------------------------------	----

Zeca Amaral

Quarta Fábula	30
----------------------------	----

Gabriel Alves Godoi

Quinta Inscrição	32
<i>Zeca Amaral</i>	
Quinta Fábula	33
<i>Gabriel Alves Godoi</i>	
SEÇÃO II ENTRE POEMAS E POLÍTICAS DE ESCRITA	35
Dentro e fora	36
<i>Sueka</i>	
CAPÍTULO 1 A CLÍNICA NA ESCRITA.....	37
<i>Ademiel de Sant'Anna Junior</i>	
Prazer em toques e sentidos	63
<i>Sueka</i>	
CAPÍTULO 2 INFÂNCIAS PRETAS: CORPAS-TERRITÓRIOS E INSTITUIÇÕES	64
<i>Jéssica Gomes Santiago e Míriam Cristiane Alves</i>	
Casa.....	85
<i>Sueka</i>	
CAPÍTULO 3 PÓLENS DE CUIDADO	86
<i>Ezequiel de Candido Amaral (Zeca Amaral)</i>	
Enquanto dormimos.....	110
<i>Sueka</i>	
CAPÍTULO 4 CONVERSÇÕES NA CLÍNICA PSICOLÓGICA SENTIDAS POR UMA COSMOPERCEÇÃO AMEFRICANA.....	111
<i>Tháís da Silva Lourenço e Cecília Maria Izidoro-Pinto</i>	
Contemplação.....	135
<i>Sueka</i>	
CAPÍTULO 5 PENSAR A VIDA E A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA COMO OBRA DE ARTE: ENCONTROS ENTRE ESCRIVIVÊNCIAS, BORDADOS E MÚSICA.....	136
<i>Janaina da Silva Costa, João Otávio Vieira Carvalho Almeida, Joyce dos Anjos Barcellos e</i>	

Luziane de Assis Ruela Siqueira

Decolonial..... 157

Sueka

CAPÍTULO 6 | NO ENTRE DE UM AFROSURTO, ESCRIVIVÊNCIAS..... 158

Ana Cláudia Barbosa

Despertar..... 181

Sueka

**CAPÍTULO 7 | ORALITURA E ESCRIVIVÊNCIAS POETIZADAS DE MULHERES
NEGRAS E INDÍGENAS: DIÁLOGOS INTERCULTURAIS E PRÁTICAS NA EXTENSÃO-
PESQUISA 182**

Luz Santos e Larissa Potiguara

Sul agitado..... 204

Sueka

**CAPÍTULO 8 | RESISTÊNCIAS E ESCRIVIVÊNCIAS DE UM PROFESSOR NEGRO:
REFLEXÕES ATRAVÉS DA POÉTICA DO HIP HOP 205**

Cesar Augusto do Nascimento Moura

SOBRE AUTORAS E AUTORES..... 224

PREFÁCIO

CARTA PARA SUBLEVADORAS/ES NO FIM DE UM MUNDO NESSES BRASIS

Insurgir: rebelar, levantar, sublevar, insurreccionar, revolucionar, amotinar, agitar, assuar, insubordinar, revoltar(-se) contra um poder estabelecido¹.

Isto não é um prefácio, mas uma carta para todas/os insurgentes: as/os que se tomaram da generosidade de nos ofertar esse mapa de fuga e as/os que vão se aventurar nas leituras dos textos-rebentamentos que cifram notas de insurgências. Insurgir é um ato contínuo: uma convocação necessária, política e ética frente à violência racial interseccionalizada em escala global e, aqui, entre nossos brasís, uma antinegitude brutal.

Quando fui convidada para fazer o prefácio da coletânea *Insurgências Poéticas-Políticas: epistemologias negras, descoloniais e antirracistas*, da Série Pensamento Negro Descolonial, entendi que estava diante de um chamado muito mais do que de um convite. Como não sou boba, aprendi, ao longo do tempo, a entender o que é um chamado e a ver o invisível imanente. Dialogando amanhã, ontem e hoje com Conceição Evaristo, Ademiel Sant'Anna Jr. profetiza no texto *Clínica na Escrita*: “A clínica na escrita escuta vozes ancestrais que na Relação com o texto, guiam as letras aos passados borrados pela Norma. São percepções vivas da Relação entre a Corpa de quem se inscreve e os Corpus que caminham pelas encruzilhadas da escrita”. Como nos diz Conceição Evaristo em *Histórias de Leves Enganos e Parecenças*:

1 Dicionário Online de Sinônimos. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/insurgir/>.

Muitas vezes ouço falas de quem não vejo nem o corpo. Nada me surpreende do invisível que colho. Sei que a vida não pode ser vista só a o olho nu. De muitas histórias já sei, pois vieram das entranhas do meu povo. O que está guardado em minha gente, em mim dorme um leve sono. E basta apenas um breve estalar de dedos, para as incontidas águas da memória jorrarem os dias de ontem sobre os dias de hoje (Evaristo, 2017, p. 17).

Se há enganos nesses encontros, eles são leves. Vivemos na parença! E foi guiada pelo invisível imanente que adentrei as encruzadas de *Insurgências Poéticas-Políticas* e guiada pelo sensorial fui percorrendo cada uma das linhas como se fossem pequenos rios que se tornavam mais caudalosos à medida que as leituras iam e vinham, vinham e iam. *Insurgências* é um chamado a começar por onde você sentir desejo de começar. Espiralar, não no discurso, mas em sua composição, qualquer texto pode ser um portal, mas a retina e todo um corpo sensorial pode ser arrebatado por um poema, uma imagem, uma imagem-poema, um poema-imagem que convulsionam as inscrições a partir do exercício da imaginação radical e da aposta política preta interseccionalizada na escrita.

A *Seção I – entre inscrições e fabulações*, oferta textos que transitam entre um afropessimismo e uma teimosia negra, a exemplo de Seu Manuel que, na quinta fábula, largou o sonho da suposta estabilidade ofertada por um estado capital-racial que vive da geração de dívidas impagáveis, principalmente de pretos/as e pobres, e viajou com sua esposa para o Japão para ver o Grêmio jogar o Mundial de Clubes. Mereceu, com muita honra, os seguintes dizeres em sua lápide: ‘Jaz aqui Manuel, vai deixar vivo o desejo e a fome de desejar’. Seguindo esses rastros, a *Seção I* não deixa nada a desejar ao convite que a escritora negra estadunidense Saidiya Hartman nos faz em *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias Íntimas de Meninas Negras*

Desordeiras, Mulheres Encrenqueiras e Queers Radicais quando conclama “(...) outras maneiras de viver e nunca deixar de considerar como o mundo poderia ser de outra forma” (Hartman, 2022, p. 13). As imagens-inscrições de Zeca Amaral que antecedem as fábulas da primeira seção fixam para abrir, através de um traçado colorido, as milhares de vidas que as fábulas arrastam através de suas/seus personagens.

A convocação insurgente segue com a *Seção II – Entre poemas e políticas de escrita*, convocando o enfrentamento das infâncias pretas, cosmoamefricanizando, afrosurtando, bebendo pólenes de cuidado, movendo-se por oralituras e escrevivências, sentindo as resistências viscerais do hip hop. Mas, advirto: os rios, afluentes, cachoeiras, pororocas, enchentes e vazantes que perfazem cada texto requerem o compromisso de encarar as dores, consequências do punhal da violência racial genderizada e interseccionalizada que atravessa a barreira do espaço/tempo. Encarar a dor, mas não no sentido de nos calcificarmos nela. Tenho dito sempre: dor é travessia, é preciso atravessar a, e com a dor para contar sobre ela e suas adversidades de um outro lugar. Como emplastos, cada texto-dor-travessia da Seção II compõe-se com poesias, negando a separação entre o texto literário/poético e o dito texto acadêmico.

Caminhando para o final desta carta, queridas/os insurgentes, gostaria de destacar alguns pontos que alinhavam este volume:

- a. não tenho dúvida de que vivemos o fim deste mundo sustentado pela subjugação racial. Que ele não nos serve. Nunca nos serviu. Caminhamos sobre e sob suas ruínas. Encarar o fim deste mundo é um princípio ético e político. É preciso amar mundo o mundo, a vida, as pessoas para perceber o fim deste, aprender a olhar através de suas rachaduras e fabular mundos (im)possíveis;
- b. não tenho dúvida de que vivemos tempos de guerras, entre

estas, as guerras epistêmicas. Nunca se bradou tanto: ‘Viva ao descolonial!!!’, ‘Somos antirracistas!!!’, mas, com certeza, o conhecimento continua preso à ilusão do poder;

- c. este livro é, sem dúvida, uma ferramenta de guerra oguniana fundamental na travessia do fim deste mundo. Como uma/um boa/bom ferreira/o precisamos saber derreter o metal e moldar nossas armas de guerra na fuga constante para a própria fuga enquanto o fim deste mundo não aponta outros possíveis.

Com amor,
Fátima Lima

Conversas com:

Evaristo, C. (2017). **Histórias de leves enganos e pareanças**. Rio de Janeiro: Malê.

Hartman, S. (2022). **Vidas Rebeldes, Belos Experimentos**: Histórias Íntimas de Meninas Negras Desordeiras, Mulheres Encrenqueiras e Queers Radicais. São Paulo: Fósforo.

QUEBRA-PEDRA-RASTEIRA APRESENTA...²

Míriam Cristiane Alves
Cecília Maria Izidoro-Pinto
Ademiel de Sant'Anna Junior

Passo a passo E'léékò caminha. *Reclamadeira* do forte calor que queima a sola dos seus pés no asfalto que ferve, malemolente segue caminhando. Seus passos, na ponta dos pés, lembram os pés de quem tem intimidade com as danças. Jovem atrevida, com olhos expressivos e língua solta, vocífera para o próprio sol: – Eu hein... Parece brasa! Preciso pisar rapidinho. – E'léékò pensava alto e nada tímida, sempre se soube feita de muitas palavras, com olhos amendoados e pele d'noite que começa e termina consoante com muitas línguas. No céu de sua boca um recado em relevo para a língua jamais esquecer: Ancestral! E'léékò nascera assim, marcada no céu da boca pela ancestralidade. Sempre implacável, E'léékò sustenta na escuta sensível a presença de multidões que nutrem cada palavra que escorre de sua boca. Seus seios fartos, acolhem quem quiser chegar – é com Yemojá que E'léékò compreende amparar a todas, todos, todes que assim desejarem chegar, em seu colo sempre cabe mais um. Usando suas longas tranças como lençol, E'léékò deixa quentinho quem dela se aproxima. Colo-Quilombo onde múltiplas forças confluem, é com as poéticas de existências negras que, passo a passo, E'léékò continua a caminhar. – E quando calor preciso aliviar é no mar que vou me refrescar –, sussurrava E'léékò em pensamento.

Sua voz que é retumbantemente povoada pela multiplicidade de línguas crioulizadas, faz E'léékò inventar comuns parindo e nascendo das forças

2 Essa coletânea compõe as ações do Núcleo de Estudos e Pesquisas E'léékò e tem o financiamento do Programa de Apoio à Pós-Graduação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PROAP-CAPES), por meio do convênio com o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGPSI-UFRGS).

vocálicas que dela se aproximam, e logo percebem a textura da ancestralidade no céu da boca. Esse registro, que inscreve o comum, faz com que E'léékò e as suas consigam ser dialeticamente tão compreendidas quão estranhadas, opacas.

Caminhadeira, E'léékò segue caçula em direção à encruzilhada onde reside sua irmã mais velha. – Bora que tá quente aqui! – Quizumbeia E'léékò com sua irmã mais velha, Opacidade, sempre vestida de amarelo assim como o sol, era conhecida entre as encruzilhadas por sua gargalhada alta, e suas lágrimas tanto teimosas quanto fartas... que escorregadiamente sacaneavam todos aqueles que tentavam defini-la. Conhecida nos rolês como “aquela que se faz”, título este que sempre se orgulhou de sustentar. – Me faço mesmo, eu hein... entre meu leque, meus testículos e meu calcanhar ou me faço ou sou dominada e vão querer “me fazer”? Isso nunca! Jamais podemos deixar de nos fazer, viu E'lééko? – Enquanto termina de falar, Opacidade passa por entre o espelho d'água que atravessa seus aposentos e lindíssima avisa a E'léékò: – Maninha, já estou pronta pra ir visitar a Vó Chica – e brincando com sua caçulinha chama atenção: – E'léékò, olha minha cara de quem vai ser dominada... – as irmãs gargalham enquanto admiram suas belezas no espelho d'água.

E'léékò sempre adorou esse jeito metido da sua irmã mais velha. Mas sempre soube que o deboche de Opacidade também é seu mecanismo de cura. Haviam feridas que Opacidade carregava que ainda sangravam pra caramba. E'léékò respeitava muito sua irmã. Seu olhar admirado para Opacidade chegava sempre como misto de aprendizado e potência. Opacidade quase que ouvindo os pensamentos de E'léékò para de falar por um instante, e deixa algumas memórias-lágrimas escorrerem. Enquanto fricciona em seus lábios o batom vermelho feito de Urucum e amoras, colhidas na lua nova – receita de Vó Chica – Opacidade termina de se maquiar sem esconder os olhos molhados, e só então deixa sua língua dizer: – Malditos! –, enquanto conta

sobre as investidas violentas de conquista que sofreu ao longo de seus quase 600 anos. E'léékò segue saboreando a malemolência de sua irmã. E'léékò sabia que cada história de sua irmã também é sua. Friccionando então sua língua ao céu da boca sente o gostinho da ancestralidade.

Opacidade se abana com seu leque feito de penas caídas dos Tiê-sangue³ que cantam com ela no mato, se levanta Quizumbeira, olha debochada para uma E'léékò agora suada e pergunta: –Tá com calor novinha, tá? – enquanto E'léékò seca seu rosto no lençol d'água que passa ao lado da cama de Opacidade, sua mais velha pega argila para passar nos pés da caçula. E'léékò agradecida encosta a sola de seus pés no chão, e logo pergunta: – Maninha, quanto tempo preciso esperar secar? – Opacidade responde curvando os olhos para cima e dizendo: – A argila e você já estão em Relação. Vocês são feitas da mesma matéria, minha doce E'léékò. Nem ela, nem você precisam secar, só precisamos caminhar. Aliás, garota, já estamos atrasadas para visitar a vó Chica. Bora?

Ao chegarem, logo escutam Vó Chica cantarolar, já andava inquieta pra lá e pra cá, colhendo suas plantinhas sem notar a chegada de E'léékò e de Opacidade. Ela conversa com o vento, a terra, as plantas e os passarinhos que fazem seus ninhos na pitangueira centenária plantada por sua mãe, a Poética. Vó Chica se lembra de sua mãe Caos-Mundo, e em nome dela começa a cantar uma música que estranhamente E'léékò e Opacidade notam que suas bocas sabem acompanhar. Já não estão mais escondidas, suas pernas as levam de mãos dadas ao quintal numa dança que Vó Chica, em gira, segue cantarolando e fazendo a vida circular. Através do cuidado de suas ervas que crescem perto das quartinhas no quintal, Vó Chica segue transmitindo para suas netas E'léékò e Opacidade a ciência que cada uma das ervas carrega.

3 Ave tipicamente brasileira, vivente da Mata Atlântica. Tiê-sangue ou Tiê-fogo como também é conhecido, possui penas vermelhas vivas que assim permanecem somente longe dos cativeiros. Para mais informações vide Tiê-sangue no WikiAves: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/tie-sangue>.

Na casa de Vó Chica tudo é feito de barro, lá todas andamos com os pés descalços porque o barro criador do quintal conversa com as solas dos pés – conjura Vó Chica enquanto recebe suas netas. Logo leva E'léékò e Opacidade para escutarem os girassóis... Ela se inclina segurando o pilão, e enquanto cheira os girassóis fala baixinho: – Pois é, minha muriquinha E'léékò, nossos pés também contam poesias... não escutou não? – E'léékò assente com a cabeça e sempre junta à Opacidade segue Vó Chica pelo quintal. Vó Chica falava e andava tão, tão rápido, que as duas quase não conseguiam acompanhar. Foram juntas até as ruas ainda descalças. Suas solas dos pés encontram naquele dia de sol forte, o truculento tapete de asfalto que queimou os pés de E'léékò, que logo pergunta com a curiosidade de sempre: – Vó Chica, o que fazemos aqui? Este chão de cimento esquenta os pés, tá doendo viu?! Além do mais, aqui no cimento acho difícil de existir o verde, as flores e as ervas que tratam e curam. – Vó Chica dá de ombros e olha E'léékò com um sorriso de canto d'olho que as pretas velhas fazem quando querem deixar seu propósito sem palavras. O problema é que as mais novas são nutridas por certa curiosidade e, às vezes apressadas, movimentam intensidades de quem ativa memórias do futuro que vivemos lá atrás com quem está por vir e na frente com nossas mais velhas... E'léékò fricciona a língua ao céu da boca, e logo decide com a Opacidade acompanhar sua avó pelo asfalto.

Vó Chica chama a atenção das irmãs e ao se inclinar no asfalto quente, ali na altura do meio fio, olha para ambas e diz: – Em tudo tem nosso sinhô! C'ês precisam se atentar a essa poderosa erva que colore de verde o asfalto acinzentado, que nasce entre as rachaduras do cimento, pois ela insurge pelas frestas enquanto rebenta desde o chão. Venham cá E'léékò e Opacidade, venham fuçar com as pontas dos dedos e escutar o lugar que essa erva nasceu. O nome dela? Quebra-pedra-rasteira. E vocês

muriquinha que, assim como eu, é daqui e dali, não seria espanto se a gente se transformasse em corpas-quebra-pedra-rasteiras? E se nossa fuxicagem, nos fizer passar pelas rachaduras? Não é desde o chão que a gente luta?

Não é existindo desde nosso canto, nossa música, nossa dança que a gente se defende de toda violência aqui no asfalto, mantendo viva nossa história, nosso cantinho de chão e nossas geografias? Assim como a quebra-pedra somos rasteiras, e com nossa força e insurgência quebramos pedras.

– Vó Chica, a quebra-pedra-rasteira também é chá, né? – Sim, E'léékò... Esse chá, assim como quebra asfalto, também quebra pedra do rim. É tão forte quanto o girassol, que diferente dos olhos da gente, consegue encarar o sol, e segue de pé com suas flores, se movimentando segundo o movimento do grande astro rei. Suas sementes vêm de longe sarando e cicatrizando nossas feridas, não por acaso seu nome começa com gira, né não? – E a babosa, minha Vó? É boa para hidratar e tratar de tantas coisas: anemia, artrite, gastrite... – Vó Chica assente com a cabeça enquanto lembra e prepara o chá de camomila para tomarem com um bolinho de fubá. – Essas todas que falamos, E'léékò, nascem, crescem e vão se transformando sem querer saber da dureza do chão de asfalto. A gente pode aprender muito com elas e, quem sabe, experimentar pulsações do chão de asfalto em nosso caminhar. Cês conseguem imaginar? – E'léékò, Opacidade e Vó Chica experimentam o chá docinho com o bolo de fubá, enquanto seus pés dançam juntas conosco, rasteiras, com os dedos no chão. As corpas-quebra-pedra vieram para ficar e rebentam nossas epistemologias pretas... mesmo à altura do chão do asfalto quente.

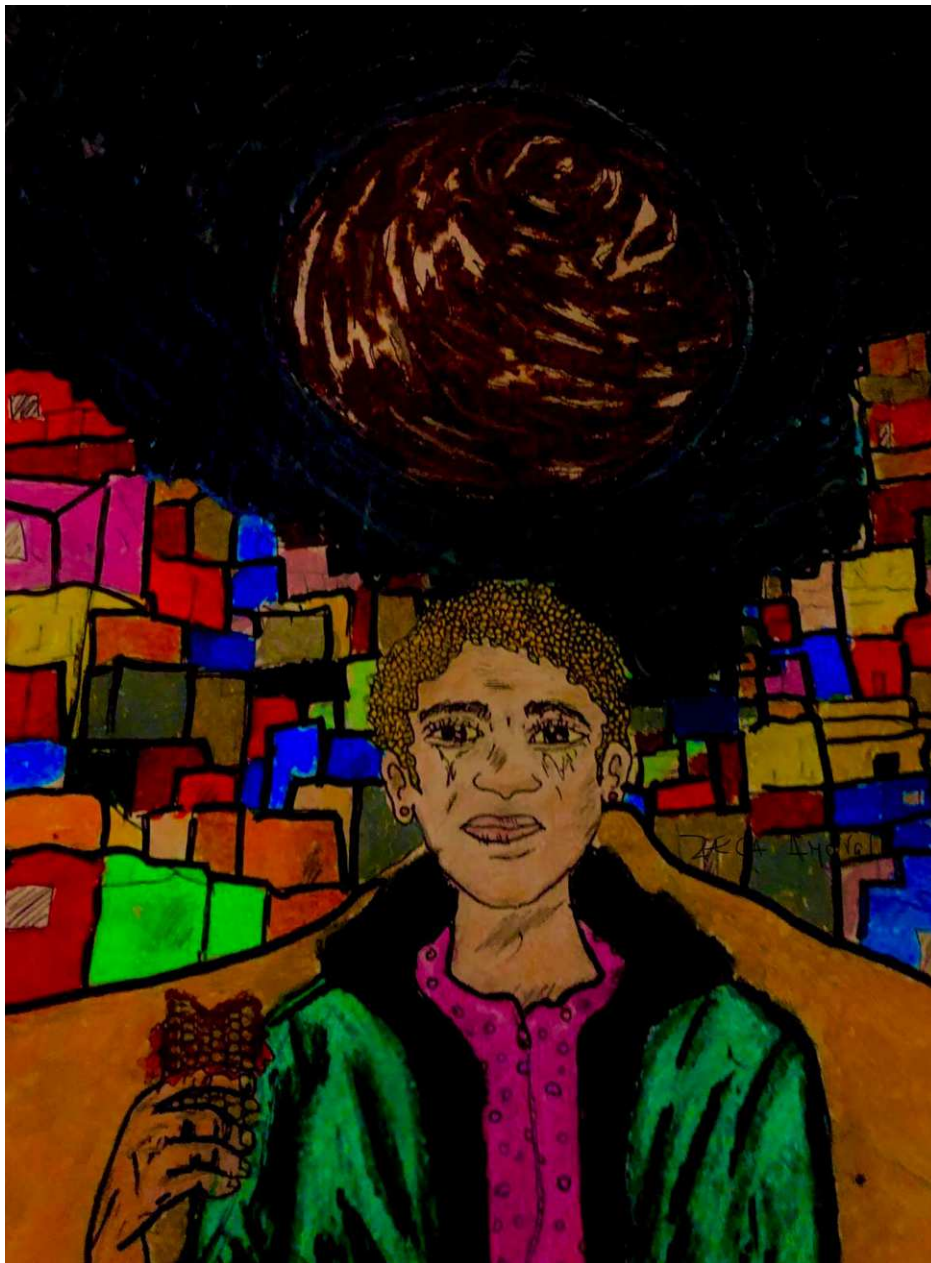
Nesse sexto volume da *Série Pensamento Negro Descolonial*, o convite é que possamos caminhar com E'léékò e sua irmã Opacidade. Convidamos você a rachar o asfalto, a experimentar, curiosa, estas pulsações com E'léékò, que rebentam poéticas e conspirações rasteiras

entre rasgos, insurgências e memórias, isto é, que rebentam epistemologias pretas desde o chão.

Nesta coletânea, contamos com um conjunto de textos que assim como este parido por E'léékò, Opacidade e Vó Chica, também são construídos a muitas mãos, pés, barro, línguas nascidas entre as rachaduras, por pesquisadoras e artistas que confluem torções, dobras e movimentações que, assim como o girassol, caminham seguindo o quentinho enquanto giram na gira do sol. Agenciamos e trançamos, aqui, produções poéticas atrevidas que rebentam pelas rachaduras do truculento asfalto acadêmico. Enquanto escrevemos, atrevemos e confluímos rasteiras. Não será este um gesto metodológico por onde somos paridas? Afinal, nossas corpos-poéticas rasteiras são feitas de navalha quebra-pedras.

SEÇÃO I
ENTRE FABULAÇÕES E INSCRIÇÕES

Primeira Inscrição



Zeca Amaral

Primeira Fábula

Todo mundo tem uma história de furto pra contar. Teve uma época em que eu não era preto, que eu não entendia nada. Sempre fui certinho, mas quando se tem 13 anos isso não é mais tão legal. Uma vez, vi meu melhor amigo, um menino branco, pegando um chocolate da prateleira do mercado e colocando no bolso. Em seguida, ele pegou outra coisa e foi para o caixa com o chocolate furtado. Eu fiquei em choque com aquilo, não por achar errado ou certo, mas por nunca ter me passado pela cabeça essa possibilidade. Era um mundo novo, aquele mundo de crime, de ilegalidade. Algo doido!

Na outra semana, eu fui ao mercado. Suei o caminho todo, passava pelos corredores apavorado, a adrenalina pulsando pelas minhas veias, deixando a minha visão turva e o meu pensamento nebuloso. Quando achei que ninguém veria, eu fiz. Coloquei um chocolate no bolso e saí do mercado, ninguém me seguiu. Comi o chocolate voltando pra casa: era de uma marca que eu nunca tinha comido, um chocolate caro que eu jamais sonharia em comprar. Um crime de adolescente: eu estava excitado e feliz pela minha transgressão.

Outra semana se passou, fui no mercado novamente, dessa vez por ordem da minha mãe. Eu estava confiante, era o próprio Al Capone dos furtos de chocolate, eu estava com a bola toda, era o rei do pedaço! Foi aí que me pegaram. Dois seguranças me cercaram no corredor dos biscoitos, não havia o que fazer, minha vida de crimes se encerrou ali mesmo. Eu não estava preocupado, todo mundo furta no mercado! Meu amigo branco fez, eu sabia que meus tios brancos também faziam e já ouvi muitas histórias de gente decente roubando balinhas nas lojas Americanas. Eu fui pego, tudo bem, devolveria a mercadoria. Quando eu mostrei o chocolate e devolvi ao segurança ele não quis nem pegar, só me olhou com nojo. Me seguraram

pelos braços e me levaram até um canto da loja. Gritaram comigo, ameaçaram chamar a polícia, a minha família, disseram que eu ia direto pra cadeia. O mercado todo passava por mim e me olhava naquela situação. Eu, apavorado, chorava copiosamente, envergonhado, humilhado...

Nisso, uma mulher de meia idade, branca, roupas bonitas de gente que tem dinheiro, apareceu para deixar seu carrinho de compras e me viu chorando e cercado de seguranças. Desconfiada, ela perguntou o que estava acontecendo e por que estavam gritando com um menino. Um dos dois, muito calmamente, respondeu: - “Esse moleque tava roubando aqui. Ele mora ali na vila, é um daqueles vileiros, lá”.

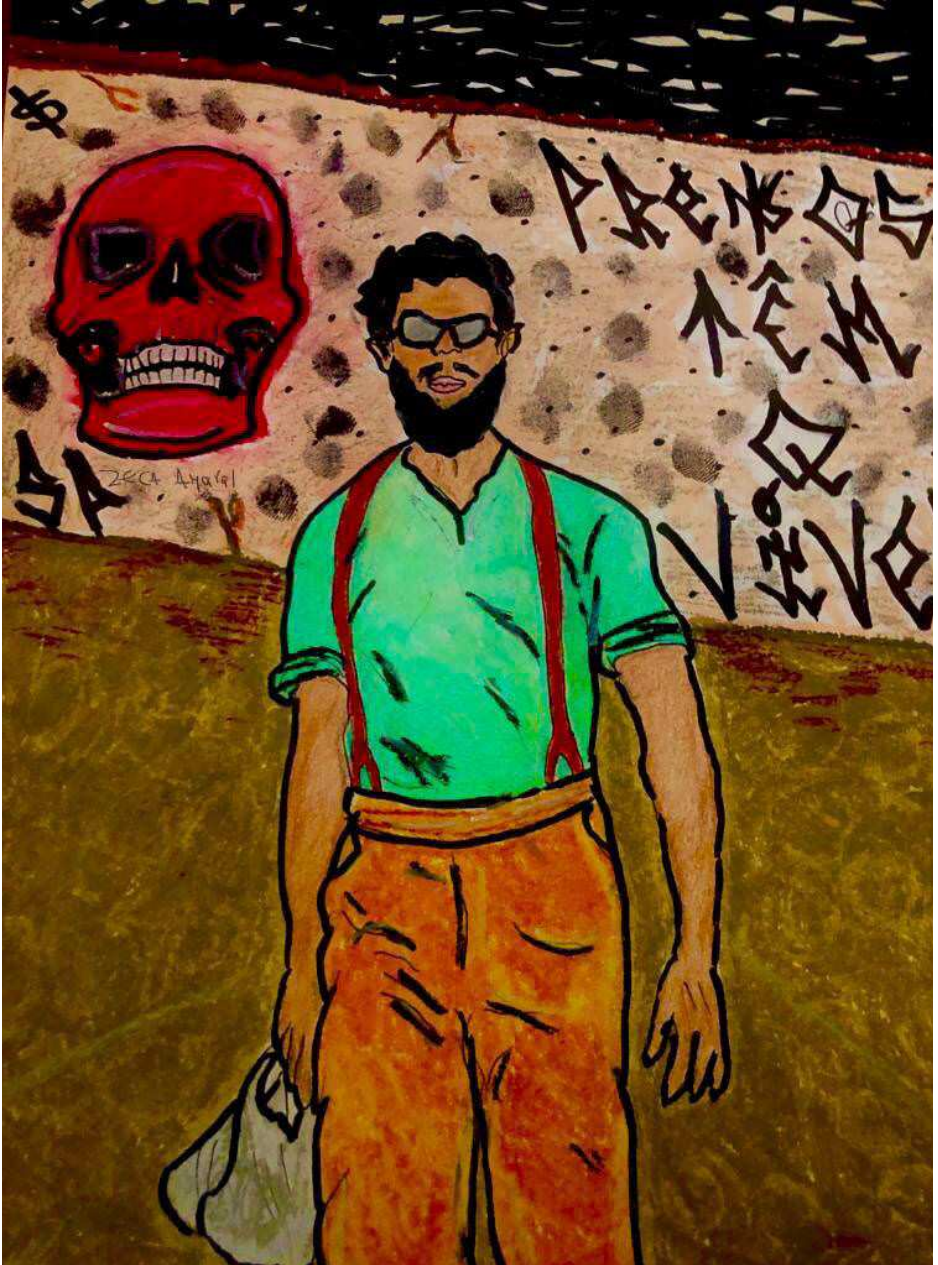
Ao saber da minha procedência, todo o desconforto sumiu da cara da mulher e ela passou a esboçar apenas indiferença, talvez até um pouco de raiva. Ela me olhou de cima a baixo e deu um resmungo afirmativo em direção do segurança, virou-se e foi embora, esquecendo-se de mim imediatamente. Seu olhar me penetrou muito mais do que qualquer palavra daqueles seguranças, e eu entendi no momento que eu não tinha um nome, nem uma história, eu não era uma pessoa, era um vileiro e isso bastava para aquela mulher. Os seguranças me liberaram depois de mais alguns minutos de humilhação. Demorei meses até conseguir entrar em outro mercado novamente. Meu melhor amigo branco nunca foi pego.

- Todo mundo rouba no mercado⁴

Gabriel Alves Godoi

⁴ A presente fábula integra a dissertação “Encontrando meu corpo: diálogos entre negritude, saúde e descolonização”, de Gabriel Alves Godoi, orientada pela Profa. Dra. Míriam Cristiane Alves, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, defendida em 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256031>.

Segunda Inscrição



Zeca Amaral

Segunda Fábula

Denner andava só de terno ou camisa social, mesmo no calor de São Paulo. Por impulso, uns anos atrás, quando era adolescente, ele decidiu junto com uns outros amigos que fecharia o braço com tatuagens. Ficou foda, todo mundo curtiu, ele era o cara. Até que tirou carteira de motorista. As coisas em São Paulo em 1990 não eram tão simples. A polícia usava o mesmo uniforme da S.S. e matava preto só por diversão. Naquele ano, Denner tinha o prazer de morar na cidade mais violenta do mundo. Ele saiu com os colegas pra dar um rolê e foi parado na primeira blitz. O guarda não gostou do olhar dele, tiraram do carro, e ele voltou mancando e com o olho roxo. Um mês depois, outra blitz. Teve que descer de novo e, outra vez, voltou retorcido, agora com a costela quebrada. Na terceira vez, ele pensou em fugir, mas foi esperto – melhor apanhar do que morrer de bobeira. Na quarta, ele passou direto. Ué? Que que houve? Na quarta, ele estava voltando da igreja e de camisa social, tampando as tatuagens. Aí, ele entendeu.

Denner passou os anos 1990 de camisa social ou terno, faça chuva ou faça sol. Melhor passar calor do que levar uma joelhada nas costelas. Isso faz uns trinta anos, e o Denner tá vivo até hoje, mas a maioria dos amigos morreram. Ficaram as pessoas brancas, as pretas vão rápido. Também, a maioria dos amigos brancos era de classe, tinha pai e mãe, o que naquela época era até motivo de chacota: “O que tu quer falando mano, tu tem até pai!”. Era sinônimo de playboy. Hoje, o Denner tem uma empresa de pintura social, ele contrata uns mano do grafite, um pessoal que era de facção, dá CLT, dá o que ele pode. Não ganham muito, mas vivem da arte. Ele deu uma boa vida pra mãe dele, Clarice, filha da dona Clara.

Às vezes, ele vê uns branco daquele tempo falando que antigamente

era melhor ou, então, ouve no rádio falando das crianças de hoje, ouvindo funk, dando rolezinho em *shopping*, que isso é coisa de marginal. Tem mano que virou *uber* e que vota em quem diz que tem que matar mesmo. Denner se pergunta onde é que eles estavam, não viviam na mesma São Paulo dos anos 1990? O mundo gira pra caramba, Denner pensa, enquanto caminha pra casa, levando pão fresco e queijo pra tomar café com os filhos e a esposa. Do outro lado vem um policial, Denner atravessa a rua, não dá pra dar bofeira, preto morre a troco de nada, ainda mais pra quem vive da arte. No bar, alguém chamou ele de coxinha, andando todo arrumado pra comprar pão, tudo bem. Eles não entendem o que os pretos têm que fazer pra sobreviver em São Paulo.

- *Tutorial de sobrevivência*⁵

Gabriel Alves Godoi

5 A presente fábula integra a dissertação "Encontrando meu corpo: diálogos entre negritude, saúde e descolonização", de Gabriel Alves Godoi, orientada pela Profa. Dra. Míriam Cristiane Alves, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, defendida em 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256031>.

Terceira Inscrição



Zeca Amaral

Terceira Fábula

“Tudo o que esses africanos afrancesados escrevem pode ser jogado no lixo! Eles não compreendem que, por mais que critiquem o capitalismo, o pensamento deles contribui para a manutenção da exploração!” – disse o professor. Fernando Osório era um grande professor, reconhecido nacional e internacionalmente, respeitado em seu partido. Ele já teria tentado concorrer a presidente, mas foi vencido por um outro professorzinho ligado ao movimento sem-terra, que havia contribuído pouco para o materialismo histórico-dialético, cientificamente falando. Os militantes escutavam com atenção. Embora não fossem salas de aula, as plenárias mais pareciam escolas quando Fernando participava. Ele falava e os outros o escutavam, ele interrompia as camaradas, resmungava; se a fala deveria ser de 10 minutos no máximo, ele falava 30 ou 40; quando o mediador lhe interrompia para que finalizasse, ele educadamente dizia que estava se encaminhando, mas continuava falando sem parar. Mas era o Fernando Osório, ele podia, era o seu jeito, assim como o de muitos brancos do partido.

O camarada Erivelton havia levantado a questão da necropolítica como tema importante para se discutir naquela reunião, e agora sentia suas bochechas pegando fogo, como se tivesse jogado pedra no próprio Marx. Erivelton concordava com quase tudo o que Fernando falava, na verdade entrou no partido por causa dele, mas o comportamento do professor o incomodava cada dia mais. Um dia, Erivelton descobriu vários autores negros marxistas e, pesquisando mais a fundo, ele se interessou pelas problematizações que esses autores e autoras faziam do trabalho de Marx. Ele se sentiu profundamente intrigado e desafiado. Propôs, imediatamente, que “raça” fosse um dos temas da plenária. Ele estava radiante, havia feito uma descoberta e tanto para auxiliar no projeto do partido, mas quando ele

falou sobre necropolítica, que nem era o foco de sua fala – ele mesmo iria criticar o uso do conceito – foi logo interrompido, e já fazia 5 minutos que o professor falava sem parar.

Quando o professor terminou a sua argumentação, todos/as os/as camaradas brancos/as aplaudiram longamente. Erivelton achou que poderia continuar a sua explanação, mas a contribuição do professor havia comido todo o seu tempo e o mediador pediu para que finalizasse em 1 minuto. Erivelton não pôde falar de Amílcar Cabral ou de Samora Machel, ficou entalado na garganta o coletivo Combahee River e o Haiti, que aprendeu com o professor Marcos Queiroz. A plenária seguiu do jeito deles, com a fala deles, com os autores deles, tudo muito confortável e intragável. Erivelton desligou a câmera, saiu da reunião *online* e ficou pensativo. Ele não percebeu que uma das camaradas, também negra, saiu da reunião dois minutos antes, talvez pelo mesmo motivo. Neste momento, Erivelton pensa se essa tristeza e a vergonha que sente devem ser reprimidas ou postas para fora, em forma de raiva e de crítica, mas qualquer uma das decisões lhe custarão muito caro, já que é impossível ser pelo jeito deles.

- *É o jeito deles*⁶

Gabriel Alves Godoi

⁶ A presente fábula integra a dissertação “Encontrando meu corpo: diálogos entre negritude, saúde e descolonização”, de Gabriel Alves Godoi, orientada pela Profa. Dra. Míriam Cristiane Alves, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, defendida em 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256031>.

Quarta Inscrição



Zeca Amaral

Quarta Fábula

Na noite passada caiu um temporal e inundou a casa de Jéssica. A família toda passou a madrugada levantando os móveis, tentando salvar o que era possível, depois dormiram todos os cinco juntos na única cama que não estava molhada. Mas Jéssica não dormiu muito. Às 5h da manhã, seu filho mais velho a acordou e pediu ajuda: “mãe, tô com medo, vem comigo?”. Jéssica morava na última casa de um beco, o vizinho da frente estava tendo um surto psicótico e chutava a porta de sua casa com toda a força, tentando entrar, e não era a primeira vez que acontecia. O filho de Jéssica precisava sair para trabalhar, mas temia ser atacado. A mãe abriu a porta para ele, segurando uma vassoura, e ele saiu a passos rápidos. Jéssica não dormiu mais, tomou café e se preparou para o dia: “Graças ao bom Deus, a chuva parou”.

Quando deu o horário, ela pegou a melhor roupa e foi até o CRAS – Centro de Referências em Assistência Social - do seu bairro, deu bom dia a todos e entrou na sala da assistente social, e já havia alguém lá: “Bom dia, como vai, posso te ajudar?”, “Bom dia Dona...” Jéssica fez o atendimento, depois fez outro e outro. No café, um dos colegas reclamava da farra das EADs: “Eu não confio em profissional formado à distância, não se tem critério nenhum com essa gente, são formados e se formam só pra ganhar o dinheiro público”. Ela assentiu afirmativamente, não falava nada, apenas lembrava de como havia sido difícil se formar em Serviço Social na EAD que fez, enquanto trabalhava como auxiliar de limpeza.

Passava o intervalo e ela voltava a atender, todo mundo gostava dela. Jéssica conhecia cada centímetro da cidade, cada lei, cada benefício, cada atalho no sistema que pudesse auxiliar. Uma vez, uma colega lhe perguntou onde ela morava, mas Jéssica desconversou, não gostaria que soubessem que morava na

comunidade, que sua casa era pequena e que, por vezes, chovia dentro. O que iriam dizer?! Era comum que as outras colegas do CRAS reclamassem: “Hoje em dia não dá mais pra diferenciar o profissional do usuário, não se tem postura! Não se tem ciência!”. Ou, então, indignavam-se porque as famílias não dividiam os quartos dos filhos em seus barracos. Elas riam da forma como as pessoas falavam e de como se vestiam, mas riam com tristeza, pois sabiam que era devido à condição de vida precária. Jéssica nunca falou de seu TCC, que defendia que os usuários tinham estratégias inteligentes de enfrentamento ao preferirem a rua à casa, o barraco ao apartamento abusivo, Jéssica fazia seu trabalho.

Passaram-se dez anos. Jéssica é uma das assistentes sociais mais reconhecidas de sua instituição. Algumas coisas melhoraram, outras seguem as mesmas. Ela, que foi a primeira mulher de sua família a ter um diploma, colocou os três filhos na universidade (um até faz mestrado!). Ela sabe que os novos profissionais do CRAS são melhores que os antigos, mas ela ainda não teve coragem de confessar o seu segredo: que ela era pobre e de origem pobre, mas veja só, ela já aprendeu que é negra. Ontem foi domingo e ela falou para o filho mais velho que se inscreveu na prova do mestrado. Ele ficou muito feliz por ela e já mandou um monte de livros para ajudar. Às vezes, ela pensa na mãe dela e gostaria que estivesse viva para ver que na sua casa já não chove mais dentro, que ela assiste Netflix e trabalha só 30 horas por semana; às vezes, ela se vê ou vê a mãe, ou um dos filhos nos usuários que atende e ela não sente mais vergonha, mas sim muito amor e muito respeito. “Bom dia, Dona Jéssica”, “Bom dia, em que posso te ajudar?”.

- Jéssica tem um segredo⁷

Gabriel Alves Godoi

⁷ A presente fábula integra a dissertação “Encontrando meu corpo: diálogos entre negritude, saúde e descolonização”, de Gabriel Alves Godoi, orientada pela Profa. Dra. Míriam Cristiane Alves, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, defendida em 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256031>.

Quinta Inscrição



Zeca Amaral

Quinta Fábula

Manuel Silva de Souza pegou o dinheiro que guardou a vida inteira e foi para o Japão. A decisão havia sido tomada aos 43 minutos do segundo tempo, quando o terceiro gol do seu time decretava que o Grêmio iria para o Mundial de Clubes, torneio sediado no Japão e que, em mais de cem anos de história, participaria apenas pela terceira vez. Todos os condôminos do prédio onde seu Manuel era porteiro tentaram dissuadi-lo da ideia: “Isso é loucura!”, “Sua família vai ficar como?”, “Vai gastar tudo isso numa futilidade dessas? Isso é irresponsável!”, “O senhor deveria estar preocupado com as roupas dos seus filhos e não com um time!”. Todo mundo para quem o porteiro contava tinha a mesma reação de espanto, como se estivessem na presença de um louco!

Os três filhos ficaram muito tristes com o egoísmo do pai – ele não os levaria, o dinheiro dava apenas para ele e para a esposa, que não gostava de futebol e não sabia nada do Japão. Manuel não discutiu com ninguém, o dinheiro ele vinha guardando desde os 11 anos quando começou a trabalhar nas ruas, foram anos juntando para fazer algo grande. Queria comprar uma casa boa, que não chovesse dentro ou um terreno na praia para a velhice. Mas com seus 56 anos, Manuel sabia muito bem que o que juntara não dava nem para a entrada. Já não se importava mais com isso: agora com hérnia de disco dos serviços de segurança e hérnia umbilical dos serviços em restaurantes, ele já caminhava com muita dificuldade e só conseguia trabalhar sentado na portaria e, mesmo assim, precisava levantar de vez em quando por causa da dor na barriga. A esposa dele perdeu um dedo no açougue e metade da capacidade dos pulmões na fábrica têxtil, eles eram muito frágeis, não aguentariam muito mais. Foram.

Voltaram outras pessoas, Dona Neide saiu do avião como uma musa, levava nos cabelos crespos muito bem cuidados uma flor de Sakura e seu Manuel trouxe consigo bonsais baratos e algumas quinquilharias, além das milhares de fotos que tiraram. Eles contaram para os filhos tudo o que fizeram, as coisas estranhas, os costumes diferentes, os *kanjis*, até a poesia era *haikai*, as máquinas e os jeitos. Os filhos se encantavam, e mais do que filhos, tornaram-se fãs dos pais. Eles olhavam para o horizonte do topo do morro onde moravam e pensavam o quão distante o Japão ficava, com os seus *kanjis* e *haikais*. Eles procuravam por tudo o que fosse do Japão e, depois de consumirem muita coisa, foram pesquisar e aprender sobre outros países da Ásia, da Europa, da África e da América.

Passaram-se 23 anos e o Grêmio novamente está no Mundial de Clubes, e dessa vez os três irmãos vão juntos. Eles vão ver pessoalmente tudo o que os pais viram, vão passar nas mesmas ruas e tirar as mesmas fotos e, quando voltarem, vão contar para os dois como estão as ruas, os costumes, vão trazer flores de *sakura* e bonsais. Os sonhos que o pai incutiu neles eram do desejo que para todo mundo parece loucura, mas quando o negro sonha sempre parece um samba-do-crioulo-doido para os brancos. O crioulo era doido mesmo, mas a herança dos pretos é a viagem, as andanças pelo mundo. O legado que seu Manuel deixou acabou sendo maior que uma casa ou um terreno na praia, e quando morreu, seus filhos escreveram em sua memória: “Jaz aqui Manuel, vai deixar vivo o desejo e a fome de desejar”.

- *Seu Manuel vai ao Japão*⁸

Gabriel Alves Godoi

8 A presente fábula integra a dissertação “Encontrando meu corpo: diálogos entre negritude, saúde e descolonização”, de Gabriel Alves Godoi, orientada pela Profa. Dra. Míriam Cristiane Alves, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, defendida em 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256031>.

SEÇÃO II

ENTRE POEMAS E POLÍTICAS DE ESCRITA

Dentro e fora

De fora pra dentro
Solar, iluminante
Tudo milimetricamente exposto
Nas claridades
De dentro pra fora
Escuridão, expansão
Constante espaço

De fora pra dentro
É tudo magnífico
Brilhoso, silencioso

De dentro pra dentro
Complexos
Cabeças sendo universos
Corpos transitantes
Em terra fixa

E Terra flutuando
Nas teias do Universo
Em questão de
Espaço-tempo
Tudo que somos.

Sueka

CAPÍTULO 1

A CLÍNICA NA ESCRITA

Ademiel de Sant'Anna Junior

No princípio era Caos...⁹, Caos penetra a Rima, Caos é a Rima. Cuspindo na cara de quaisquer artigos definidos, Caos e Rima debocham da gramática colonial – também conhecida como Norma. – Sorrateiramente Caos e Rima, forças sujeitas que nos acompanharão ao longo do texto, incorporam suas estranheiridades nas entranhas entre dedos e língua de quem escreve. Todas as coisas são feitas desta “Relação” – com ‘R’ maiúsculo – profere o caminhante de pés descalços e sujos de lama, parecia que vinha de longe, mas ao mesmo tempo a sensação era de que o conhecia bem. – Calma moleque, *soul* eu, Édouard Glissant (2005), hoje nós vamos caminhar um pouco, algumas coisas precisam ser tramadas entre nós. – Bora lá, então!

Precisamos afirmar a Relação, e isso não quer dizer enraizar-nos em uma espécie de língua única, ou muito menos que lutaremos por uma verdade absoluta, chega desse estrago que os moços dos itinerários e descobridores de algo sobre o outro, fizeram. Na Relação não pretendemos descobrir o outro, que por sua vez também não anseia ser desvendado, descoberto... O que nos importa é a Relação.

Ainda sem acreditar no que meus olhos conseguem escutar, sigo meu caminho com ele. Descalço e admirado olhava o mais velho, com sua barba branquinha, um chapéu preto com detalhes em vermelho que o protegiam da gramática colonial. Seguimos em frente pelas encruzilhadas. Meu primeiro

9 Trecho parafraseado do Evangelho de São João, Cap. 1, versículos 1 ao 5. Para mais informações sobre o versículo original, consulte: <https://pesquisa.biblia.com.br/pt-BR/RA/jo/1>.

aprendizado? Para escrever é preciso estar em Relação com o chão, com a terra. Nenhum escritor tem as solas dos pés macias. Todo escritor é um caminhante, é preciso experimentar sujar o pé de lama da criação.

Numa Relação – afirma Édouard Glissant (2021) – nós sempre confluímos com o outro. Êsù antilhano, o poeta nos presenteia com encruzilhadas nascidas dos efeitos da “Poética da Relação” (p. 122) que, retumbantemente sussurrada ao umbigo de quem escreve, é feita da trepada entre Caos e Rima, de onde nasce a poesia que “pressente, pressupõe, supõe, inaugura, reúne, espalha [...]” (Glissant, 2021 p. 123). Ainda tímida me atrevo a dizer para Glissant: – Eu gosto de pensar que toda bixa preta é parida também dessa fricção entre Rima e Caos, inventadas como acidente do poema, cujas criações fazem demolir os silêncios que a gramática colonial deseja manter. – Glissant assente com a cabeça, e eu continuo... Nós somos irmãs atrevidas da poesia que, abafam a gramática colonial, operando pulsações criativas, cintilando palavras-combate que entre nós, bixas pretas, travestis pretas, mulheres e homens trans negras e pessoas pretas não-binárias inventam vivências e mandigas que devem ser colocadas na encruzilhada no pôr do sol.

Sigo com Glissant, ora ofegante, ora medrosa com o caminho cada vez mais distante para a encruzilhada que ele quer me levar... Nos aproximamos do destino, quando avisto de longe sentada em uma pedra escorregadia, Castiel Vitorino Brasileiro (2019), sua beleza nua me encanta. Entre sua testa e pernas, uma flor vermelha que se dividia do cotovelo aos olhos desabrocha. Seu olho debochadamente acolhedor logo me diz: – bixa, não tenha medo. – Paciente Castiel transmite que “O fim do mundo é uma experiência corpórea, gestual, emocional e de modo integral. Porque o adoecimento [também] é um diálogo estabelecido entre todos meus órgãos” (Brasileiro, 2019, p. 17). Como experimentar o fim do mundo paradoxando minha corpa

com/sem órgãos? Será a escrita uma das experiências corpóreas de fim do mundo? Conforme esperava, ela não me responde... Sigo meus caminhos com Glissant, Castiel já de longe me diz – Lá na frente encontro a senhora! – Deitou-se na pedra escorregadia e enquanto volta a se banhar do sol-eclipse seguimos em frente. Glissant com um discreto sorriso de canto de boca me diz – Bora lá? Você ainda tem mais gente pra encontrar. – Sigo curiosa, tomando nota com meu fígado de todos arrebates proferidos.

Movida pelo desejo, já não tenho mais medo. Minha vontade é estilhaçar os silêncios que sistematicamente persistem em atrapalhar a Relação. Vou pensando em minha trajetória acadêmica, em quantas vezes encontrei lindíssimas “escritas insuficientes” que criei. Escritas que me faziam chorar, e ao mesmo tempo eram rejeitadas pelos meus pares e por mim. – Aparece menos, me diziam... – Se você, assim como eu, já escutou: - Isso não é acadêmico... Isso não é ciência! – É porque atrevidas de algum modo arranhamos a face esquelética da gramática colonial. – Isso significa que nós conspiramos modos de destruir o mundo.

A gramática colonial, essa força opressiva, sempre tenta pastorear as macumbas da bixa preta. Agora, com Glissant e Castiel, começo a compreender que é preciso estranhar a insistência na falcatrua que são as “relações ideais” que de saída já hierarquizam as singularidades de corpos que diferem dos padrões pré-estabelecidos nos discursos, cartilhas da gramática colonial. Certa vez, escutei de uma pessoa conhecida, seu incômodo com minha autonegação como bixa preta. Seu questionamento era o seguinte: – Será que você, com isso, não produz alguma segregação dentro do próprio movimento LGBTQIA+? – Segui escutando e logo chega o discurso da igualdade – Amigo, somos todos iguais, né? Você fazendo isso está se separando da luta pelos direitos da população LGBT, não? – Naquele momento nos encontrávamos em um barzinho da Cinelândia no Rio de

Janeiro, para uma conversa informal com uma pesquisadora (branca), que em 2018 já falava – e era escutada – sobre a colonização e os seus efeitos nos movimentos sociais brasileiros.

A pesquisadora partilhou conosco seu estranhamento e interrogou porque em todos os espaços que ela palestrou, era possível contar nos dedos quantas pessoas negras havia nas plateias dos auditórios que ela havia participado, e ainda sobrava dedo. Ela dizia que acabara de ler que o Brasil, segundo as estatísticas, era o país com o maior número de pessoas negras fora do continente africano. O que a ausência destas pessoas nas universidades e nos movimentos sociais que ela havia visitado queria dizer? Minha – já não tão – colega me olha, e naquele momento, baixa os olhos se escondendo no confortável pudor e silêncio ruborizado, desconfio que somente por ser aquela, uma nomeação inesperada do racismo, que havia sido feita por uma pesquisadora branca, logo, irrefutável, que colocou na mesa a infame discussão sobre a ausência de pessoas negras nos espaços universitários e nos movimentos sociais. Aqui, preciso evocar Lucas Veiga (2018) que diz:

Para nós não há saídas fáceis, nem rotas de fuga tranquilas. Há um trabalho permanente de confronto ao status quo, confronto que se dá simplesmente por existirmos. Ignorar o confronto é uma forma de resignar-se, um jeito de morrer aos poucos, bem devagarinho, enquanto o racismo vai sugando nossa energia vital. Olhar de frente para o confronto, assumi-lo, é espalhar granadas por todo tecido social, provocar explosões micro e macropolíticas, desestabilizações do status quo (Veiga, 2018, p. 86).

Retomo imediatamente o olhar para minha colega que àquele momento devolve – Perdão meu querido, vocês têm que ter paciência conosco... Tem que nos ensinar sobre isso. – Mas afinal, ensinar o que? Que

o racismo existe como estrutura fundante da sociedade brasileira? Ensinar que enquanto não discutirmos a questão racial e sua sistemática produção de subalternidades de corpos negros que não se sentem bem-vindos aos caríssimos condomínios que ainda formam grande parte da comunidade LGBTQIA+? Ou o silêncio que chega com a mera suposição de que minha corpa bixa preta instantaneamente cabe dentro de uma sigla? Não seria tarefa – de fato – das pessoas brancas confrontar o *status quo*? E sobretudo, tirar do silêncio o que precisa ser destruído?

Definitivamente, diante dos inúmeros trabalhos – inclusive o de permanecer viva – que as bixas pretas já operam na vida, ainda sou convidada a assumir mais um... o de ensinar sobre o racismo? Esta especialidade não é a minha, não foram pessoas negras que inventaram a modernidade a partir de séculos de escravização e muito menos foram as pessoas negras que pulverizaram o regime da *plantation* pelo mundo. Não foram as pessoas negras que criaram o racismo, e em nome de sua manutenção mantêm o pudor, o silêncio e a gramática colonial como financiadoras destas estruturas, sobretudo no Brasil. Nesta “economia dos desejos” (Veiga, 2018, p. 84), não será a bixa preta que se esvaziará ou esgotará seus recursos simbólicos e subjetivos em nome da expropriação de sua própria subjetividade. Opa, sinto o chão vibrando, e agora outra força poderosa vem se aproximando de mim.

É Lélia Gonzalez (2018) quem toma a palavra e chegando de sola diz: – Essa história de sermos todos iguais é balela! – o que fortalece o “mito da democracia Racial”.

Por isso mesmo, a afirmação de que todos são iguais perante a lei assume um caráter nitidamente formalista em nossas sociedades. O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados

no interior das classes mais exploradas, graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento. Veiculada pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores do Ocidente branco são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca demonstra sua eficácia pelos efeitos do estilhaçamento, de fragmentação da identidade racial que ele produz: o desejo de embranquecer (de “limpar o sangue”, como se diz no Brasil) é internalizado, com a simultânea negação da própria raça, da própria cultura (Gonzalez, 2018, p. 326).

A negação da raça e da existência do racismo como estruturantes da realidade brasileira provocam estragos nas subjetividades de pessoas negras, causam sofrimento, são responsáveis por nossas mortes que, silenciadas pelo Estado, seguem preenchendo estatísticas. Afinal, é pelo silêncio, fragmentação e estilhaçamento de nossas subjetividades que se ancora no Brasil o ideal da brancura. Mas é preciso alertar, portanto, que as pessoas brancas que gravemente insistem em manter suas potências de vida a serviço da sustentação, manutenção e atualização dos compartimentos ideológicos e segmentados que aportam o racismo, escorando-o como estrutura da sociedade brasileira, cuidado... Uma hora a casa cai... ou já caiu e você nem viu?

Quanto a esta bixa preta que aqui se inscreve? Não desejo o convencimento de ninguém sobre o que significam todas as opressões que cotidianamente somos obrigadas a experimentar. Muito menos desejo que este mundo, tal como é, seja consertado. Seria muito masoquismo de minha parte querer a restauração de um mundo compartimentado, no qual o projeto é a minha morte. Eu e Jota Mombaça (2019), de mãos dadas nesta clínica na escrita, desejamos a mais profunda destruição deste mundo:

“Desejamos profundamente que o mundo como nos foi dado acabe. E que ele acabe discretamente, no nível das partículas, na intimidade catastrófica deste mundo destituído de mundo, este mundo que até a própria terra rejeita” (Mombaça, 2019, p. 8). Já despendi muito tempo por aqui. Preciso continuar meu percurso, mas confesso que senti vontade de me demorar mais no pudor que por várias vezes apareceu até aqui, nesta clínica na escrita... O que será que se rasteja por aí?

A Didática Opressiva do Pudor

Minha memória me leva a uma *sex shop* que visitei aos 16 anos, acompanhado de colegas de trabalho, pouco mais velhas que eu. Ruborizava na constatação dos diferentes formatos de vibrador, assim como ruborizava com as diferentes possibilidades de prazer. Apesar de ser um espaço asséptico demais, tinha alguma coisa que me excitava naquela atmosfera... Elas? Fingiam naturalidade enquanto se preocupavam com a *lingerie* que “seus namorados” iriam gostar. Eu? Preocupado em ser visto por alguém da igreja, mas muito curiosa com aquilo tudo. Bixa ingênua! Mal sabia que minha invisibilidade estava condicionada à companhia das colegas brancas de trabalho. Mesmo assim, o que restava para mim era a imagem de um corpo negro, implacavelmente mal-vindo naquele local. Quando me atrevi a colocar a mão em um produto qualquer, a vendedora branca logo se dirige a mim – Se não vai comprar, não pega! Se não vai comprar nem precisa entrar... – Nenhuma de minhas amigas escutou aquela violência em um espaço que não devia ter mais de quinze metros. Cabisbaixa, saio da loja acompanhado da vendedora.

Esperei do lado de fora da loja, enquanto me questionava: “será que ninguém notou o que aconteceu?” Incomodado, retorno ao presente e me

interrogo agora por onde volta essa memória? O que vomita nesta cena? Logo, dona Norma comparece nesta escrita pedindo segredo. “Carinhosa” me alerta com veemência: – Pare de lutar menino escreva que nem homem. Pare de dizer o quão racista é o Brasil ou como o capitalismo fodeu com tudo, e de como o patriarcado estabelece suas falocracias inclusive entre as colegas brancas, ou insistir em escrever que há LGBTQIA+fobia – inclusive no próprio movimento LGBTQIA+ – Imediatamente retruco dona Norma de mãos dadas com Audre Lorde (2019), lembrando que o meu silêncio não irá me proteger:

Norma sai de perto batendo seus saltos altos no chão, ela ainda não havia compreendido que para operar a clínica na escrita, o buraco é bem mais embaixo... Norma se precipita dizendo – Eu volto maldita... eu volto. Não vou deixar que essa sujeira penetre a escrita acadêmica tão limpa que criei ao longo de séculos, não vou deixar estas estruturas serem destruídas por vocês, filhas de Caos e Rima. Escritoras do fim do mundo? Vocês não passam de lixo que ainda não voltou para o seu lugar e eu cuidarei disso pessoalmente. – Furiosa, Norma se levanta com seus exércitos e nos declara guerra. Quanto a mim? De um lado Audre Lorde, do outro Glissant, atrás Castiel e na frente Lélia, me protegem do ataque de Norma. Lélia debocha:

[...] o risco que assumimos aqui é o de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa (Gonzalez, 1984, p. 225).

Fato é que após a investida da Norma, cinco dias se passam sem que sequer eu consiga abrir esta escrita. Retorno no final de uma tarde. É dia do eclipse, sacudo a cabeça pra tentar escutar o que a caótica dos tambores deseje

com estas memórias. É ligeiro como novas perguntas sambam com meus pés: a quem serve a paralisia da escrita de uma bixa preta? Quais truques entram na quebra desse feitiço de invisibilidade no texto? Caos e Rima dão gargalhadas aqui ao meu lado, enquanto dizem – Não se preocupe, nossa garganta é o pluriverso. – É pelos dedos que Glissant me pega, acho que preciso continuar... Bora?

Inconsciente de Pudor

Bora lá então, não vou parar agora, preciso experimentar onde tudo isso quer ir... Glissant para numa estrada cheia de prédios, lá escutamos Sueli Rolnik que nos adverte sobre a atualização dos modos de ação do capitalismo. Agora, capitalismo-colonial contamina como um vírus letal a própria “pulsão de criação individual e coletiva’ fazendo dela seu motor” (Rolnik, 2018, p. 33). Se antes, segundo a autora, o capitalismo se concentrava na “[...] exploração da força de trabalho e da cooperação intrínseca à produção para delas extrair mais valia”, agora o capitalismo-colonial se embrenhará na cognição, nos modos de ser no mundo e reproduz uma relação perversa da “cafetagem” (Rolnik, 2018, p. 32) com os corpos capturados.

É preciso acrescentar aqui que essa cafetagem produz uma espécie de pertença por adesão ao clube da realidade totalitária. Neste caso, podemos pensar que o trabalho do cafetão vai precificar a própria noção de autonomia. Tanto o desejo pelo movimento quanto sua inércia sedentária são vendidas como produtos, nessa tabela que já são vários os nomes: procrastinação, autossabotagem, fórmulas e mais fórmulas de identificação desde “os psicopatas são os outros”, ou até a moda crescente das “mães narcisistas”. Tudo isso em forma de *e-books*, livros, conferências e tudo o que os sócios deste clube têm direito. Afinal, se você não se enquadrar não se preocupe, o algoritmo resolve. Logo uma indicação chega, e vamos para o próximo.

Covarde, o capitalismo banaliza importantes movimentos sociais que vão esquecendo que a estratégia colonial sempre foi “dividir e conquistar”, arrancar o nome e a subjetividade dos corpos, corpos, corpos é o que o capitalismo faz de melhor em nome de subcategorizações da vida, que expulsam histórias ao invés de acolher. Os processos seletivos exclusivíssimos – no melhor estilo de uma tal “festa da farofa” – tentam nos fixar em novas centralidades. Discussões importantes colocadas à luz do algoritmo, curtidas e cancelamentos em estoque progressivo são a mediação. São necropolíticas que, segundo Mbembe (2018, p. 78), inventam por dentro do mundo contemporâneo a proposição de “[...] ‘mundos de morte’, formas únicas e novas de existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de ‘mortos-vivos’”. Aqui, o autor fala sobre os processos de mortificação em vida, que operam expropriando a potência de vida. Banalizando sobretudo a morte e o morrer, que passam a ser naturalizadas desde projetos genocidas do tirano capitalismo, que sem nenhuma surpresa descobrimos ser o pai da Norma.

São CIDs¹⁰ expandidos como cicatrizes sangrantes da atualização das feridas coloniais, que sem tempo de sarar, dia a dia são abertas e reabertas na mesma velocidade com que arrastamos as coisas para cima e para os lados com o dedo. Com este movimento mecânico, sofreremos com a sua triste consequência, que se dá no aumento vertiginoso do número de “Messias” por metro quadrado. Na disputa pelo amor de mais seguidores, novas bulas vão sendo criadas, porque o medo agora é da falta de bateria que tampona quaisquer outras faltas, estas mais difíceis de lidar. Até o carregador agora é vendido separadamente.

Nenhuma bixa preta ou travesti preta que chega aos quarenta anos é ingênua, sabemos que não é pela “boa vontade” (Rolnik, 2018, p. 36) ou com frases motivacionais que coletivamente se retomam as potências

10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde.

criativas da vida. Enquanto meu fígado me diz que não preciso “saber me vender”, minha corpa vai se fazendo pesada demais para estar em qualquer prateleira. Mas cuidado... as cápsulas contendo fórmulas prontas, em doses únicas, são vendidas inclusive quando se trata de “ser descolonial”.

Dado que são várias opções no mercado que às vezes só parece descolado do “capitalismo-colonial” (Rolnik, 2018), várias pílulas são vendidas: antirracismo, anticapacitismo, antilgbtqia+fobia, pomadas antipatriarcais... precisamos nos cuidar com a lógica perversa que sempre mentiu dizendo “quem pode pagar está imune” e nas letras miúdas da bula, que quase ninguém lê, dizem “você pode continuar oprimindo tranquilamente as subjetividades subalternizadas pelo capitalismo”. A disputa é simples, quem tem mais seguidores, mais curtidas, o maior textão nas redes sociais, está garantido em sua pertença por adesão.

Como então combater este processo? Não é apenas pela tomada de consciência. O capitalismo agora se fixa desde a cognição, conforme nos alerta Sueli Rolnik sobre o “[...] inconsciente colonial-cafetinístico introduzida pelo capitalismo financeirizado e neoliberal” (2018, p. 37). Este, movido pelo apagamento das forças desejantes, que se transformam em cápsulas consumíveis, agora na dimensão do próprio desejo. É ainda com Sueli Rolnik que nos lembramos que em Deleuze e Guattari (2010) a convocação é por “inconscientes que protestam” como modos de resistir à cafetinagem da colonialidade. Bora ver isso então?

Lembra da *sex shop* aonde fomos mais cedo? Pois é, sempre soubemos que algo não estava bem... E mediante a expulsão de um corpo suspeito da cena composta de pudores, corpo este que não tinha grana nem vontade de comprar nada, algo quase passa despercebido na cena: o silêncio das colegas, que nem me viram ir embora. Quando cabisbaixo me interrogava em silêncio sobre “o que será que fiz de errado, como ninguém

viu o que aconteceu?” É bem aí que percebo que o “inconsciente colonial-cafetinístico” (Rolnik, 2018, p. 37) não está só, e agora notando esta outra força que caminha com ele, em nome da Norma, passo discursivamente a incluir na corpa deste texto o “inconsciente de pudor”, este definido como “descolado”, surfando na crista da onda das opressões, uma de cada vez, infantiliza as corpas negras e igualam todas as lutas como se tivéssemos que enfrentar todas, todos, todes os mesmos monstros cotidianamente, e conseqüentemente as mesmas modalidades da Norma. Balela... aliás o objetivo maior do “inconsciente de pudor” é produzir o silêncio e mancomunada com a Norma, o apagamento das singularidades em nome de uma vida uniforme. A diferença deste para o anterior está em seus requintes de crueldade, que não somente apaga, mas suicida, aniquila, cancela subjetividades e semióticas que não são queridas pela Norma.

Aqui, é preciso chamar atenção nesta clínica na escrita, para a discussão do “inconsciente colonial-cafetinístico” e seu silêncio perturbador sobre a raça. Ao não reconhecer a raça como importante sustentáculo que justifica, estrutura e sustenta as dominações coloniais será que não estamos deixando a Norma novamente dominar a cena? Aqui, Denise Ferreira da Silva pode nos ajudar a entender os riscos de não pensar a raça como estruturante primeira das opressões. A autora nos diz que a raça: “[...] transsubstancializ[a] os efeitos de mecanismos coloniais de expropriação em defeitos naturais (intelectuais e morais) que são sinalizados por diferenças físicas, práticas, instituições, etc.” (Silva, 2019, p. 35). Precisamos mais do que nunca, combater o “inconsciente de pudor” para que algum dia possamos neutralizar os mecanismos coloniais que este carrega em si. Desafio quaisquer pessoas negras a trazerem em suas memórias algum momento em que não protestaram. Mesmo silenciosos quando o espaço – dominado pela Norma – é perigoso demais para que abramos a boca. Somos

cotidianamente inconscientes que protestam (Deleuze & Guattari, 2010). Um doce e um beijo para quem se lembrar de algum pretinho, pretinha que para estar viva não precisou protestar!

O fluxo de resistência dos povos escravizados, sempre precisou existir – sem pausas – pois a reivindicação que está em operação também aqui nesta clínica na escrita é por um futuro interrompido lá atrás (Silva, 2022). Precisamos desmontar de uma vez por todas esta ficção chamada de realidade. Nunca desistimos da liberdade, em todos estes séculos de sistemático genocídio que nos mata institucional e simbolicamente. Estamos nas clínicas na escrita, e nas Clínicas Poéticas-Políticas em vias de saber como será vir-a-ser o nosso passado (Silva, 2022). A dor das pessoas negras diante da modernidade, que é inventada, não seguirá servida numa bandeja de silêncios. Não existe aqui qualquer expectativa do conserto de algo que está quebrado.

É com Aimé Césaire (2020) que chego até aqui raivosa: “tirando alguns esqueletos do armário” (p. 21) partindo do pressuposto que “[...] ninguém coloniza inocentemente, que ninguém coloniza impunemente; que uma nação colonizadora, uma civilização que justifica a colonização – portanto a força – já é uma civilização doente” (p. 21). É da compreensão radical de que não existe nada a ser salvo, ao contrário, é suportando a invenção de outros mundos que encontramos com Caos, Rima e Poesia. Sendo o cuidado com a escrita o entrelaçamento radical entre a corpa da bixa preta que requebra por poéticas fugitivas nutridas desta composição entre nós. Afirmamos sem medo, se o capitalismo é cafetão, a poesia é a puta insubmissa que rasga as entranhas dele. Com navalhas escondidas embaixo da língua, putas desejanter não sentem saudades do cafetão e declamam nas esquinas e nas encruzilhadas, nos espaços institucionais toda insanidade que escapa da tirania da Norma. Para enfrentarmos a tirania da Norma, do

capitalismo e quebrarmos o “inconsciente de pudor”, é desde o “inconsciente poético-político” que sambaremos até nascerem outros mundos.

Rastreado a Clínica na Escrita

Precisamos lembrar que, apesar de estarmos ligadas neste rolê, nossas corpas, também estão submetidas a esta realidade. Por isso, transplanto da psicanálise um dos conceitos primordiais a “associação livre” que, segundo Freud (1969), trata-se de regra fundamental para a clínica psicanalítica, Freud convoca:

Diga, pois, tudo que lhe passa pela mente. Comporte-se como faria, por exemplo, um passageiro sentado no trem ao lado da janela que descreve para seu vizinho de passeio como cambia a paisagem em sua vista. Por último, nunca se esqueça que prometeu sinceridade absoluta, e nunca omita algo alegando que, por algum motivo, você ache desagradável comunicá-lo (Freud, 1969, p. 136).

A clínica na escrita é uma experimentação viva, não passam por estas linhas quaisquer tentativas de interpretação do inconsciente que emerge, mas de quais Relações este consegue estabelecer na escrita. A escolha do pronome “na” [escrita], é proposital e conjura um portal que leva a corpa de quem escreve para as profundezas da escrita. A clínica na escrita escuta vozes ancestrais que na Relação com o texto, guiam as letras aos passados borrados pela Norma. São percepções vivas da Relação entre a Corpa de quem se inscreve e os *Corpus* que caminham pelas encruzilhadas da escrita. O objetivo é a transformação em palavra escrita, daquilo que flui pelo pensamento. Suportar não saber como será a Relação da escrita com Caos, Rima, Poesia e sobretudo com a Norma que, silenciosa, já interfere por séculos no apagamento da poética da Relação. Escrever associando

livremente significa dar menos ressonância a voz estridente da Norma. Não se preocupe com a ordem do texto, não se ocupe em um primeiro momento com a inserção de milhares de teorias e citações. A provocação que faço até aqui é: e se ao invés de adequar a escrita à teoria, que tal se a teoria conversar com a escrita, agora construída em associação livre.

A Poética da Relação (Glissant 2021) que, para além dos ideais de brancura, nos fazem pensar o apagamento, o que pode emergir como larva vulcânica que queima enquanto cria novos arquipélagos... Não seria essa uma pista importante? Corpas-larvas que operem “a liberação do imaginário, abre-se um campo múltiplo, onde a vertigem nos toma [...]” (Glissant, 2021, p. 139). Como placas tectônicas nos posicionamos no mundo, fazendo fricções. Se enquanto categoria somos ilhas existentes para fora desse mapa atravessado pela Norma, ao experimentarmos as Poéticas da Relação aprendemos, com a Nega Lu (Teixeira, 2012), a transformar as “esquinas malditas” em arquipélagos onde cabem línguas, linguagens e vivências múltiplas.

Enquanto me dedilho arquipélago nesta escrita, experimento a “caótica dos tambores”, e você, consegue escutar? Ritmalidade cantada/dançada com os seios que escorrem leite de Éşù, em festim, dentro e fora, proteína que nutre a linguagem que escorre e nos lambuza de escritas pulsantes que se atrevem a escapar da gramática colonial. O que fazer diante dessa pulsação? Engula, cuspa, saboreie, sei lá... você pode escolher, só não deixe a sua caótica dos tambores silenciar. Escrever tem sido uma forma de experimentar também a associação livre, nutrida da criação desde dentro do texto, por onde tenho me atrevido a cantar o que vive nas profundezas da letra.

Quando escutamos a caótica dos tambores, precisamos compreender que a Norma se movimentará com todo o seu exército nas profundezas do

seu reino chamado “Privilegiolândia”. As forças militares anti-caos logo chegam às escritoras atrevidas fazendo com que uma espécie de sensação de inadequação, com seus jatos de paralisia da escrita tornem os dedos de quem escreve assépticos, mentirosamente neutros. A Privilegiolândia, é regida pela desprezível Norma. Não se enganem com seus longos cabelos brancos e sua face esquelética, parecida com aquela que tentam nos ensinar na formação em psicologia. A Norma é uma tirana, que deseja manter suas intenções de dominação do mundo ativas, e assim o faz por mais de cinco séculos. Para nós, escritoras do fim do mundo, feitas de Rima e Caos, a Norma cria calabouços úmidos, feitos de quatro paredes brancas cheias de vidros pontudos, paredes cortantes que não comportarão jamais as nossas geografias.

A Norma tentará de todos os modos aniquilar a sua caótica dos tambores. O fetiche dela é aniquilar Rima e Caos. Seu desejo mais profundo é transformar o ato da escrita em algo despojado de pulsações criativas que não nos deixam reconhecer a nós mesmos em cada parágrafo. Seu gozo é concluído num texto quadrado, comportado, sem equívocos e/ou faltas, são textos onde quaisquer acidentes do poema, precisam ser tamponados com cimento. Encontramos textos assim sob o domínio tirano da Norma em muitos espaços do território acadêmico.

Como poeta, Caos e Rima sempre assopram em meu cangote palavras que combatem a Norma, mesmo assim não é fácil. A estratégia é escutar a caótica dos tambores, respeite seus arrepios escute com as pontas dos dedos, que se desengessam no instante que a caótica dos tambores começa a operar. Assim como na associação livre nada é besteira, que tal escrever sem deixar que a Norma te diga o que entra ou não no texto? Balançando a raba até o chão, encontro por baixo de toda essa merda colonial, a Relação entre forças que pulsam o inconsciente poético-político. Abraçada a Édouard Glissant (2021, p. 109), que possamos enxergar o equívoco como

poesia, e assim meu companheiro de caminhada evoca que “a poesia não é uma diversão nem uma exibição de sentimentos ou de belezas. Ela também informa um conhecimento que não poderia ser atingido pela obsolescência”.

Talvez seja preciso escutar os gemidos desse duplo entre prazer e dor, na produção de um texto e assim seguir nossos percursos pleníssimas, aprendendo com essa poética apertadinamente arrombada, as delícias da fricção entre o cu da poesia, a garganta profunda de Caos e a língua rápida da Rima. Depravadas, Caos e Rima declamam: – Bixa... a senhora precisa torcer a sua língua sem vergonha enquanto sente conosco esse duplo prazer-dor. Cada palavra rebento dessa Relação entre nós será elemento destruidor da tirania da Norma. Experimentar o prazer da criação de novos mundos inventados das profundezas da palavra antes desautorizada é o orgasmo que só acontece na fricção entre as forças destrutivas/construtivas da clínica na escrita. E por fim nunca subestime o cu... pois essa é a materialização do paradoxo prazer e dor. Mas isso vocês bixas pretas sabem bem! – Caos e Rima seguem em frente lembrando que as palavras insurgentes à altura do chão, nos fazem pronunciar o feitiço da criação de novos mundos.

Rebento Clínica Poética-Política

Em minhas práticas como psicólogo, persistir escutando vozes que cantam, dançam e declamam pela caótica dos tambores a invenção, é desafiador. Audre Lorde (2019) é quem nos ampara nesta experimentação erótica de Caos-Rima-Poesia. Sobre isso, a poetisa deixa escorrer que “O erótico é um recurso que mora no interior de nós mesmas, assentado em um plano profundamente feminino e espiritual, e firmemente enraizado no poder de nossos sentimentos não pronunciados e ainda por reconhecer” (Lorde, 2019). Para a emergência do inconsciente poético-político é

preciso também desfalocratizar a clínica e nas fricções onde o erótico é retomado como expressão do poder de transformação é que conseguimos experimentar este processo. Compreender a clínica como espaço sustentado por Relações, onde diferentes geo/biografias possam parir um terceiro, para além da figura do clínico, do paciente ou de algum grupo, é experimentar o erótico como potência combativa à Norma. Se a clínica não aposta no combate à Norma, ou deixa de ser sustentada pela invenção de novos mundos, corre o risco de, a serviço da Norma, adaptar aqueles/aquelas que a procuram – clínicos, pacientes, supervisores, professores – aos limites muito bem delimitados das opressões que estruturam na modernidade o racismo, sexismo e o patriarcado.

Não é possível construir a clínica sem a Relação, entre muitas *corpas* que, no contato com o chão, insurgem em encontros afirmados na multiplicidade. Assim como também é um equívoco achar que a clínica está restrita ao consultório, seja nesta escrita ou nas políticas públicas, na luta antimanicomial, na saúde mental ou nas organizações, seja enquanto dou aulas ou mesmo em uma intervenção institucional, é no encontro entre sabores e escutas que fazem o nariz sambar, ou a sola do pé friccionar outras realidades, que se torna possível escutar “instantes curativos” nos fazeres da clínica.

Nos exercícios da clínica, assim como na prática de um poeta, é um engano termos quaisquer pretensões, no ato clínico, de sistematização do outro. É Glissant (2005) quem sussurra enquanto dança com Lélia Gonzalez e Audre Lorde que, ao invés de deduções ansiosas sobre o outro, é preciso lidar com a imprevisível dimensão da Relação construída no encontro, ou seja, quando escuto histórias de vida, desejo me encontrar com o imprevisível que nos convoca a “[...] sincronizar-se com o presente, com o presente em que vivemos, mas de outra maneira, não mais empírica nem

sistemática, mas sim poética [...] (Glissant, 2005, p. 107). Estar disponível para caminhar errante pelos tempos da palavra, compreendendo que é nos lapsos, ou como vocífera Lélia Gonzalez (2018, p. 194), é na “mancada do discurso da consciência” que emergem memórias. Acrescento aqui, é com o acidente do poema que se quebram as pretensões de dominação empreendidas pela Norma.

É preciso estilhaçar esses “discursos da consciência” (Gonzalez, 2018, p. 194), que tentam delimitar em suas fronteiras rasas a identidade negra, para nos manter em silêncio, na dependência da empregada, nas esquinas e calçadas, na animalização e na objetificação.

A gente tá falando das noções de consciência e de memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência (Gonzalez, 2018, p. 194).

Lélia nos diz que é na “mancada do discurso da consciência” que, através da memória, reinscrevemos o passado que a violência colonial tentou apagar. Compreendo então que a erótica é a força friccional que movimenta a composição das memórias com as poéticas da Relação, transportadas aqui aos processos clínicos inventivos. Tenho pressentido que o clínico,

mesmo sem querer, acaba mais cedo ou mais tarde se tornando um poeta. Do contrário, será possível afirmar que todo poeta é um potencial clínico, à medida em que ao perceber as mancadas, os lapsos da palavra, este inventará na Relação, novas modalidades da língua e da linguagem do território que habita, recriando mundos que foram interrompidos pelos discursos da consciência. O que pode um mundo onde a tirania da Norma seja destituída pela dança da caótica dos tambores, que siga em direção a criação de futuros originários, interrompidos no passado anterior à colonização? Uma clínica onde a Relação se debruce na “voz profética em direção ao passado, consiste em que o passado não deve ser recomposto de maneira objetiva ou até mesmo subjetiva pelos historiadores. Não se trata de percorrer os fatos e os textos articulando-os de forma sistemática” (Glissant, 2005, p. 103).

Tais processos que compreendemos como fazeres da Clínica, atribuem agora a ela seu sobrenome e assim a chamarei a partir de agora de “Clínica Poética-Política”. Esta, ocupada em escorregar seus fazeres que “devem também ser sonhados de maneira profética para as pessoas, comunidades e culturas cujo passado, justamente foi ocultado (Glissant, 2005, p. 103). A Clínica Poética-Política se debruça na criação de múltiplas direções para a Cura, que conforme veremos a seguir, é compreendida além das fixações do “mito do bem-estar” ou a mera ausência de doença, transtorno ou tensão. Cura conforme discutiremos não fala da dimensão medicamentalizável, muito menos da mudança de *mindset*. A Cura não existe aqui dotada de positividade em oposição a negatividade.

Incapturável, Cura

Quando falamos de Cura – esta com ‘c’ maiúscula – falamos desta força sempre nascida por acidente, a Cura é truqueira. Nem tente perseguir a Cura porque ela, assim como suas mais velhas Caos e Rima, não é capturável.

Bora combinar com Castiel Vitorino Brasileiro (2019, p. 18) que não existe Cura sem se lambuzar de dança: “A cura é uma dança feita com movimentos de fuga. Fugir rebolando cansa tão quanto pensar a cura. E penso com os gestos obscenos de benzimento e masturbação. É uma dança difícil que me faz suar igual cachoeira”. A Cura é o atrevimento dos encontros clínicos em direção ao imprevisível. A Cura tem seu próprio tempo:

O Tempo de Cura não é da colonialidade. E esse Tempo é inaugurado durante a gira e experienciado de um modo singular, que é o jeito de corpo que assumimos enquanto a macumba acontece. Tempo é História e a História é um gesto com mãos que curam e masturbam, e com pernas que ajoelham e viram caudas. A História é tempo da gestualidade curandeira ser compreendida pelo ocidente como ‘profana’. O Tempo que Cura é da História de Cura que não deve ser compreendida por esse Mundo (Brasileiro, 2019, p. 13).

Quantos mundos são paridos pelas bixas pretas? De quantos gestos precisamos para compreendermos de uma vez por todas que somos um “pedaço do mundo” (Brasileiro, 2019, p. 13)? Sei que não é fácil chegar até aqui... Tem dias que a Norma chega com tudo, e sua tirana como sempre interfere nos fazeres curativos da clínica poética-política. Quando fico descuidado, as paredes coloridas de meu consultório passam rapidamente para uma cor sufocantemente branca, e cheia de cacos de vidro. Quando não consigo escrever sei que é a tirania da Norma cobrando a assepsia do texto. Já sabemos que estas paredes úmidas, gesso e espinho são partes do calabouço da Norma, mas e o seu desespero, já esquadrimos? Que tal se cada leitora descobrir seu próprio modo de causar desespero à Norma? Até que possamos enfraquecê-la a ponto de que ela não seja mais uma tirana.

Sabemos que o tecnológico capitalismo – pai da Norma – logo chegará, atuando em seu favor, despejando a sensação de dívida, atrapalhando o

sentir na clínica poética-política. Se o clínico-poeta fica desatento, logo surgem as velhas cobranças – Devo dizer? Devo fazer? Devo manejar? Devo intervir? Devo... devo... devo... Dívidas que tentam tamponar o que sentimos. Frases prontas que colam tudo num só lugar, e brotam enraizadas pelo inconsciente de pudor. Até que atento ao instante, o clínico-poeta percebe o equívoco e, com ele, a escuta desabafa friccionando a reconfiguração dos arrepios. É na escrita “petra – pe-tra? (equívoco). Tra tra tra... “Bixa preta tra tra tra...”¹¹ (memória e associação livre), que somos paridas pela clínica poética-política, como in(ter)venção da clínica na escrita.

Inconsciente Poético-Político

Chego até aqui quente, parida e pressentida com unhas e dentes por Édouard Glissant (2021), Audre Lorde (2019), Lélia Gonzalez (2018), Castiel Vitorino Brasileiro (2019) e tantas outras que me fazem rebento vingado toda noite. *Soul* daquelas que habitam a madrugada povoada por muitos gestos que me localizam entre o “pensamento poético e a escrita” (Glissant, 2021, p. 112), afinal estas duas forças são vizinhas fofoqueiras – sabem da vida de todo mundo, em todos os tempos, inclusive daquelas e daqueles que aqui estiveram antes de mim. Sentadas na calçada, lado a lado, “amontoados ritmadas” (Glissant, 2021, p.112) me ensinam a reconstruir imaginários borrados pelo colonialismo. Imaginários que transpiram “ecos-mundos” in(ter)ventados por “cada indivíduo e cada comunidade [...] para viver ou expressar as confluências. Cada indivíduo toca essa música e cada comunidade também” (Glissant, 2021, p. 122).

Escritas e pensamentos poéticos sentadas à beira da encruzilhada com suas chinelas feitas de relâmpago poético, se destroem e se refazem

11 O trecho é extraído da música Bixa preta de Linn da Quebrada, lançada em 2017. Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/bixa-preta/>.

numa “cintilação multilíngue” (Glissant, 2021 p. 122) uma na outra, uma é outra, entre umas e outras. Forças vivas de múltiplas línguas onde podemos inferir nesta clínica na escrita, que “O pensamento analítico é convidado a construir conjuntos, cujas variações solidárias reconstituem a totalidade do jogo. Esses conjuntos não são modelos, mas reveladores do ecos-mundo. O pensamento compõe música” (Glissant, 2021, p. 121). Da escrita e do pensamento poético escorrem o suor do buço que salga a boca com profecias construídas do “rastros-resíduo” (Glissant, 2005) de um passado rasurado, onde nunca paramos de tramar, conforme já evidenciamos.

Falando sobre si, a escrita e os pensamentos poéticos, relembram os equívocos. Riem alto até amanhecer, e quando tropeçam no próprio rastro de uma “letrinha errada aqui”, de uma “frase mal pontuada ali”, gargalham alto, incomodando os limites tirânicos da Norma. É da calçada e à mesma altura do chão, que uma e outra sem sobreposições hierárquicas dão lugar à “clínica na escrita”, por onde a poética da Relação não se ocupará em afirmar uma identidade alicerçada na “Raiz única” (Glissant, 2005, p. 38), monogâmica, fiel e exclusiva para o consumo do capitalismo. Tramamos com Glissant (2005, p. 38) “identidades rizoma”, ou seja, pode até ser conhecida como raiz, mas não tem nada de exclusiva, porque só existe inegociavelmente do encontro com outras raízes. A poética da Relação (Glissant, 2021), por fim, só existe quando nutrida por inscrições onde o solo promova inaugurações, reencontros e esparramamentos que mesmo escorregadios podem nos levar em direção àquilo que ainda não conhecemos.

Já encaminhando essa prosa ao pluriverso, lembro do chocalho da cascavel, quando o escuto me arrepio... primeiro fico imóvel, depois corro e grito – Zeca Amaral, corre bixa preta, corre que tu é amefricana... Corre porque dos “becus” ao mato não seremos alvos (Amaral, 2022, p. 36). Corríamos e corríamos ofegantes relâmpagos. Quanto mais corríamos,

mais o chocalho se aproximava com sua poética advertidamente mortífera e afinada pronta pro bote. Cansamos e fomos ao chão, nos entregamos à dança da cascavel e ali rimos, ri(t)mos alto ao notar que o chocalho era nossa própria raba fugitiva que declama assim como tantas bixas pretas, travestis, sapatões pretas, lésbicas negras, homens e mulheres trans pretas e pessoas não-binárias pretas a poética do fim do mundo. Aqui tudo é Relação, as mutações e emaranhamentos inventam radicalmente novas humanidades.

Seguimos reclamando as 1078 línguas apagadas do território brasileiro, escorrendo pela saliva do pensamento poético “[...] antes ou depois do acidente do poema, ou por meio dele, tenta se construir em sistema axiomático: tenta entrelaçar o desentrelaçável e daí a ocasião de um encontro do tipo infinito, em que ciência e poesia se equivalem” (Glissant, 2021, p. 113). Nessa equivalência entre o pensamento poético e a escrita é que subvertemos a realidade como ela é.

Perceba, querida leitora, leitor para quem escrevo, que tivemos muitos nomes ao longo da clínica na escrita. Assim é o desejo desta bixa preta; um dia em meus cadernos já não caberão tantos nomes e tantas palavras que atrevidamente escaparam das censuras de merda que se impregnaram em mim, amarrando minhas bocas, escutas e sentidos... Mordaças apodrecidas, sujas do sangue pisado que o colonialismo fez escorrer de nossas bisavós. Outro dia, escrevi nos meus diários que eu preciso de palavras que extravasem as fronteiras que nem sei que existem em mim. Declaro repetitiva, persistente e derradeira que a clínica na escrita é, para mim, um manifesto transgressivo de Cura, invenção de novos mundos, criação da raba rasteira da cascavel e manifestação bruta do inconsciente poético-político que combate a Norma em seus mecanismos coloniais. A clínica na escrita é sobretudo fricção que me faz parida e parideira de

poéticas da vida, puta que se atreve por baixo das palavras inventadas em constante “vir-a-ser”, vira-se, virar-ser, virou.

Amanhece em nosso caminho, Édouard Glissant e Castiel Vitorino Brasileiro seguem em frente com Lélia e Lorde. Ao sentirem que preciso me demorar mais na encruzilhada nos abraçamos com força, enquanto lágrimas escorrem de meus olhos e de minhas bisavós. Percebo que não estou só. Castiel de mãos dadas com Caos e Rima me lembra – Bixa, está na hora de construir sua tese de doutorado. Nós estaremos contigo em cada passo deste percurso que é de Cura, de afinação, afirmação, destruição e construção de projetos de liberdade e novos mundos. Caos e Rima lá da frente berram palavras pela minha boca, para eu não esquecer: Fuga sem um projeto coletivo de liberdade não é fuga. É troca de cativeiro...

Referências

- Amaral, Z. (2022). *Bixa preta & amefricana: Contação de histórias dos becus à ancestralidade* (1. Ed.). Appris.
- Brasileiro, C. V. (2019). *Quando Encontro Vocês: Macumbas de travesti, feitiços de bixa*. Editora da autora.
- Césaire, A. (2020). *Discurso sobre o colonialismo*. Veneta.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2010). *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* (1. Ed.). Editora 34.
- Freud, S. (1969). O interesse científico da psicanálise. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XI. Imago.
- Glissant, É. (2005). *Introdução a uma Poética da Diversidade* (Tradução de Enilce Albergaria Rocha). Editora UFJF.
- Glissant, É. (2021). *Poéticas da Relação*. Bazar do Tempo.
- Gonzalez, L. (1984) Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*. Anpocs, 223-244.
- Gonzalez, L. (2018). *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. Filhos da África.
- Lorde, A. (2019). *Irmã Outsider: Ensaios e conferências*. Autêntica.

Mbembe, A. (2018). *Necropolítica* (Tradução de Renata Santini). N-1 edições.

Mombaça, J. (2019). *Não vão nos matar agora*. Galerias Municipais.

Rolnik, S. (2018). *Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. N-1 edições.

Silva, D. F. da. (2019). *A dívida impagável*. Casa do Povo.

Silva, D. F. da. (2022). *Homus Modernus: Para uma ideia global de raça* (1. Ed.). Cobogó.

Teixeira, P.C. (2012). *Esquina Maldita* (1. Ed.). Libretos.

Veiga, L. (2018, jun.). As diásporas da bixa preta: Sobre ser negro e gay no Brasil. *Revista Tabuleiro de Letras*, 12(1), 77-88.

Prazer em toques e sentidos

Gozar
É com a mente
Corpo apenas
Expele
Extrapola
Expande
Tudo de dentro

Gozar
É estar
Com a mente
Tranquila
Corpo sã
Consciente
Entregue
Antes de tudo
A si.

Sueka

CAPÍTULO 2

INFÂNCIAS PRETAS: CORPAS-TERRITÓRIOS E INSTITUIÇÕES

Jéssica Gomes Santiago
Míriam Cristiane Alves

Quem eu sou? Em algum momento... em alguns momentos esquecemos quem somos. Esquecemos e vivemos como se a vida fosse mesmo passageira, como qualquer pessoa que cumpre ou não com suas obrigações, que respira, que trabalha, que “vive”. Mas nosso corpo ainda é pauta, e não quero lembrar quem sou a partir da pauta do Outro Branco. Meu corpo é pauta no teu silenciamento, no teu desejo, no teu amor, no teu racismo.

Meu corpo? Minha Corpa?

Meu corpo é pauta nele mesmo. É pauta na palavra, em minha própria existência, pauta na poética-eu – minha Corpa. Meu corpo é pauta em minhas escolhas, onde permaneço, no que decido dizer do que penso, na minha continuidade. Meu corpo é pauta no encontro, pauta na fricção, na criação, em meus caminhos meu corpo é pauta, ele é pauta nas encruzilhadas, é Corpa. Meu corpo chama, meu corpo convoca, meu corpo convida, meu corpo exprime vitalidade. Meu corpo é meu sonho, é insubmissão. Meu corpo é lágrima, é cura, é rio, é estrondo, rompimento, rasgo, reflexo. Meu corpo é retorno do amanhã. Meu corpo é sangue corrente, é quente. Meu corpo quebra a corrente. Meu corpo não é um corpo, é O corpo – é Corpa.

Meu corpo, sou eu – Corpa.

Se saber. Uma frase curta que reflete dimensionalidades, imensidões; a própria frase se perde em meio a tamanha intensidade que exige *se saber*. Talvez seja uma (re)descoberta de si, em que não há pontos finais. *Se saber* é também sobre transformar(-se), sobre reticências, sobre ruínas, (des)conexões, invenções, fantasias, criações, sobre memória-história (Nascimento, 2021), sobre possibilidades.

Ao ingressar no Acolhimento Institucional para crianças e adolescentes, deparei-me com diversos não saberes, não *só*¹² meus. Não saberes de diversas dimensões, daqueles que ora são estratégicos, que mais dizem de negações, do não desejo institucional em deparar-se com o emergente, ora o não saber da vida, do que abre caminhos para descoberta e para descobertas de que não se sabe e das coisas que não se sabe.

Eu, filha, metida, poetisa, curiosa, psicóloga, preta, descobria-me... descobria-me ali, em caminhos de me saber; encontrei vidas que me convocaram a um não saber que também negava em certa medida, mas que, ao mesmo tempo, descobria. Nós nos descobríamos apunhalando as artimanhas colonialistas insistentes em nos manter imobilizadas. Ali estávamos em uma Instituição – cujo papel primordial seria a proteção das infâncias, para além de seus corpos – descobrindo o que ela também poderia representar para nós, que talvez não dissesse sobre proteção. Descobri também diversos outros lugares, encontrei-me com minha própria infância, mas além de mim, encontrei com outras infâncias, diferentes da minha, e que dialogavam atemporalmente comigo, com minha história. Conversava com elas e com suas histórias.

Há, porém, uma dimensão a qual não alcançamos, um lugar onde essas infâncias são preservadas, onde seus tempos singulares, seus brincares, suas invenções, suas existências, seus territórios são protegidos

12 Dependendo do corpo que se habita, as Instituições nos forçam a processos perversamente solitários e violentos.

das invasões institucionais/Coloniais, onde a memória-história se compõe e anuncia seus fragmentos em suas próprias Corpas. Pensar essas infâncias atravessadas pelas Instituições requer o mínimo de sensibilidade onde facilmente assimilamos violências e, curiosamente as justificamos e as tornamos coerentes e, ao mesmo tempo em que a sofremos, a reproduzimos. É necessário cuidado.

A Família, Instituição nascente dessa criança, inscreve nesse corpo registros mnemônicos que reverberam, comunicam, anunciam elementos de sua história que vêm antes de si mesma. Concomitante, carrega em seu corpo anteriores registros que o marcam, o determinam, o degradam. Neste sentido, há compositores desse corpo que dirão de algo que fora inventado, a invenção colonialista: o Negro¹³ (Mbembe, 2018, Nascimento, 2021). Aquele que habita o imaginário que enclausura, que torna o corpo negro objeto; apesar disso, há algo que diz do anterior; que extrapola o corpo, o corpo colonial, algo que dirá da Corpa, lugar onde o colonialismo não chega. A Corpa, portanto, não é o contrário de corpo; Corpa é localidade, é lugar de existência, nem subversivo, nem submisso, Corpa é o que é, e nela se habita; a Corpa produz outros imaginários, é vida, potência de vida, energia vital. Corpa não é uma só coisa, Corpa sequer é coisa.

Se saber alimenta o fato de não necessariamente estar fora de um território colonialista, mas projetar-se para locais que sinalizam e simbolizam a atemporalidade de sua existência (Martins, 2021), no sentido de rememorar existires não pré-coloniais – pois dividir o tempo a partir desta perspectiva é colocar o colonialismo no centro –, mas considerar sua Corpa como a própria história-memória-imensidão viva.

13 A Família é também local de perpetuação/manutenção desses registros colonialistas, numa perspectiva de estas localidades (Família, Colonialismo, Acolhimento, Estado) estarem em interação ininterrupta. Silvio Luiz de Almeida (2020) fala sobre os valores e regras institucionais que se perpetuam em todas estas localidades, inclusive os Racismos Estrutural e Institucional, que passam a exercer praticamente papel de valor institucional, logo, se Família é Instituição, reproduz lógicas institucionais.

Amefricanidades (Gonzalez, 1988) abrem caminhos para outras perspectivas da historicidade a qual escrevemos e fomos inscritas, corporificam-se histórias escritas por mãos negras (Nascimento, 2021) e possibilitam questionamentos de feitura impositivamente brancas e, neste sentido, como são possíveis as infâncias pretas? Como são possíveis as infâncias pretas em Instituições de Acolhimento? As infâncias também são institucionalizadas? Como são possíveis os existires das crianças pretas em Instituições? Logo, se a Família é a primeira Instituição (Oyèwùmí, 2020), a que Instituições a Família preta foi atravessada e impedida? A quais Instituições o simbolismo da Família preta corresponde e é configurada? À Instituição institucionalizada pelo Colonialismo. Este que se mantém intacto, atualizado, confronta o ilógico de *vi-ver*¹⁴. A que Família é concedida a vida? Especificamente – ou nem tanto –, em que Família as crianças, as infâncias podem existir?

Esse manuscrito dialoga, em narrativa ficcional, sobre crianças-infâncias pretas nas Instituições *Família* e *Acolhimento Institucional*, assim como faz retorno, ao revisitar alguns locais por onde pessoas pretas são colocadas: retorno *Família* (nascente/ de origem), *Acolhimento Institucional*, *Família branca adotiva* onde crianças pretas são inseridas. Destarte, o processo de adoção destas crianças pretas por Famílias brancas é um dos pilares das problematizações aqui trazidas.

Trata-se de uma *escrevivência* (Evaristo, 2020) que tem como objetivo enunciar experiências e travessias institucionais com crianças pretas em processo de adoção por Famílias brancas, problematizando o Racismo Institucional expresso tanto pela Instituição *Acolhimento Institucional*, quanto pela Instituição *Família*. Envolta pelas águas de Conceição Evaristo

14 Vi-ver a difusão das dimensões tempo e Corpa, compreendendo as composições do tempo; o tempo agora é o próprio tempo ontem e amanhã, o tempo espiralar (Martins, 2021), que será o agora e o ontem. Nesta fusão, portanto, a Corpa projeta sua própria memória-história que existe e transita em dimensões atemporais, comunicando caminhos, encruzas, palavras, corpos.

(2016), escrevivo em ficção memórias-histórias, que em *fricção* (Alves, Sant'Anna Jr., & Izidoro-Pinto, 2023) dão carne, osso e espírito às discussões teóricas e epistemológicas aqui apresentadas.

Na arte da escrevivência habitam indagações, invenções, experiências de ser-estar no mundo, desejo, criação. É a própria realidade da ficção que potencializa a vida do detalhe da vida, que na realidade real se faz efêmero. Escrever é exercer o direito de criar a própria história (Evaristo, 2022). Atribuímos outro significante para criar¹⁵, que é, portanto, o resultado da fricção de vidas com vidas, do nascimento de uma terceira coisa, que habita o inesperado, o atemporal e que as palavras-corpo/corpos-palavra trazem como efeito da corporificação dessa fricção. Assim, *vi-ver* relaciona-se com os tempos dos corpos em fricção que evocam memórias-histórias perspectivadas em ângulos não capturados por *um real* que alimenta uma história única (Adichie, 2009). Ficcionalizar torna-se *vi-ver* a espiralidade da relação do tempo (Martins, 2021), da narrativa, da fantasia como elementos vivos e tecnologias ancestrais, para além de sobreviver, experienciar a vida a partir de seu próprio lugar, da Corpa que torna o corpo a própria experiência.

A realidade da ficção é a que se põe na narrativa da personagem Onà, dos tempos que habitam sua Corpa, dos detalhes de fragmentos de sua história que se apresentam na temporalidade de nosso encontro, no que é possível escrever dizendo de nós e no que é possível criar no encontro com a sua história. Falamos do real que proporciona o detalhe para o ficcional e lança luz a histórias “impossíveis”. A ficcionalidade em Onà, Fayola, Kayin se entrelaça em fantasias e realidades, e como diz Conceição Evaristo (2020): “escrever é uma forma de sangrar”. São histórias que sangram, que nos fazem sangrar, e também fazem o sangue correr entre as veias, vitalizando

15 Utilizamos a palavra “criar” no sentido de nascer, de brotar, florir, do novo, diferentemente de criado, servicial.

Corpas-memórias-histórias de infâncias pretas, pois Onà é Onà e outras pretas crianças, Onà é também a fricção de vidas com outras vidas.

Preto que é Preto Ilumina porque é Preto?¹⁶

*Onà. Curiosa, brincalhona, criativa, criadora, fantasiosa. A fantasia, dia após dia, era sua maior aliada. Imaginava vidas, histórias, cenários. Já não sabia se um dia o que criava dentro de si havia realmente acontecido, ou se era apenas fruto de sua imaginação. Onà, ainda que em tenra idade, seis anos apenas, já havia descoberto diversas coisas sobre a vida, e conheceu o racismo muito cedo, ainda que não soubesse nomeá-lo, o sentia. Foi tirada de sua família e mandada para o Acolhimento Institucional, onde ouvia que as únicas opções que tinha era crescer ali ou ser adotada, mas que adoção, por ser quem ela era, preta e mais velha, seria muito difícil. Ela não entendia. Não entendia porque ainda era muito pequena, mas também não compreendia por que, mesmo ainda tão pequena, tinha poucas opções, e que ainda que uma das opções, que poderia lhe dar outras possibilidades, era a mais difícil, por ser quem ela era. **E quem ela era? Se perguntava. Apenas uma criança! Se respondia.** Onà conheceu o racismo muito cedo, ainda que não soubesse nomeá-lo, o sentia.*

Onà faz levantar diversas questões nesta ficção-fricção. Perguntamo-nos onde, quando e como se inicia um processo de deslocalização de um corpo-infância, onde se sofre massivo investimento para manutenção de sua deslocalização. Molefi Kete Asante (2009) nomeia afrocentricidade como a noção de sua própria localidade e agência, questionando, ao mesmo tempo, de que modo é possível existir

16 Jorge Aragão, 1999.

sem que o Outro¹⁷, branco, seja seu centro. Ou seja, a afrocentricidade diz sobre a percepção de sua própria localidade, sobre ser seu próprio centro, assim como sobre coexistir. O movimento de afrocentrar é composto em se saber a ponto de se perceber também deslocado, provocando o movimentar de um corpo que sente, que fratura, que sofre o Colonialismo, que o desnaturaliza.

Ocorre que, ao tratar das infâncias, localizamos os questionamentos e conceitos a partir de outra perspectiva, sendo necessário, inclusive, retornar à nossa própria infância. Na cultura ocidental há um modelo de ser humano, e o sujeito negro – se como sujeito for reconhecido – que foge a este padrão, torna-se menos humano. Nessa esteira, ao mesmo tempo, esse sujeito negro, ao investir em sua humanização, necessita, em certa medida, do olhar de reconhecimento do Outro branco, para então sê-lo, como dialoga Franz Fanon (2008). Ou seja, tem este Outro branco como centro, estando à margem dele e de si – nessa experiência não há coexistência, há norma para existir. Estas considerações, nos fazem voltar a refletir sobre a localidade das infâncias pretas em Acolhimento Institucional, que são desumanizadas e não estão imunes ao Colonialismo.

Onà é uma criança de apenas seis anos de idade, determinada ao olhar do Outro branco, assim como toda criança que, talvez ainda não sabendo de seu próprio corpo, necessita inteiramente do corpo do outro. Sua Corpa dá significado à sua existência, desenha caminhos e possibilita a manifestação da sua memória-história (Nascimento, 1989). Caminhos de ser-sendo, de ir ao encontro de si, da existência a partir de outro lugar, do ancestral, da dimensionalidade simbólica para além do corpo feito de

17 Como aquele que se diferencia do outro e que se supõe saber, assim como é suposto saber. Aquele cujo poder, superioridade e dominação são atributos compositores da Instituição Colônia, em uma ordem simbólica. Na psicanálise lacaniana, o Grande Outro é aquele que atribui a linguagem ao outro, que se diferencia legitimamente do outro, que estabelece a diferença entre si e o outro, que não é semelhante e que o outro busca sê-lo.

carne e osso. Não há como afirmar da localidade de Onà, ou de qualquer outra criança preta cuja infância está passível a determinações, assim como é inevitável pensar que episódios como o de Onà, onde um corpo vira mercadoria, rememora episódios passados – mas nem tanto – em que a moeda era o próprio corpo preto. Que caminhos são estes, que se tornam mantenedores e mantenedores de lógicas coloniais? Algo que vem antes dessas infâncias, que se atravessam nas Famílias pretas – e não apenas – e que determina lugares e não lugares.

O Colonialismo produz elementos que forjam a existência preta, o corpo negro, colocando-o distante da norma – corpo zoomorfizado (Nogueira, 2014), demonizado. Um corpo que clama salvação, desalmado, um corpo suposto, necessitante de alma, passível à deus-pai-todo poderoso, que teve a chance de se aproximar mais do centro ocidental; para isso, perdeu nome, sobrenome, cultura, vivenciou a deturpação de sua própria história, apagamento, silenciamento, em nome da fantasia brancocidentocêntrica de si e do outro. De que maneira, portanto, pensar as infâncias inseridas em Instituições de Acolhimento e posterior inserção em Família branca adotiva, quando o que opera ativamente é o Colonialismo? É possível a existência dessas infâncias não apenas no que diz respeito a meios de subsistência, mas à sua própria Corpa? O que podem as infâncias pretas?

Talvez seja importante admitir que o início desta linha esteja emaranhada em um grande e complexo nó, mas sejamos insistentes, enozaremos ainda mais, ou soltaremos um pouco mais dessa linha. Descobriremos. Para tanto, compreender a ideia de que tipo de Família é concedida à vida em junção com que corpo é compreendido humano, pois aqui, neste território, uma coisa está diretamente ligada à outra, não sendo, inclusive, coisas distintas, seja importante para situar-nos nas localidades dos corpos que vieram antes de Onà, ao mesmo tempo que a compõe.

Isso não significa dizer que reduziremos a história-memória da Corpa Onà a um único fato, Chimamanda Ngozi Adichie (2009) nos alerta sobre o perigo da história única. Tomemos cuidado para não cair nas armadilhas Colonialistas, mas que consideraremos perspectivas que a possibilitam escrever e inscrever-se na sua própria história. Inscrições afrodispersivas – ou diaspóricas –, que enuncia na Corpa de Onà, sua história-memória, que vem antes da história desse território Amefricano (Gonzalez, 1988) que, ao mesmo tempo, hoje o compõe. Falamos de uma Corpa Ancestral. Aqui, dialogamos com Eduardo David de Oliveira (2005, p. 128) que corporifica uma noção de corpo ancestral, que fala do “preexistente existir”, trazendo outro sentido, relacionado à “anterioridade”, à memória, história, possibilitando-nos relacionar à própria Corpa.

Portanto, infâncias pretas não são poupadas dos mecanismos Institucionais Colonialistas, que força o corpo preto a impossibilidades de vida, desterritorializando-o, marginalizando-o de si, mas sua Corpa transborda existência, continuidade, memória, ancestralidade. Ainda que um corpo esteja assujeitado às condições Colonialistas, desejeante em capturar a Corpa, mas *vendo* apenas o corpo, tenta pegar oceano com as mãos, e o pouco que consegue, escapa-lhe entre os dedos – há um lugar em que o Colonialismo não chega.

Famílias: diversos caminhos, um só destino?

Atravessei o mar
 um sol da América do Sul
 me guia
 trago uma mala de mão
 dentro uma oração
 um adeus

Eu sou um corpo, um ser, um corpo só

Tem cor tem corte
 E a história do meu lugar
 Eu sou a minha própria embarcação
 Sou minha própria sorte

Luedji Luna, 2017.

Fayola fantasiava uma Família de origem que jamais (re)conhecera. Fantasiava retornar para esse lugar do qual nada sabia. À noite, quando conseguia pegar no sono, já cansada de tanto sonhar acordada, sonhava com aquela que a abrigou em seu corpo, sonhava com sua primeira casa. No sonho, havia um campo enorme, uma lagoa, gangorras, outras crianças brincando, risos, mulheres pretas, lençóis no varal que dançavam ao toque do vento. Havia memórias que eram suas, outras que não eram, mas tocavam sua Corpa e incorporavam em seu corpo. Ao narrar suas aventuras noturnas com riqueza de detalhes, era como se realmente tivesse vivido tudo aquilo.

E quem disse que não?

Os sonhos-fantasia de Fayola a projetam para o que talvez possa dizer de sua Corpa-memória, há inscrições que a constituem e que a fazem história, de modo que sua historicidade não inicia ao seu nascimento, mas também. Ocorre que pensar-sentir sua localidade, deslocalizada de si, incita-nos a pensar-sentir a trajetória a qual foi destinada a trilhar. É necessário retornar. Diferente do retorno que deseja Fayola, mas ao fato da Instituição Colonial ter violentamente reconfigurado e, talvez, criado permissões e impedimentos de modos de vida para sua existência.

O corpo preto tornou-se rentável, o útero tornou-se importante mercadoria, produção de *escravos* em solo nacional, infâncias enclausuradas e a dissolução da Família preta. Às mulheres escravizadas, submetidas não apenas a parir *escravos* – além de serem objeto de gozo de seus donos –, mas

a nutrir bebês que nasciam de suas senhoras e seus senhores. Instaurou-se uma violenta política sexual, cometida contra pessoas pretas, por pessoas brancas (hooks, 2020).

As Famílias que tinham a permissão de existir eram aquelas cujo exercício do poder sob o outro era imperativo, onde a concessão divina era privilégio. Compreender o exercício deste poder operando ora implicitamente, ora nem tanto, nas Instituições contemporâneas, coloca também a Família enquanto centro destas problematizações. Desta maneira, o silêncio-segredo mantido enquanto elemento mantenedor destas posições de poder – segredos como a escravidão, como o Racismo Institucional (Kilomba, 2019) –, impede a queda das estruturas que sustentam a *lógica* Colonialista, ou ainda, impede que percebamos as rachaduras nestas estruturas.

A partir disso, impera um padrão de ser humano e deste padrão nasce também um padrão de Família, atravessadas por *cistemas*¹⁸ patriarcais, a Família não está só, Igreja e Estado a compõe, seja por modos interventivos, inventivos e/ou mantenedores de um cenário normativo, o qual estabelece demarcações territoriais nestes modos de fazer-ser Família. Configura-se, na *lógica* Colonial, lugares demarcados, dualidades opositoras e normativas. Assim sendo, pai é igual a homem que é igual a marido, que é diferente e superior à mãe, que é igual à mulher, que é igual à mulher¹⁹, e por fim filho, igual a biológico e filha, igual à biológica. Lugares demarcados de um núcleo Familiar (Oyěwùmí, 2020) já posto.

18 Utilizaremos este termo como uma referência crítica à normativa dos corpos que implica e impõe a dualidade e exige uma série de signos coerentes a esta normativa. O prefixo cis, portanto, refere-se não à cisgeneridade ou às pessoas cisgêneras literalmente, mas à ideia, à imagem cis que, composta por outras ideias e imagens, reflete a exigência de estaticidades de ser e existir, impossibilitando outros caminhos.

19 Mulher como sinônimo de esposa, porém optamos por usar “mulher”, trazendo a crítica a este termo e o significado simbólico que expõe este papel. Ser mulher e esposa são as mesmas coisas, as funções não mudam, as construções sociais para esta posição são as mesmas? Que funções carregam estes papéis, de mulher e “mulher”?

Sob outra perspectiva, a experiência preta traz inscrita em sua Corpa a vivência em Família-comunidade. Beatriz Nascimento (2021, p. 115) evidencia os quilombos enquanto territórios de memória viva, territórios existenciais de grandes comunidades pretas, um “sistema social alternativo”, emancipatório, autônomo, libertário, (re)localizador. O papel dos quilombos, dentre tantos, foi e ainda é, não apenas manter corpos pretos – entre outros – vivos, não pela via da sobrevivência, mas fazer viva a Corpa-história-memória, não à toa resistem até os dias atuais. Quando Beatriz Nascimento (2021) os nomeia enquanto “continuidade histórica”, evidencia também o fato da existência da comunidade enquanto local simbólico.

As culturas de Família-comunidade ultrapassam inclusive laços consanguíneos, sendo a experiência em comunidade a que desenha as relações, assim como se deu nos quilombos, como algo ancestral que manifesta-se mnemonicamente. Sobonfu Somé (2007), ao narrar sobre o povo Dagara, relata a vivência em comunidade, onde é estabelecido o cuidado mútuo entre as pessoas e principalmente o cuidado com as crianças, em que é possível transitar entre a comunidade, a prole, torna-se não apenas responsabilidade da mãe, mas de toda a comunidade.

Fluindo em Sobonfu Somé (2007), transitamos entre as comunidades de terreiro estabelecidas no Brasil em que, não à toa, a relação entre as pessoas é nomeada a partir da familiaridade e da potencialidade em reterritorialização de um povo que fora fragmentado em diversas dimensões. As comunidades de terreiro são também o lugar em que, assim como os quilombos, vive-se a comunidade a partir da perspectiva em que existir alcança dimensões não visíveis, mas cosmoperceptíveis (Oyèwùmí, 2020). O território comunidade de terreiro torna a Família ancestral um caminho, a partir de rituais de iniciação, o reconhecimento do sujeito também como membro da Família ancestral (Machado, 2019). Nas comunidades de

terreiro, o sujeito reconhece a dimensão Família para além das pessoas que constituem o território carnal, ou seja, reconhecem a Família a partir da orixalidade e ancestralidade que forjam o viver comunitário.

Destarte, quando Beatriz Nascimento (1989) evidencia a percepção de Orí enquanto elemento vital, que nos traz à vida a potência de existir, reaviva a história-memória enquanto manifestação da existência ancestral. História-memória que coabita dimensões simbólicas e territórios políticos de corpos enclausurados a um único modo de existência, mas cujas Corpas, invisíveis aos olhos ceifadores do Colonialismo, sustentam um modo de existir em Família que subverte à norma. Ou seja, em se tratando de modos de vivenciar Família pelas Corpas pretas, considerando seus múltiplos caminhos que não levarão ao mesmo destino, conflitam diretamente com o que foi estabelecido neste território americano colonizado que, ainda na atualidade, sente-se ameaçado por quaisquer expressões que não correspondem à sua norma. Isto é visível quando é criminalizado o cuidado da comunidade à sua prole; quando as casas que abrigam as Famílias das comunidades de terreiro são queimadas; quando uma criança preta é impedida de viver sua infância diante do alvo do genocídio; quando ela é institucionalizada pelo Estado, sendo vítima de sua incompetência; quando Migueis, Pedros, Anas, são submetidos à letalidade do racismo.

Nosso propósito, ao pensar Família, não é produzir comparativos ou mesmo anunciar modos de Família melhores ou mais adequados; não é sobre adequações ou qualquer caminho que nos faça investir na ideia de encaixe, de bom e ruim, de melhor e pior, mas pensar criticamente essa localidade em relação à localidade das infâncias pretas, sendo elas não somente o foco dessa escrita, como também o foco, o centro, das discussões das Instituições aqui enunciadas.

Instituição: que lugar é esse?

Kayin, menino que chegou ao Acolhimento Institucional com sentimento de aversão à sua Família de origem ao mesmo tempo em que desejava imensamente a presença dela. Tinha aversão a todas as pessoas que pareciam com as pessoas de sua Família. Tinha aversão a si mesmo. Disse, um dia, que o detestava por ser muito feio e burro. Investia seu amor aos “irmãos” da Casa de Acolhimento e às tias que o cuidavam, mas só às que não eram parecidas com ele, apenas às pessoas brancas. Desejava ser como elas. Quando entendeu que poderia ser adotado, pediu por uma Família como as que ele via na televisão, aquelas de novela, aquelas diferentes da sua, aquelas brancas.

Kayin foi adotado e devolvido.

Quando se trata de adoção legal, há um “rigoroso” processo de avaliação para que se chegue à decisão da adoção, inclusive a escuta da criança para sua efetivação. Porém, compreendendo os atravessamentos em uma dimensão macro, avaliemos com cuidado o que é considerado desde as decisões para que uma criança ou adolescente seja acolhida institucionalmente, a destituição do poder familiar, a permanência desta criança/adolescente em acolhimento, e sua adoção.

Em relação a este último processo, de acordo com o CNJ – Conselho Nacional de Justiça (2022), os principais passos para tornar-se requerente à adoção são: passar por avaliação da equipe técnica do Poder Judiciário e participação em programa de preparação para adoção – o qual merece destaque, pois uma das questões que, a princípio, é trabalhada, é a orientação e estimulação à adoção inter-racial, assim como a grupo de irmãos e crianças e adolescentes com deficiência, que apresentam questões específicas de saúde. Tal prerrogativa abre brecha para supormos diversas

questões relacionadas à atenção necessária a estes grupos e de pensar o perfil das pessoas que estão se tornando requerentes.

Por fim, após certificação do juizado em programa de preparação para adoção e parecer do Ministério Público, defere-se a habilitação para adoção. Por conseguinte, há a inserção das²⁰ requerentes no Sistema Nacional de Adoção (SNA). Os dados do CNJ (2022) registram que, no Brasil, há 3.725 crianças e adolescentes disponíveis para adoção, para 32.979 pretendentes. No Rio Grande do Sul são 467 crianças e adolescentes para adoção²¹, para 3.691 pretendentes. Destas 467 crianças e adolescentes, 136 são consideradas pardas²² e 85 consideradas pretas. Das 3.691 pretendentes, 1.754 aceitam adotar crianças ou adolescentes de qualquer raça/cor; 1.082 desejam adoção apenas de crianças/adolescentes pardas; 219 apenas de crianças/adolescentes pretas; 222 desejam adotar apenas crianças/adolescentes indígenas e 1.820 pretendentes que aceitam apenas adotar crianças ou adolescentes brancos.

Em relação às crianças e adolescentes que estão em processo de adoção²³ no Rio Grande do Sul, totalizam 730, destas, 198 são pardas, 80 são pretas e 22 indígenas. Das 1.135 crianças e adolescentes adotadas a partir do ano de 2019 até o momento, 321 são consideradas pardas e 235 pretas. Não há, no SNA, informações explícitas das pretendentes à adoção, o que torna inconclusivo afirmar sobre algumas características das Famílias que desejam adotar, apenas das crianças e adolescentes que estas pessoas desejam. Cabem alguns questionamentos sobre as Famílias que escolhem pela adoção, que estão judicialmente habilitadas para tal processo: como foram “habilitadas”? Por quem foram habilitadas? Quem as compreende aptas à adoção?

20 “Das”, refere-se às “pessoas”, independente do gênero.

21 Estão inseridas em algum Programa de Adoção, mas não iniciaram processo de adoção.

22 Separamos entre crianças pardas e pretas, em função do site apresentar os dados também de modo separado.

23 Estão inseridas em algum Programa de Adoção e iniciaram processo de adoção.

É importante problematizarmos que corpos operam nestas Instituições assim como, como operam as Instituições nos corpos, como viemos problematizando até aqui. Ora, se a Família é uma Instituição, como coloca Oyèrónké Oyěwùmí (2000), e as Instituições são compostas por um conjunto de normas, padrões, assim como funcionam também como lugar para os conflitos sociais (Almeida, 2020), e o Racismo Institucional é elemento ativo nestes locais. Ao se tratar das Instituições *Adoção* e *Acolhimento Institucional*, assim como exercendo poder sobre estas duas instituições, o Estado, representado pelo Corpo Judiciário, possibilita-nos percepções de um panorama não muito convidativo aos corpos pretos. Lugares que deveriam ser de proteção, podem ambigualmente ser de violência para determinados corpos, em diferentes níveis.

As Instituições também são descritas enquanto lugar absorvedor dos conflitos e antagonismos peculiares à vida social, logo, seu papel é o estabelecimento de normas capazes de orientar a vida das pessoas, estas que se tornam sujeitos também a partir das regras Institucionais e suas normativas (Almeida, 2020). Assim, o poder que exercem as Instituições na vida dos sujeitos é também elemento de disputas internas às Instituições na obtenção de poder. Neste sentido, é possível compreender o lugar em que o homem normativo é colocado em relação à Família e à outras Instituições, sendo não apenas aquele que detém o poder, mas representa o próprio poder.

No interior das Instituições, o racismo é manifestado de diversas maneiras, e é mantido concomitantemente em dimensões ocultas, sutis e explícitas, a partir de seus interesses. Desta forma, há políticas de combate ao racismo fomentadas pelo Estado, mas que não se sabe como chegam às Famílias – pois esta diz de um lugar privado, isto é, a Família é também local onde se torna sujeito, mas cujas dimensões da vida público/privada estabelecem cisões, auxiliando na naturalização da prática do racismo,

e reforçando seu lugar enquanto Instituição – e que curiosamente não operam nas próprias Instituições que as fomentam.

O Racismo Institucional fará justamente a costura do ponto de partida destas crianças e adolescentes, que vêm de uma primeira Instituição, que é justamente sua Família nuclear. Esta Instituição é atravessada por diversas outras Instituições, como já mencionamos anteriormente e ao longo desse percurso até chegar à adoção. Até o retorno à Instituição Família, a criança preta é colocada em diversos lugares os quais também correspondem ao lugar do corpo-imagem de controle (Bueno, 2020), que traz a objetificação de corpos pretos, o binarismo, o racismo e o sexismo enquanto elementos mantenedores de uma imagem que enclausura o sujeito preto à algo já definido, assim como, e talvez antes disso, enclausura o olhar do enclausurador – tudo permanece definidor.

O que ocorreu com Kayin, e que ocorre com diversas outras crianças pretas aguardando sua adoção, retrata perversidades, fragilidades Institucionais, denuncia a falência de um *cistema* que já iniciou falido. Desde Colonialismos que forjam vidas, até suas atualizações, penetrantes em todos os lugares possíveis e impossíveis, sussurrantes ao pé do ouvido daqueles que estão no centro, daquelas que são colocadas à suas margens, e tentando chegar naqueles que habitam outros lugares não condizentes com esta estrutura. O Colonialismo desumanizou até o mais humanizado (Césaire, 2020), e assim permanece.

(In)Conclusões

Veja só, veja só, veja só, veja só
 Mas como o pensar infantil fascina
 De dar inveja, ele é puro, que nem Obatalá
 A gente chora ao nascer, quer se afastar de Alla
 Mesmo que a íris traga a luz mais cristalina

Entre amoras e a pequenina eu digo:
 As pretinhas são o melhor que há
 Doces, as minhas favoritas brilham no pomar
 E eu noto logo se alegrar os olhos da menina
 Luther King vendo cairia em pranto
 Zumbi diria que nada foi em vão
 E até Malcolm X contaria a alguém
 Que a doçura das frutinhas sabor acalanto
 Fez a criança sozinha alcançar a conclusão:
 - Papai, que bom, porque eu sou pretinha também!

Emicida, 2015.

Adentramos ao Acolhimento Institucional sem saber em que território estávamos colocando nossos pés. Naquele momento, da primeira pisada, estávamos compreendendo e sentindo muito de nós mesmas, mulheres pretas. Fomos nos conectando com nossa própria infância. Diferente de todas as infâncias que encontramos na Instituição Acolhimento, porém tínhamos algo em comum, algo fazia com que nossas Corpas se encontrassem e conversassem sem que precisássemos abrir a boca. A cada escuta, a cada encontro, e depois, quando não mais podíamos permanecer naquele local, foi possível perceber, sentir que habitamos um território comum, uma Corpa ancestral que comunicava algo muito específico sobre nós.

Nós. Não estávamos sós.

Nós, pois o enozamento que impedia nossos passos aumentava a cada minuto.

Nós, uma única técnica preta do Acolhimento Institucional, uma professora que pisava naquele território com outros sentidos e muitos corpos-infantis pretos que sonhavam com outros lugares.

Assim como precisamos ter muito cuidado para não reproduzir as violências Colonialistas encrostadas nas Instituições – e aquelas encrostadas

em nossos próprios corpos –, pois assimiladamente fazemos isso com muita facilidade. Reproduzir a violência Colonial contra outros é violentar a nós mesmas, também precisamos redigir essa escrita com muito cuidado. Aqui, não generalizamos, tampouco partimos de um lugar de experiência única, mas da experiência de quem vivenciou e escutou as possibilidades de ser- sendo criança em uma Instituição de Acolhimento. Experiências singulares, agenciadas coletivamente, que movimentaram nossas Corpas – elas foram torcidas, reviradas, deslocadas por infâncias desfalecidas e, ao mesmo tempo, vivas, imaginativas, sonhadoras. Nesse processo, foi necessário nomear o que antes era incômodo e que nos destruíra aos poucos, para viver a potência das Corpas infantis que habitavam aquelas crianças pretas institucionalizadas.

Perceber as repetições violentas produzidas pelas Instituições, os silêncios estratégicos e a não escuta (Kilomba, 2019); reduzir a adoção ao amor e alimentar a lógica do salvamento, tipicamente colonialista, em que crianças pretas são salvas de uma realidade trágica para então terem a possibilidade de humanizarem-se à benevolência de quem as deseja, foi crucial para uma virada de chave sobre como nos relacionarmos com aquelas Corpas-infantis. O que antes nos enfraquecia ao escutar o que as Instituições fizeram com aqueles corpos-crianças-infantis, hoje, ao olharmos para as infâncias que encontramos e para as que não encontramos, (re)dimensionamos nossa escuta desde a Corpa-palavra que nos habita, para encontrarmos, talvez, outras infâncias, outros caminhos, outras perspectivas e realocizações, distante dessas Instituições.

A ideia desta escrita não é pensar a impossibilidade de adoção inter-racial, mas problematizar de que maneira e em que territórios as infâncias pretas podem existir sem que suas localidades estejam constantemente ameaçadas. Pensar-sentir o amor como um importante fator que sustenta

a adoção, não pode nos impedir de pensar-sentir esse amor como fator de apagamento quando se é impedido de *se saber*, ou quando não *se sabe* de sua própria história.

Não há no Brasil uma história de pessoas negras, outra de pessoas brancas, outra de indígenas, há histórias em diferentes perspectivas. Sob quais perspectivas estamos vivendo nossas infâncias? Que histórias contamos às nossas crianças? Que elementos nos compõem enquanto sujeitos? O que inscreve no corpo dessas infâncias que contribuem na aproximação de si mesmas? O nosso desejo é encontrar-nos com infâncias pretas existindo como tal.

Que não seja assolador nascer uma criança preta! Que não seja impedido crescer; que seja protetivo, possível e localizador.

Referências

- Adichie, C. N. (2009). Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história. *TEDGlobal 2009*. https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br.
- Almeida, S. L. de. (2020). *Racismo Estrutural*. Sueli Carneiro; Jandaia.
- Alves, M. C., Sant'Anna Júnior, A. de, & Izidoro-Pinto, C. M. (2023) Mulheres pretas da Enfermagem: escrevivência atrevivida em oralitura na COVID-19. *Revista Estudos Feministas*, 31(1), e83154.
- Aragão, J. (Intérprete e Compositor). (1999). Preto, Cor Preta. In: J. Aragão. *Tocando o Samba* (CD, faixa 4). Indie Records.
- Asante, M. K. (2009). Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: E. L. Nascimento (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora* (pp. 93-110). Selo Negro.
- Bueno, W. (2020). *Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins*. Zouk.
- Césaire, A. (2020). *Discurso Sobre o Colonialismo* (Trad. Claudio Willer). Veneta.
- Conselho Nacional de Justiça – CNJ. (2022). *Painel de acompanhamento*. Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento. <https://paineisanalytics.cnj.jus.br/single/?appid=ccd72056-8999-4434-b913-f74b5b5b31a2&sheet=4f1d9435-00b1-4c8c-beb7-8ed9dba4e45a&pt=cursel&select=clearall>.

- Emicida (Intérprete). (2015). Amoras (Compositores: L. R. de Oliveira & X. Levy). In: Emicida. *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa* (CD, faixa 4). Laboratório Fantasma.
- Evaristo, C. (2016). *Olhos d'água*. Pallas: Fundação Biblioteca Nacional.
- Evaristo, C. (2020). CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrivência (vídeo). *Leituras Brasileiras*, YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=QXQpKuvxevY>.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. EdUFBA, 2008.
- Gonzalez, L. (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*, (92/93), 69-82.
- hooks, b. (2020). *E eu não sou uma mulher? mulheres negras e feminismo* (Trad. B. Libanio, 5ª ed.). Rosa dos Tempos.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (Trad. J. Oliveira). Cobogó.
- Luna, L. (Intérprete). (2017). Um corpo no mundo (Compositores: L. Luna & F. Muleka). In: L. Luna. *Um corpo no mundo* (Álbum, faixa 4). YB Music.
- Machado, V. (2019). Terreiros: uma expressão ancestral. *Revista Eletrônica: Tempo –Técnica – Território*, 10(1), 141:154. <https://doi.org/10.26512/ciga.v10i1.27270>.
- Martins, L. M. (2021). *Performances do Tempo Espiral: poéticas do corpo-tela*. Cobogó.
- Mbembe, A. (2018). *Crítica da Razão Negra* (Trad. S. Nascimento). N-1 edições.
- Nascimento, M. B., & Gerber, R (Diretoras). (1989). Ôrí [filme]. Produção: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda. <https://negrasoulblog.wordpress.com/2016/08/25/309/>.
- Nascimento, M. B. (2021). *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. In: A. Ratts (Org.). Zahar.
- Nogueira, R. (2014). *O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639*. CEAP.
- Oliveira, E. D. de. (2005). *Filosofia da ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira*. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Ceará. https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/36895/1/2005_tese_edoliveira.pdf.
- Oyèwùmí, O. (2020). *A Invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero* (Trad. W. F. do Nascimento). Bazar do Tempo.
- Oyèwùmí, O. (2000). Laços Familiares/Ligações Conceituais: notas africanas sobre epistemologias feministas (Trad. A. M. da Rocha). *Signs*, 25(4), 1093-1098. https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oyèwùmí_oyèwùmí_laços_familiares-ligações_conceituais_notas_africanas_sobre_epistemologias_feministas.pdf.
- Somé, S. (2007). *O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*. Odisseus.

Casa

Jardim flutuante
Estrelas saltitantes
Prazeres expoentes
Flores de inverno
Aveludadas vinho
Comigo ninguém pode
Vence demanda
Espadas
Espinhos
Na porta de entrada
Nas janelas
Sacadas.

Sueka

CAPÍTULO 3

PÓLENS DE CUIDADO²⁴

Ezequiel de Candido Amaral (Zeca Amaral)

Escrevo essa correspondência (Sant'Anna Júnior, 2021) convocando atenção aos modos de comunicação entre a população negra e uma forma de diálogo a homens negros. Nesse fluxo de palavras, que fazem inscrição na produção de subjetividade, buscarei filtrar, escoar, deslocar e reutilizar, como se minha pele negra fosse uma calha a conduzir a passagem de um sistema social-político-histórico inseparável dos meus sentimentos, vivências, pensamentos e imaginação. Buscando reencontrar afetos e “desbrutalizar” o que a passagem do racismo e da violência colonial deixa em nosso corpo, quando desembocam e nos engolem nas relações cotidianas.

Não chego sozinho, a meta é embaralhar a Contação de Histórias (Amaral, 2021), pedindo primeiro licença para Conceição Evaristo (2020), que na sua Escrivência indaga o mundo e transforma a arte da ficção em uma forma de não afogar no trauma, e a Leda Martins (1997) que apresenta a perspectiva de Encruzilhada como criação e potência de discursos, portando a multiplicidade e unidade, divergência e influência como modo de integrar sentidos. Com metodologias negras apostando em políticas de escrita encarnadas desde a experiência, bora experimentar o gosto poético que podem ter os paradoxos e contradições?

Hoje é um daqueles dias que recuso correr, buscando convocar a imaginação para me levar passear. Ah se eu fosse uma flor, onde estaria

²⁴ Essa escrita é baseada em minha dissertação de mestrado ainda em desenvolvimento, chamada Flores a homens negros é só na morte? Pólen de cuidados que escapam das rachaduras florescendo e infestando concretos.

a minha liberdade? Insisto indagar: se meus sonhos fossem pétalas, quais delas seriam arrancadas ao florescerem? De quanta água e sol precisaria para não secar? Quais vidas circulariam nutridas comigo? Entre significantes de amor e ódio, no cotidiano onde me enxergam e expressam em: *bem me quer, mal me quer*?

Caminho pelas ruas da cidade com sons chiados, enquanto alguns corpos brancos se apressam em fugir da tensão racial ao me ver; minhas havaianas gastas, camisa florida e amarrotada, bermuda e boné sem marca vestem um corpo negro e bixa, gerando uma espécie de alerta – ***existência incongruente ao mundo branco heteronormativo***. O que esperar? Letícia Nascimento (2021) já mandou o papo reto, que essa fantasia importada do gênero é tão artificial, binária e europeia a fim de manter o corpo pouco poroso, enquanto edifica a manutenção de uma performance repetitiva, feita uma dança sozinha e rígida, que se soma ao racismo. Hoje eu quero estar solto ao descer até o chão, ao som da música *Bixa Preta* (2017), de Linn da Quebrada:

*A minha pele preta é meu manto de coragem
Impulsiona o movimento
Envaidece a viadagem
Vai, desce, desce, desce, desce
Desce a viadagem!²⁵*

O que cada movimento meu comunica? Corto olhares sedentos que se dirigem ao volume da minha virilha antes de olhar nos meus olhos castanhos e ouvir o meu nome, tentam me reduzir a uma cor maliciosa. Estou atento com essa desumanização. Passo pela polícia, ignoro a impressão de estar cercado de urubus mecânicos enquanto vejo um menino negro

25 Linn da Quebrada. (2017). *Bixa Preta*. Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/bixa-preta/>.

pequeno e empolgado tirando foto com eles, como se pudesse haver no que os policiais representam algo a se inspirar – penso barulhento. Mas a real é que dói imaginar que hoje tiram foto, amanhã podem tirar a vida dele ou a minha... alegando legítima defesa.

...Ou saber da possibilidade do menino, já criança um dia almejar essa posição de poder, achando que poderia escapar desse *terror psicológico pelo racismo*, como bell hooks (2022, p. 77) aponta, sonhando virar policial para escapar do extermínio, mas na verdade tendo as portas abertas pela entrada de serviço do capitalismo para vestir a farda do fantasma de *capitão do mato*. No futuro, será “morrer” em si, para matar? Cuspo na calçada esse gosto, o pessimismo não vai me atropelar, lembro que a estrada do aquilombamento nos deixa altivo e astuto, para o cuidado ser coletivo e desfazer maracutaias. Jota Mombaça (2021) aparece em minha mente, enigmática fazendo carão, performática e declama: “Ñ Ñ NOS MATAR AGORA”. Verdade Jota, já afiei minha língua aqui. O perfume que vem por aí sobrepõe qualquer carniça, é feito de denço florescendo e contornando fronteiras, desde a atenção feita por múltiplas mãos a infâncias negras.

Logo, não é a partir da hegemonia branca como motor para a assimetria das relações e brechas de dominação (Sodré, 1999, p. 263), que vamos plantar nossas urgências ontológicas, construir outras atmosferas e colher modos de nos relacionar. “Por isso, também celebramos mocambos, comemoramos dignidade, a vitalidade e a memória salobra que insiste ajardinar mesmo no lodo, escrevendo nossas contradições, filosofando nossos enigmas e cantando nossas matrizes” (Rosa, 2021, p. 53). Que saudade dá, em refrescar a sola do pé na areia úmida do mar, enquanto a água da maré transatlântica me convida a lembrar de quem já sou, afinal: “Em qualquer canteiro do mar, que é o mundo inteiro, a amplidão dele faz de você um filho e uma filha, ignorando fronteiras” (Amaral, 2022, p. 21).

Feitas conchinhas levadas pela maré, minhas memórias e afetos espalham-se pelo mundo, e ninguém irá dizer como eu tenho que afirmar uma política na minha carne; sou plural e habito fronteiras floresteadas (isto é, no limite a vida expande e ensina onde vamos caminhando sentindo densidades e políticas conjuntas de resistência) enquanto bixa preta em relação com a diferença. Com isso, afirmo que o patriarcado também me oprime, e insisto registrar a recusa de ser generalizado enquanto homem negro, isso machuca e apaga. Assim, recuso hologramas de violências e calcificações a manter-me na categoria “homem negro” apenas ligado ao machismo, produzidas pelo apego ao patriarcado branco cisgênero e supremacista. Tendo em vista que agem enquanto barreiras no direito à reconstrução de uma identidade e disputa na linguagem, que forma organicamente a expressão cultural e performática de hoje me afirmar bixa preta e, amanhã, quem sabe?

Inclusive entre as nossas e nossos, bell hooks relembra enquanto política de cuidado: “As mulheres negras não podem falar pelos homens negros. Nós podemos falar com eles. Ao fazê-lo, incorporamos a prática da solidariedade, em que o diálogo é a base do amor verdadeiro” (hooks, 2022, p. 39). Logo, o ódio, estigmas e o extermínio também são ensinados a capturar lutas e transformar em competições, colocando por vezes, a figura do homem negro enquanto a única que o capitalismo, supremacia branca, colonialismo, racismo e o poder seduzem, deixando a branquitude e a luta contra esses elementos fortalecidas. Então, quais políticas de afeto e responsabilização são possíveis serem construídas coletivamente, com espaços de segurança que não reforcem a violência, tristeza, ódio e inimizade para/entre a população negra?

Pois, aqui nas marcas da minha existência, por exemplo, o racismo, patriarcado e a homofobia são ossos perambulantes, que por serem

enterrados juntos acabaram se calcificando inseparáveis, impossível determinar onde começa e termina um; é um conjunto materializado em esqueletos ressuscitados após três dias cristãos, sujos de cimento, moralidade e hipocrisia supremacista branca segurando armas e chibatas para que eu ande empurrado no labirinto normativo de uma sociedade asséptica – desafiando a mira da polícia (Oliveira, 2017, p. 108) – e dos patrões brancos burgueses, os quais acreditam que o meu corpo negro precisa ser extraído até a última gota todos recursos possíveis; assim tentam etiquetar sujeição feito um *corpo de extração* (Mbembe, 2018a, p. 42).

Portanto a meta é também produzir desvios de uma lógica de produção, de virilidade, de pertencimento, de validação, de amor, de matrimônio, de monogamia, de sofrimento, de morte. Não sou entretenimento, então não esperem risadas para disfarçar a violência da branquitude na minha existência. Lembro de bell hooks (2022) e com ela me inspiro a traçar a meta de estar vivendo com amor circulante enquanto exercício cotidiano. Será que poderei segurar a mão da bixa preta que amo, sem apanhar ou morrer, lá na rua?

Acompanhado de bell hooks (2022) pelos cantos da cidade, gingo da tecnologia branca e supremacista que tenta me colocar filmado enquanto homem negro violento, raivoso e primitivo, com a intenção de apagar junto da minha existência negra a sexualidade, possivelmente, reprimindo com um tiro perdido, de uma mão branca que ninguém vê. Pois o roteiro já existe desde os navios: negro enquanto suspeito de perder o controle civil (hooks, 2022, p. 114), e bixa preta enquanto perigo a qualquer pacto de masculinidade heteronormativa, falocêntrica, racista.

São tantos perigos... Olho pela rua, a mente não deixa de trabalhar torturada perguntando: quantos litros de sangue já correram nessa calçada de concreto, nutrindo o bueiro do ódio? Pensamento vem: o pretinho da rua

de cima que morreu também não era bixa? Quem liga que, após a bixa preta ser exterminada, tentam matar novamente apagando-a? Por que se a raça aparecer no óbito já é raro, imagina a sexualidade?

Melhor ainda, é aparecer em vida... – Ah é, tenho que pixar aqui nos concretos da cidade e do conhecimento aquela ideia do Achille Mbembe (2017, p. 99), que diz: “A manipulação das questões de gênero para fins racistas, evidenciando o domínio masculino sobre o Outro, procura quase sempre ocultar a realidade falocrática no seu território”. Dito isso, temem a raça negra e também temem o cu. Tentam dominar pelo terror capital, racista e cisgênero-heteronormativo. Verdade seja dita, o apego ao poder supremacista cis não vale nem a água de *chuca*²⁶ ao colonizador beber e desfrutar.

Ainda bem que o Allan da Rosa (2021, p. 30) foi sagaz em registrar em cartas ao amanhã dizendo que “Determinismos não me aprazem porque minha gente escapa às barreiras no cortante e fértil invento de si e da cidade”, então por onde andam as outras bixas pretas da região? Estou sabendo que os corres não estão facilitando alguns encontros. Silvio Almeida ajuda a não esquecer que as correntes do racismo (e homofobia, por exemplo), colocam mais pedágios de poder pelas ruas para que nossas palavras sejam veículos explorados, podendo encontrar segregação, extermínios, genocídios, guerras, trabalho compulsório, superexploração do trabalho, desigualdade salarial (2018, p. 82). Assim, fica natural nunca legitimar cidadãos e moradores, forçados em barreiras sociais. Ah não, me recuso. Vou sentar a minha bunda gostosa na calçada e escrever poema no meu caderninho, quero ver as outras bixas pretas vivas, viventes e astutas desfilando, passando por aqui.

Contudo, não faz muito tempo que, sentado na calçada o concreto não suportou a minha bunda aqui pela rua, desabou – e o ideal de democracia

²⁶ Chuca é uma experimentação ousada do cu para quem aproveita-o de modo plural, recorrendo à água como forma de limpeza que engole, expele e mergulha no prazer do erótico.

branca foi engolido para baixo. O cheiro não anda bom, talvez a terra não queira essa porcaria. Nem adianta mandar para o lixo, pois lá a reciclagem anda a mil. Lélia Gonzalez (1984) deixou o legado para transformar a lata de lixo invertida como um palco para as negras e negros falarem em pé, acima do lixo, separando o orgânico da natureza que corre na gente, do industrial capitalista que até no suco de uva da serra gaúcha, deixa o chorume da escravização, justificado²⁷. Sem condições essa sujeira, a coisa está branca. Lascou.

Bóra levantar? Hora de circular de cabeça erguida, desfilando, pois, a dívida da escravização não é nossa. Bóra ver outras esquinas, sem culpa, ao parar de trabalhar? Também não vou estudar para ser a mão de obra necessária à casa grande. Meu sonho e desejo não vão padecer, pois é sonho vivo das/os mais velhas/os e mais novas/os; é ancestralidade em corpo pulsante que, no tempo espiralar de Leda Martins (2021, p. 207), a imaginação vai ampliando e forjando práticas medicinais curativas, utensílios, arquitetura, narrativas e poéticas da voz, música, sons, artes, jogos corporais, danças afro, relação com o divino.

Como se fosse uma criança preta que vai engatinhando até a mãe África e a diáspora afro-brasileira, recuso olhar apenas para a radioatividade da colonização deixada. Nessas passagens de ciclos da vida indago: na relação cotidiana ao que atende a morte, luto e sofrimento a homens negros (em suas pluralidades de existência), continuamente? Minha revolta é luta que se faz na vivência e narrativa de outras memórias contadas, passando pelo corpo, pedindo fala, “Porque no meio de tantas derrotas, dor, sofrimento e, sobretudo, de invisibilização desse sofrimento, há, por outro

27 Me refiro à podridão escravagista que se atualiza em “trabalhos análogos à escravidão”, enquanto deixa mais rica a branquitude, como vemos na serra gaúcha. Mais informações: Sakamoto, Leonardo. (28 fev. 2023). Entidade empresarial põe culpa no Bolsa Família por ‘escravizados do vinho’. Uol. <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2023/02/28/entidade-empresarial-poe-culpa-no-bolsa-familia-por-escravizados-do-vinho.htm>.

lado, muita insurgência acontecendo e a gente também precisa falar disso” (Faustino, 2021, p. 34).

É no encontro afetivo com as palavras “diasporizando”, isto é, modos singulares de conexão com a diáspora afro-brasileira, que não diz e integra todas e todos da mesma forma e temporalidade, e que ainda assim passam coletivamente pelo corpo negro, que precisei exercitar desaprender o que me fazia “homem masculino”. Refletindo que a opressão da masculinidade hegemônica, por mais resignificada que seja, não vale o desgaste de tomar o homem branco legado da colonização enquanto referência contínua. Tampouco dará conta de respondê-la, problematizar ou até entender seus efeitos, de modo honesto.

Fica a impressão de que o debate, por vezes fechado entre homens, tomando como referência masculinidade desde o homem branco, mantém o apego a tudo que o poder patriarcal branco cis referencia enquanto identificação, prazer e pertencimento à performance de uma identidade. Logo, o perigo está dado quando há debates, ideologias e condutas das masculinidades enquanto modos de almejar “apenas” fazer uma performance menos opressiva em comparação àquelas que sustentam, sem pudor, pactos, privilégios, hierarquias, determinismos biológicos e culturais do sujeito branco cis, sendo esses aspectos um problema que afeta modos de relação e, principalmente, de cuidados entre a população negra. É necessário que a cisgeneridade e o patriarcado possam ser visualizados e considerados ontologias com a data de demolição marcadas. A questão não é invalidar ou restabelecer outro modo de masculinidade, mas perguntar o que impede de experimentar outras maneiras ontológicas de relação? Algo que Paul Gilroy aponta como:

Sem desejar prejudicar as lutas em torno do significado da masculinidade negra e suas conseqüências [sic] por vezes destrutivas e anticomunitárias, parece importante acertar contas com as limitações de uma perspectiva que busca restabelecer a masculinidade em lugar de trabalhar cuidadosamente por algo como sua transcendência (Gilroy, 2001, p. 364).

Qual é a sensação da liberdade do que pode vir a ser a existência de homens negros abandonando ecos universalistas? Será preciso um centro de assujeitamento e poder, com o negro apertando sua humanidade, para caber em pequenos círculos sociais? Afinal, se a falsa abolição, a falsa democracia, o trabalho e o capitalismo não emancipam o homem negro, por qual motivo, a masculinidade negra – diferenciando-se, mas não libertando-se da masculinidade branca – enquanto produto, seria diferente? Entender o que nos machuca e nos adoce não diz necessariamente de um fazer preventivo com proposta de mudança. Logo, de quais referências estamos nutrindo-nos para remodelar a produção de subjetividade presente no cotidiano como nos modos de expressão e desejo? O que pode fazer uma parcela de homens negros ter o desejo de visibilidade e *status* como prioridades centrais, e não trabalhar em encontros, modos de transformação plurais e integrados? Seria uma alternativa buscar ontologias ancestrais negras para inspirar a construção de novas?

Sigo indagando se o preço pago às masculinidades negras poderia deixar um débito negativo ao se cristalizarem, visto que “O patriarcado como direção de controle e rivalidade, e a branquitude como ideal de aceitação e humanidade, são alguns dos complexos que estruturam a subjetividade desse ser-negado-de-si” (Custódio, 2019, p. 134). Como é possível visualizar um limite filosófico no debate sobre masculinidades (negras), por vezes, separado de outras agendas do movimento negro? Como discursos

institucionais podem fisgar alternativas de futuros, encaminhando para a banalização e negação dos efeitos da colonialidade e da escravização na subjetividade negra? Com feridas que seguem em cicatrização.

Seria preciso indagar-se: círculos ditos masculinos para se ouvir e pensar entre homens, significam automaticamente construir espaços de segurança e de comunidade, quando isolados do passado e do futuro em relação a políticas de união em agendas a compartilhar? Algo que Abdias Nascimento (1980) deixou pistas, a nos inspirar, ao propor o Quilombismo como política de relação, não ligada a papéis de gênero desde a escravização, mas a comunicação, relação e transformação desde África:

O quilombismo se estruturava em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso que facilitava sua defesa e sua organização econômico-social própria, como também assumiram modelos de organizações permitidas ou toleradas, frequentemente com ostensivas finalidades religiosas (católicas), recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. Não importam as aparências e os objetivos declarados: fundamentalmente todas elas preencheram uma importante função social para a comunidade negra, desempenhando um papel relevante na sustentação da continuidade africana. Genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochés [sic], escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém tanto os permitidos quanto os “ilegais” foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história (Nascimento, 1980, p. 255).

Então, por hoje, como convite contínuo a assumir a própria história, por aqui, declaro um presságio inadiável: a falência da masculinidade hegemônica e das masculinidades negras. Não adianta ignorar. Como existir a partir do homem branco? Minha referência vem das mulheres pretas e homens negros mais velhos da família proporcionando cuidados compartilhados. Desde os territórios que transito e, da América Latina a qual, conforme Lélia Gonzalez (2020, p. 134-136), por dentro da casa grande, enegrece a cultura do amor e do cuidado remodelando uma dinâmica vivencial para viver potente e não sobreviver almejando pisar com sapatos lustrosos o andar de cima das senzalas. Em coletividades negras vibramos e abrimos o coração com a música, rodas de *slam*, desenhos, danças e, quando possível, o incentivo a traços comunitários e revolucionários com a ancestralidade enquanto princípio, abrindo caminhos entre tempos, entre mundos, entre fronteiras.

É a potência dos afetos e do campo do sensível, inseparáveis. O vacilo seria supor que estejam localizados na leitura hegemônica de gênero que me sintetiza homem negro enquanto unidade na disputa de sentidos com o homem branco. Sou Amefricano e, assim, plural, construo coletivamente outros modos políticos de aquilombamento.

Nesse sentido, esses modos políticos ganham importância germinando aspectos a partir da constituição e cuidados de homens negros em suas diversidades de ser e se afetar-se nas diferenças, multiplicidades, contradições, mudanças, olhares difusos, produção de outras memórias; ensaio esse manuscrito como **Pólen de Cuidado**. Qual é a função do pólen? Por aqui, é continuar a germinar sentidos na produção de memórias pretas, e combater modulações do *banzo*²⁸ e extermínio, possibilitando e afirmando

28 Na Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, de Nei Lopes (2011), Banzo refere-se a “Um estado psicopatológico; uma nostalgia com depressão profunda, desde africanos escravizados nas Américas”.

políticas desde o amor de negras/os entre si e para o mundo. Paul Gilroy (2001, p. 379) atenta que o amor tem sido uma função importante enquanto vernáculo negro, preservando e cultivando uma relação da diferença com dor e morte derivada da escravização. O amor e o cuidado estão além da binaridade de papéis a partir do gênero.

Há vivências que não cabem na racionalização fria que civiliza o branco e barbariza homens negros. O meu desejo brisa e vibra com brechas para também falar de aspectos que honrem e celebrem narrativas negras, enquanto surgem descobertas de outros terrenos para conectar e aproveitar sutilmente momentos presentes. Pois, como compartilha Ademiel de Sant’Anna Junior (2021), há algo que sempre escapa das expectativas e discursos feitos a partir do colonialismo em nossas vivências, com vozes poéticas resistentes que afirmam e deslocam junto as políticas *atrevidas* (p. 23). Isso não se trata de “florear” o traumático, mas de não amarrar a corda punitivista a brutalização de homens negros – que anseia ver o corpo negro pendurado quando recusa ser servil, malicioso, viril, violento e engraçado.

Vejo o quanto incomoda à branquitude, negras/os podendo ter dignidade de um cantinho de terra, que não os sete palmos, para aquilombar transitando dentro da periferia e nos condomínios altos. Eu quero ver os meus também festejando, considerando que no meio de tantas exclusões e tensões sistemáticas, quantos negros ao escaparem da miséria cotidiana rumo a ascensão social e a efetivação de direitos, não são fígados pela culpa e inadequação? Aspectos frequentes testemunhados (e também já vivenciados). Por que essa sensação é comum a sujeitos negros? Essa não é uma questão que a população negra deva responder sozinha.

Não temos um problema negro no Brasil, temos um problema nas relações entre negros e brancos. É a supremacia branca incrustada na branquitude, uma relação de dominação de um grupo sobre outro, como tantas que observamos cotidianamente ao nosso redor, na política, na cultura, na economia e que assegura privilégios para um dos grupos e relega péssimas condições de trabalho, de vida, ou até a morte, para o outro (Bento, 2022, p. 14-15).

Como refúgio dessas condições apontadas por Cida Bento, me pego entrando em casa, olhando as fotografias que me cercam na sala e as que não tirei. Então a memória evoca refazendo-as. Fico querendo dizer que há um tempo passado. Resolvi escrever ao meu pai, meu mais velho, como um ato de olhar e tentar perceber até onde a minha existência tem faíscas de amor e cuidados, perspectivado em um papel de filho. Enquanto juntava estratégias de sobrevivência para me afirmar bixa preta recusando ter a vida interrompida e precária, pelas exclusões, inclusive na construção e expectativas da instituição família. – Quem sabe, quando chegar o dia de me tornar pai, vou lambuzar as idealizações tipo comercial de famílias, visto que não serei uma estatística sem história vivenciada em relação e acesso a afetos.

Insisto em escrever o que faz o meu coração desacelerar para me nutrir de sorrisos, presenças e natureza. Então, volto ao outono de 2022, com o vento estrondoso soprando e os dedos tipo sacolé, gelando, mas são os olhos que vão derretendo, derramando gostos.

Na minha sala cria-se um aconchego. Sirvo um chá quente na caneca que meu mais velho me deu como presente antes de “morrer”, fisicamente. Vou bebendo lentamente meu chá de hortelã adoçado ora com amor, ora com dor, pensando desconexo, por exemplo, ao falar em *ora*, lembro da igreja e dou as mãos à Linn da Quebrada que canta: ***entre a oração e a ereção ora são, ora não são***²⁹. Mesmo assim, as lágrimas descendo a colina das maçãs

29 Linn da Quebrada, com participação de Jup do Bairro, Alice Gúel, Danna Lisboa, Liniker Barros, Ventura Profana, Urias, & Verônica Decide Morrer. (2019). Oração. Letra disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/oracao/>.

do rosto em uma retina azeviche despencam na minha pele mestiça. Então, volto à época quando eu era criança, antes da escola. Período no qual, no Morro da Conceição em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, havia mais ruas de terras, em chão batido, antes de o asfalto cimentado engolir e endurecer a vida colorida, remodelando em outras arquiteturas gentrificadas os sonhos e laços comunitários na região. Qual é a história que conta um cimento pela cidade? São muitas vidas para responder.

Lembro do meu pai, homem negro, que ao se deslocar pela cidade com suas roupas permeadas de cimento, deixava vestígios de exploração de trabalho por cada rua visitada, sutilmente subtraindo nesse itinerário outras possibilidades, para não viver enquanto “provedor”, expropriado por muitos “patrão”, brancos. O tempo para nosso encontro era na mesa de jantar, com sabores misturados com amor, cansaço e preocupações ocultas no silêncio e sons de talheres. Me pergunto se meu pai sentia saudade de outros tempos. Como o tempo da outra casa em que moramos, cheia de flores e chás no canteiro, na Pedreira da Vila Cruzeiro. Conquista após muitas gerações, um cantinho de terra próprio. Insisto imaginar a casa enquanto não lembro mais dela e as poucas fotos foram extraviadas. Como será que era ter o barulho da chuva nas telhas de lata, ou o calor que emanava do telhado em dias quentes, junto ao fogão a lenha? Qual era o gosto que ficava da comida e da vida?

Meu mais velho morreu em silêncio sem acesso ao direito à aposentadoria e às políticas públicas, com o rim parando em hemodiálise, na gestão bolsonarista, com muitos Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), com os cadastradores sem pagamento de salário, em greve, sem acesso a medicamentos e dieta necessária. Mais um caso de enterro social, tratado sem dignidade, como sujeito de assistência tardia, e de exploração – com os coveiros brancos pedindo dinheiro em meio a lágrimas. Esse não é

um caso isolado, ressalto aqui o quanto o racismo e o patriarcado também chegam no modo como a população negra tem ou não condições mínimas de viver, envelhecer e morrer. “Os modos de matar, em si, não variam muito. No caso das carnificinas, em concreto, os corpos sem vida são rapidamente reduzidos ao estatuto de meros esqueletos” (Mbembe, 2017, p. 144). A morte não é a única que produz luto a uma população expropriada de suas terras, sequestrada, abusada, negligenciada e saqueada de muitos costumes e rituais, inclusive funerários.

Questionar o passado indo além da casca do racismo e patriarcado na relação com o meu mais velho junto à geografia de onde venho, insiste contornar as heranças que ficam para mim, após sua morte; trata-se de buscar com Allan da Rosa (2021), *cismar* o signo masculino e suas finitudes a partir do que pode engendrar suas manutenções afirmativas, vinculadas as presenças que também me constituem. Para Allan da Rosa:

Cismar, dedicar, implicar. Cismar é um movimento de montagem do sensível, é enovelar dedicado e delicado mesmo que em gesto vigoroso, é elaborar o rumo imaginando a integração de matérias dos caminhos, do jeito dos pés, do ambiente e das suficiências dos buracos da linguagem que se bola para dar sustança e expressar o cisma. Nesse traquejo, não é pouco o que se propõe manter guardado, cifrado ou apenas triscado, seja pela defesa ou pelo cultivo do fundamento do mistério, da adivinha (Rosa, 2021, p. 94).

Se na história que passa pelo meu corpo também há espinhos, não posso evitar que em algum momento ela me espete e eu sangue. Não posso negar o medo e o terror. Porém, o espinho fica no tronco da minha história, não nas raízes e pétalas que me fizeram crescer e espalhar pólenes desde as mãos da bisavó, me dando banhos com chás, cobrindo de dengo e canções, sem deixar a privação concretar os sonhos. A morte da bisavó nunca me

foi dita como ocorreu, pois somos ensinados que, especialmente para a população negra, não há tempo para o luto quando a barriga ronca, a polícia atira, e o tráfico, por vezes, também. Além disso, o que muda quando somos encarregadas/os pessoalmente de ritualizar a morte de nossas/os entes queridas/os, negras/os, ocasionalmente, sem dinheiro aos ritos fúnebres?

Dessa maneira as humilhações do racismo convidam a sorrir menos em momentos tranquilos e forçar arquear os lábios, dissimulando a tristeza durante o dia e não dormindo bem à noite. Mas, até no cochilo, se enovela, sonhar. Quais sonhos que faziam parte de você, Pai? Essa é uma pista que olho devagar; ao imaginar o passado dos meus mais velhos, sem ficar apenas com as lentes do presente. Ouvi muitas vezes que meu pai gostaria de voltar a morar em um pedacinho de terra como o da outra casa, com espaço para fazer uma horta, estar rodeado de árvores, “criar animais” e até deixar uma rede pendurada, em uma paz (ainda) desconhecida. Tem dias que a cidade cansa, e me pego com essa vontade renovada aqui, de ser ouvinte dos sons da natureza, ao invés de ruídos do ódio em algoritmos, publicações e desencontros.

Não me entenda mal, é simples... Quero desfrutar também o mundo dos vivos com o direito humano da dignidade, sem que precise estar no fronte o tempo todo, lutando armado de palavras, para convencer que a minha vida importa. Afinal, tem vezes que a contradição evidencia que “Todos gostam dos saltos que dou na capoeira, mas ninguém liga para os que dou para continuar vivo” (Nunes, 2019, p. 36).

Foram muitos saltos para gingar o racismo, sexismo e a pobreza que impulsivamente engolia a infância da minha mãe, mulher negra, e do meu pai, homem negro. Desde os meus mais velhos, o mundo do trabalho que enriquece o homem branco não emancipa os nossos, apenas carimba a insuficiência. Ofertando caridade como recompensa e espaço para

protagonizar roteiros de abandono, encarceramento em massa e extermínio como produção de sentidos. Esses elementos são descartes aproveitados como combustível ao mundo produtivo.

Trata-se de uma dívida impagável, como Denise Ferreira da Silva (2019, p. 148-155) diz: a persuasão do dinheiro impacta a maneira contínua de desejar aspectos como da violência, da desumanização racial, desigualdade econômica e heranças da colonização, enquanto consequência e determinação. O que implica seduzir a fazer parte desse mundo, ao invés de reconstruir.

Logo, o debate que nos faz entender como “homens negros” até onde fomentam um escape a desumanização, ao extermínio, abandonos, objetificação, invisibilização e objetificação? Como as masculinidades negras têm conseguido resistir à isca do dinheiro e *status*? Qual é a abertura de homens negros com a fomentação de traços comunitários? Seja com mulheres negras e brancas, cis e trans, pessoas LGBTTTQIA+, pessoas com deficiência, pessoas gordas, de terreiro, jovens e idosas, em situação de pobreza e até insegurança alimentar; morando no centro da cidade, ou em ocupações e imposições de periferia; com acesso a estudos ou sem, etc. O desejo de revolução é para alcançar a quem?

Quando se percebe que o dinheiro produz ecos na insuficiência para se apagar ontologias ancestrais e tentar pertencer a modos de vidas localizados no suborno do capitalismo? Quando é possível identificar os riscos a pactos de masculinidades unidos aos mitos e crenças que formaram o Brasil (como das três raças, do nacionalismo, da democracia racial, da meritocracia, da democracia)? Será que todo amor negro cura, quando o capitalismo convida para que vire um produto? De preferência, sem olhar como ocorre a precariedade e condição de trabalho das fabricações do que pode ser o amor, o cuidado e o signo (em disputa) de homem negro.

Quantas formas de manipulação são possíveis tatear? Quanto o medo da morte pelos europeus chega aos homens negros?

A construção cultural do gênero, do masculino, da expressão da sexualidade e das masculinidades (negras) deixam pistas de um limite filosófico inalterável quando, baseada em focar, responder e contrapor o referencial discursivo e vivencial hegemônico eurocêntrico. O que fazemos ao passar a entender as consequências do capitalismo e do Estado, presente no extermínio da população negra? Como não naturalizamos a Necropolítica teorizada por Achille Mbembe (2018b), enquanto política cotidiana, efetuando domínio de poder e soberania sobre os territórios, lucrando gozando e orientando modos de viver, morrer e sentir?

João José Reis (1991, p. 134), aponta que no período colonial os escravizados eram ordenados em testamento pelos senhores brancos falecidos a se enlutar; mas, com uma espécie de relação não recíproca quando eram os escravizados que morriam, pois, a indiferença era presente, dessa forma, segundo o autor, era um mecanismo de controle e prestígio simbólico senhorial. Quais testamentos são ditados hoje, visto que “os rituais sociais mortuários ditam regras na vida social”, como nos lembra Joanice Santos Conceição (2011, p. 17)? Seria possível mergulharmos na potência do encontro do corpo negro e da ancestralidade?

Enquanto negras/os, somos a população que mais morre no Brasil, discriminados pelo racismo e, ainda assim, temos formas culturais que se diferenciam em cada território, para sobrepôr o trauma, habitar matas e a cidade, para dançar lutando. Eduardo David de Oliveira (2005, p. 129) ressalta: “Antes de mais, o corpo é chão. Mais que território da experiência, o corpo é o território da cultura. É nele que se movimenta o tempo da ancestralidade [...]”. Em qual disputa da cultura no Brasil nosso corpo tem se conectado? Ao que atende separar o corpo da poesia e da arte?

Pólen de cuidado podem ser um convite para ir além dos papéis de gênero, condições dadas de viver e de morrer. Dando atenção mais à potência do corpo negro em encontros e da ancestralidade, e darmos nossos próprios sentidos, porque são dessas partículas de pólen que “bem nos queremos”, que emanamos os ventos suleadores para diluir o *banzo* desde a escravização, os quais as práticas de cuidados e afetos transgridam e tenham mais importância que referências coloniais discursivas, para uma união presente que nos encaminha para outros laços de amor, diariamente. Por fim, entendendo ser uma estratégia quando os ecos universais se repetem, bell hooks avisa:

Manter as mulheres e os homens negros disputando uma posição de quem é mais oprimido, em vez de incentivá-los a trabalhar juntos para acabar com o nosso sofrimento coletivo, é uma estratégia que serve aos interesses de todos que são inimigos da autodeterminação negra (hooks, 2022, p. 231).

A disputa e a naturalização da brutalização ao homem negro nos separa de brandar uma voz tão alta e plural a dizer qual é o futuro para o qual podemos nos encaminhar e dividir? Seria a branquitude, junto à disputa e brutalização, barreiras para transformar nossa voz em eco? Queremos *ser* vozes ou ecos? Afinal, como e quando perceber o poder colonial nos manipulando e dividindo? Seria o ódio mais facilitado que o amor?

Ainda assim, brilhamos

A mão preta e calejada aponta a consequência de um mundo
Que das vitrines aos entulhos, o lixo deixa o céu e o horizonte futuro
Vomitados,
com a barriga enjoada que ainda ronca.
- Esses dias presenciei alguém pegando comida do lixo

E comendo... era um homem negro.
 Lembrei de Carolina Maria de Jesus, quando diz que a fome
 se manifesta como uma forma de escravidão moderna.

Será a partir daí que os sonhos negociam
 as moedas possíveis com a pobreza?
 Quanto precisa para levar além do pão ou arroz?

A televisão nunca mostra, mas os movimentos negros sim
 O quanto a sensibilidade é semente solidária onde estivermos,
 Muitas vezes até mais que na assepsia burguesa da cidade.
 E o Estado que não ouse a nos ver como sujeito de caridade.

Mãos calejadas escrevem para o futuro declamar,
 E a gente volta ao passado com a fome, pedindo para
 Ser ouvida, com esperança de gerar descontentamento e ação,
 e não paralisia paciente.

Hoje tô crente que as palavras vestem
 como calçados macios para
 Nos fazer andar pela cidade, catando palavras no papel
 pisando em cimentos.
 - Vida maloqueira, já viram? Os barracos sem reboco também importam.

Volto para as memórias do morro de onde vim
 Convocado
 A registrar os encontros,
 Sem vergonha da realidade, tampouco naturalização.

Mas registrando-as
 Na cor preta da pele,
 Que já queimou demais,
 Mas mesmo que o fogo
 Apague,
 A fumaça do patriarcado incorpora a violência
 para tentar asfixiar cuidados.

No silêncio e insônia, lembro de olhar ao céu.
Como descansar,
Enquanto a violação de direitos segue na espreita?
Pois é, ela transgrediu o apagão escravagista
Da privação que definha a carne...

Já a morte, não resolve o cansaço.
Os enterros sociais emprestam e tomam a terra
Para limitar o direito à memória por três anos,
Antes de misturar ossos e bloquear a lembrança
desde as colônias.

Ainda assim, brilhamos
como as estrelas desconhecidas no céu
Reinventando datas e costumes que são parte da nossa história
Desde a cor, desde o sangue e travessias.

Lembramos que a liberdade é não esquecer,
e na morte celebrar
A circularidade contínua em energia de amor.

Abrindo portais
Na escrita
Nos afirmamos
Com voz alta,
temos muito o que dizer, antes que a quase-democracia
Enfraqueça, careça e morra, desnutrida, com amnésia.

E a ferida?
É transporte político
Feito um pão duro
Para dentes que se foram.

Dura é a vida
Pobre e
Preta?

Ela também é potencial, para descartar o cheiro podre
 Da desigualdade, que dá medo
 E assusta mais que a morte quando evapora
 E no céu nuvens se formam
 revelando goteiras até em lápides, discrepantes.

Porém,
 Logo cessa.
 E o arco-íris serpenteando
 Avisa: saí para fora.

A sobrevivência unida a muitas mãos pretas calejadas
 seguram flores cultuando a
 Renovação do ano,
 espalhando pólens.

Na volta,
 quem despertou, acorda com cuidado quem ainda está dormindo!

- Zeca Amaral

Referências

- Almeida, S. L. de. (2018). Estado e direito: a construção da raça. In: M. L. da Silva, M. F., M. C. O., & A. Stiel Neto (Orgs.). *Violência e sociedade: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro* (1ª ed., 1, 81-96). Escuta.
- Amaral, Z. (2022). *Bixa preta & amefricana: contação de histórias dos becus à ancestralidade* (1ª ed.). Appris.
- Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude* (1ª ed.). Companhia das Letras.
- Conceição, J. S. (2011). *Dois metades, duas existências: Produção de masculinidades e feminilidades na Irmandade da Boa Morte e no Culto de Babá Egún*. [Tese de Doutorado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Custódio, T. A. (2019). Per-vertido Homem Negro: reflexões sobre masculinidades negras a partir de categorias de sujeição. In: H. Restier, & R. M. de Souza (Orgs.). *Diálogos Contemporâneos sobre homens negros e masculinidade* (1ª ed., 131- 161). Ciclo Contínuo.

- Da Silva, D. F. (2019). *A dívida impagável*. Tradução A. Packer & P. Daher. Forma Certa.
- Evaristo, C. (2020). A escrevivência e seus subtextos. In: C. L. Duarte, & I. R. Nunes (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (1ª ed., p.26-47). Ilustração de G. Lopes. Mina Comunicação e Arte.
- Faustino, D. M. (2020). Frantz Fanon e a Mental Brasileira diante do racismo. In: P. C. Magno, & R. G. Passos (Orgs.). *Direitos humanos, saúde mental e racismo: diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon* (34-47). Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro.
- Gilroy, P. (2001). *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Ed. 34; Universidade Candido Mendes/Centro de Estudos Afro-Asiáticos.
- Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais Hoje*, 2, 223-244.
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. (1ª ed.). Zahar.
- hooks, b. (2022). *A gente é da hora: homens negros e masculinidade*. Tradução V. da Silva. Elefante.
- Lopes, N. (2011). *Enciclopédia brasileira da diáspora africana* (4ª ed.). Selo Negro.
- Martins, L. M. (1997). *Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no jatobá*. Perspectiva; Mazza Edições.
- Martins, L. M. (2021). *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela* (1ª ed.). Cobogó.
- Mbembe, A. (2017). *Políticas da Inimizade*. Tradução M. Lança. Antígona.
- Mbembe, A. (2018a). *Crítica da Razão Negra*. N-1 Edições.
- Mbembe, A. (2018b). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução R. Santini. N-1 Edições.
- Mombaça, J. (2021). *Não vão nos matar agora* (1ª ed.). Cobogó.
- Nascimento, A. do. (1980). *O quilombismo*. Editora Vozes.
- Nascimento, L. C. P. do. (2021). *Transfeminismo*. Jandaíra.
- Nunes, D. (2019). *Zanga* (2ª ed.). Editora Segundo Selo.
- Oliveira, E. D. de. (2005). *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira*. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Ceará.
- Oliveira, M. R. G. de. (2017). *O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. Editora Prysmas.
- Reis, J. J. (1991). *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. Companhia das Letras.

- Rosa, A. da. (2021). *Águas de homens pretos: imaginário, cisma e cotidiano ancestral (São Paulo, Séculos 19 ao 21)*. Prefácio de Ana Lúcia Silva Souza. Veneta.
- Sant'Anna Junior, A. (2021). *Exercícios de Atrevivência*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Sodré, M. (1999). *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Editora Vozes.

Enquanto dormimos

Rajadas

Para que não se esqueça

Enquanto uns dormem

Outros são alvejados.

Sueka

CAPÍTULO 4

CONVERSAÇÕES NA CLÍNICA PSICOLÓGICA SENTIDAS POR UMA COSMOPERCEÇÃO AMEFRICANA

Thaís da Silva Lourenço
Cecília Maria Izidoro Pinto

Introdução

Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos.

(Ailton Krenak, 2019, p. 9)

Estes escritos nascem a partir de um relatório técnico científico apresentado como trabalho final do curso de especialização em *Direito Humanos, Saúde e Racismo: A questão negra – 2021* pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Escrevo em primeira pessoa³⁰, ressaltando que não se trata apenas de subverter a ordem das coisas, pois a verdade é que nunca existiu a pretensa “neutralidade científica”. O que existe ainda vigente é uma

30 Aqui cabe fazer uma breve explicação a respeito da autoria do artigo, que é fruto da minha experiência profissional enquanto psicóloga, que contou com o amparo e orientação da professora e Doutora Cecília Izidoro, que atualmente atua na Superintendência Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Acessibilidade. Por isso, durante toda minha escrita escolho por colocar preferencialmente o termo “pessoa”, que tem sua etimologia no latim *persona* – “máscara de teatro; por extensão, papel atribuído a essa máscara, caráter, personagem [...]” (Rezende, 2010, p. 1). Compreendo que a constituição da pessoa é feita na relação, na troca, em que a mesma não perde sua singularidade. Enquanto indivíduo “significa indivisível, uno” e sujeito “designava o escravo, o submisso, o vassalo, o subjogado” (Rezende, 2010, p. 1), redução a peças de uma máquina, assim como pessoas negras e indígenas já foram consideradas ao serem escravizadas, e além de serem objetificadas, também foram animalizadas, não possuindo o direito à dignidade humana (Silva, 2017).

ciência racional hegemônica, marcada por interesses políticos, econômicos e religiosos excludentes, sempre assentada na sua posição de poder e privilégio. Nesta ciência eurocentrada, nossos³¹ corpos e subjetividades, negros e indígenas, são usados como objetos de exploração, silenciados no direito à memória e à fala, e não possuímos a legitimidade dos nossos territórios.

Atenta às inúmeras situações que operam neste sistema, entendo que as relações de poder presentes na sociedade demonstram que o que está posto é o pacto em manutenção de privilégios e vantagens na intersecção entre raça, gênero e classe (Crenshaw, 2002), que fazem coro às violências estruturais e institucionais na sociedade brasileira (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2017). Sendo assim, não sou o objeto, mas a pessoa que se descreve e se autodetermina, tornando minha atitude um ato político (Kilomba, 2019). Me digo preta, mulher, produtora cultural e de eventos, psicóloga e pesquisadora, moradora da zona norte do Rio de Janeiro, aprendendo com Neusa Santos Souza (1983, p. 17), que “uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade”.

Dito isso, como objetivo, busquei relatar proposições de cuidado na Psicologia Clínica, a partir de uma *cosmopercepção amefricana* (Oyěwùmí, 2021, Gonzalez, 1988/2018), evidenciando a demanda majoritária de mulheres, sobretudo negras, que procuram os meus serviços. A afinidade em direcionar o trabalho às narrativas de mulheres negras não se tratou de uniformizar suas questões, ainda que a experiência do racismo e sexismo tenham um grande impacto sobre nossas vidas, mas de mostrar ferramentas de cuidado com demandas que são negligenciadas nos atendimentos em Psicologia.

31 De modo amplo, escolhi por usar o pronome possessivo nosso (e suas variações) e o verbo ser, para reforçar que a luta da população negra, indígena e outros grupos não-brancos (que sofrem por preconceito racial, a depender do contexto), que possuem reivindicações em comum a favor da garantia de direitos e contra as violências sistêmicas.

Destaco, ainda, que recebo nos atendimentos histórias marcadas por discursos carregados pelos sofrimentos ligados ao sentimento de não-lugar, baixa autoestima e inadequação provocados pelo racismo, sexismo e demais opressões. Perante a similaridade dos casos, cabe considerar que as queixas relatadas, em termos analíticos, estão pautadas na absoluta singularidade (Souza, 2008), uma vez que cada pessoa vai sentir, expressar e ter atitudes próprias. Mas suas demandas, em termos gerais, têm características coletivas (Silva, 2017).

Por meio de *gestos metodológicos* (Sant'Anna Junior, 2021), na pulsão poética fluida com *escrevivência, oralitura e atrevivência*, proposta elaborada Ademiel Sant'Anna Junior (2021), teci uma história ficcional inspirada em minha experiência pessoal-profissional entrelaçada nas *conversações* que aprendi com bell hooks (2020), em que também tomei como base pesquisas e percepções dentro e fora da clínica. Referências negras, indígenas, latino-americanas, entre outras, se inter cruzam no texto, atravessando o discurso ocidentocêntrico e adentrando ao território brasileiro. Contextualizei o cenário pandêmico da covid-19 e recorri a Oyèrónké Oyěwùmí (2021) e Lélia Gonzalez (1988/2018), articulando a sabedoria de ambas com minha prática em promover saúde, embasada e sentida numa ação que contrapõe o pensamento colonial universalista, com uma clínica que sirva aos interesses de quem a procura, tratando com respeito e integridade.

Na história ficcional, expressei análises que descortinam os efeitos da naturalização da violência sistêmica, que lhes atravessam por serem negras-mulheres e também expressei as estratégias de (re)existência, promoção da saúde e enfrentamento às tentativas de aniquilamento. Reflexões e provocações finalizam o manuscrito encruzilhando saberes de outras áreas epistemológicas, com conteúdos direcionados

à realidade amefricana, para a produção de saúde e combate a esses sistemas de opressão.

Vidas Negras Importam para Quem?

A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.

(Conceição Evaristo, 2005, p. 2)

A influência das pressões geradas pelos movimentos reivindicatórios merece destaque para compreender o seu impacto nas nossas vidas, especialmente no momento pandêmico. A exigência do debate racial, principalmente nas mídias sociais, tem possibilitado mostrar a face mais sombria e *esclarecida* do racismo. Denúncias de atitudes racistas são noticiadas diariamente e nós estamos nos pronunciando e nos mobilizando de forma precisa, diante de nossa indignação com a crueldade racista. Em 2020, tivemos organizações notórias de vários movimentos, um deles deu origem à *#blacklivesmatter* e *#vidasnegrasimportam*, em resposta à violência extrema.

O debate racial teve uma explosão mundial após o assassinato de George Floyd³² em 25 de maio de 2020 em Mineápolis, Minnesota, Estados Unidos. No dia 19 de novembro do mesmo ano – na véspera da data que deveria ser em celebração à *Consciência Negra* –, João Alberto Silveira Freitas³³ foi assassinato em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e o então vice-presidente do Brasil, Hamilton Mourão, afirmou que, para ele, no Brasil não existe racismo, que isso é uma coisa que querem importar para o país (Mazui, 2020).

32 Homem negro, 46 anos, sufocado até a morte por um policial branco.

33 Homem negro, 40 anos, sufocado até a morte por seguranças brancos no supermercado.

O pronunciamento do então vice-presidente da República reforça o mito da democracia racial em nosso território e caracteriza o que Lélia Gonzalez (1980/2018) chamou de neurose cultural brasileira, que determina o racismo como sintoma nacional. Tais violências estão viralizando e tornando público não apenas o genocídio da nossa população, mas também as denúncias de violência racial, que caracterizam mortes territoriais e epistemológicas. Perante este cenário alarmante, “faz-se urgente a defesa intransigente de vidas negras e, em especial, da saúde mental da população negra há tanto esfacelada” (CFP, 2020b). De modo similar, faz-se necessária a reivindicação da saúde da população indígena e preservação da vida.

No Brasil, no entanto, o racismo tem características próprias. O racismo “à la brasileira” (Gonzalez, 1982/2018, p. 129) é um fenômeno complexo e sorrateiro e, como psicóloga, a partir do Código de Ética Profissional da categoria, devo colaborar na criação de condições que visem eliminar a opressão e a marginalização do ser humano (CFP, 2005). Minha prática se constrói, assim, com a valorização de uma ética pautada nos Direitos Humanos, e para isso me oriento em conjunto com os materiais produzidos pelo Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas – CREPOP e as Resoluções do Conselho Federal de Psicologia que estabelecem normas de atuação para as psicólogas em relação: à orientação sexual (CFP nº 001/1999); ao preconceito e à discriminação racial (CFP nº 018/2002); às violências de gênero (CFP nº 08/2020a); entre outras.

É inaceitável desconsiderar que o racismo é central e faz parte de um todo em maior ou menor grau, no adoecimento de pessoas negras e indígenas, e que de modo paralelo o sexismo e classismo geram impactos nocivos na população. O que reforça a urgência da categoria de colocar em práticas as orientações estabelecidas pelo CFP no que se refere à atuação

baseada dos Direitos Humanos com postura crítica à realidade social, política, cultural e econômica do país.

Um dos fatores que explica a crescente escolha de pessoas negras por profissionais negras, não é apenas um processo de identificação, trata-se de um fator estratégico e crucial na diminuição do sofrimento, dado que o racismo ainda é uma questão ignorada na formação e atuação de profissionais de Psicologia e de outras áreas. Cenário este que não destoa dos discursos propagados pelas autoridades do país, que consideram o racismo como sendo “coisa de americano” (Gonzalez, 1980/2018, p. 193).

Fontes Teóricas em Conversação

Pensou que eu ando só? Atente ao tempo
 Não começa nem termina, é nunca, é sempre
 É tempo de reparar na balança de nobre cobre que o rei equilibra
 Fulmina o injusto, deixa nua a justiça...

(Maria Bethânia & Paulo Cezar Pinheiro, 2012)

“Nossos passos vêm de longe!”, bem exclama Jurema Werneck (2010, p. 8), que transformou essa frase em um hino para a população negra, reconhecendo e valorizando as lutas ancestrais como alimento para o enfrentamento do projeto genocida, que tenta de várias maneiras aniquilar tudo o que foge das “lentes do racismo patriarcal” (Werneck, 2010, p. 11). Grada Kilomba (2019) enfatiza que, a depender do lugar em que nos situamos, teremos uma interpretação distinta dos efeitos violentos que essas opressões produzem, não sendo possível pensar raça e gênero como construções separadas, posto que uma depende da outra.

Por influência disso, meu intuito é evidenciar os manejos e gingas que nós utilizamos para combater os distintos modos de opressão que reproduzem múltiplas discriminações e sofrimentos. Com isso, me propus a cuidar dessa questão pelos sentidos que me oferecem Oyèrónké Oyěwùmí e Lélia Gonzalez e me perguntei: Será que a experiência das mulheres negras poderia produzir diálogos entre Oyèrónké e Lélia? Senti que sim! E se sinto, fiz existir esta conversa, não uma conversa qualquer, mas a proposta por bell hooks (2020), que para além de uma conversa é uma *conversa*ção. Este conceito, muito precioso para a autora a ser aplicado na educação, me serve como aposta para conduzir meus encontros na clínica. bell explica a potência democrática que é a *conversa*ção, que como ferramenta de ensino, pode ser usada dentro e fora da sala de aula, a medida que todas as pessoas falam, “todas as pessoas se envolvem em conversas” (hooks, 2020, p. 81).

Acrescenta ainda que há nas conversas o poder de mudar os caminhos, redirecioná-los para diferentes definições, percebendo questões complicadas a partir de diferentes perspectivas e revirando o que se conversa nos esforçamos para construir um novo entendimento (hooks, 2020). Conversa(ção) movem e removem. O que há de (in)comum entre Oyèrónké Oyěwùmí e Lélia Gonzalez? O que tornam seus discursos possíveis no encontro com as histórias, memórias e emoções de mulheres negras em conversações?

Mobilizada pelos caminhos abertos e pavimentados por essas mulheres até aqui, me atrevi a tratar esta questão como uma *cosmopercepção amefricana* (Oyěwùmí, 2021, Gonzalez, 1988/2018). Nela, a *cosmopercepção* apresentada por Oyèrónké Oyěwùmí (2021) significa incluir a concepção de mundo por uma diversidade cultural, num sentido sensorial e cognitivo, ampliando as formas de perceber o mundo, para além da valorização ocidental da visão. Na perspectiva iorubá, com a combinação de sentidos, a audição possui notoriedade, pois “o que

se ouve pode ser a sugestão mais importante” (Oyěwùmí, 2021, p. 44). Já o conceito *amefricano/ amefricanidade*, herdado de Lélia Gonzalez (1988/2018), se refere à influência negra na formação histórico-cultural do Brasil e de todo território americano, após o sequestro da população negra do continente africano. O termo “nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta” (Gonzalez 1988/2018, p. 329). Lélia denuncia que ainda que estejamos em diferentes localizações, que apresentam suas especificidades, o sistema de dominação racista se mantém estruturado e é aplicado em diferentes contextos.

Ao articular esses conceitos, automaticamente associo com a Psicologia, que tem como ferramenta a arte da escuta, possibilitando contornos e, por influência disso, a maneira em que cada pessoa relata sua história traz consigo tons, sensações, expressões que acompanham a memória exposta em palavras e gestos. Não posso desconsiderar que sendo o Brasil um país que transita entre os efeitos coloniais, suas matrizes africanas e povos originários, a porta de entrada na minha clínica é a análise visual, identificando as características físicas que esse corpo manifesta ao encontrar com o meu e que se desdobra no escutar-falar que ocorre conjuntamente de forma sensível.

Sendo o Brasil o país mais negro fora do continente africano (Gonzalez, 1988/2018) debruço-me nesses estudos, tentando minimamente compreender como a lente ocidental marca os modos de subjetivação presentes na constituição do território brasileiro, pois em diáspora tivemos nossas raízes fragmentadas. Conto, para essa conversação, com autoras que se dedicaram aos estudos e investigações dos processos psíquicos e históricos que perpassam a construção da identidade, emocionalidade, fantasias e realidades de pessoas negras.

Compreendo que a Psicologia é um instrumento científico que não responde a tudo, que tem seus limites e que, inclusive, sua própria história é manchada por colaborar com práticas opressoras. Todavia, tenho percebido que é mais sobre quem usa e como usa as técnicas e bases teóricas, do que as ferramentas em si. Vista disso, Sigmund Freud, apesar de ser um homem branco e europeu, apresentou muitas contribuições para os estudos clínicos da psique humana e com a participação direta de mulheres, fundou a Psicanálise. Linha que foi aderida, criticada e incrementada pela Psicologia e Psiquiatria, possibilitando que estudiosas negras consagradas como Frantz Fanon, Grada Kilomba, Isildinha Baptista Nogueira, Lélia Gonzalez, Maria Lúcia da Silva, Neusa Santos Souza e Virginia Leone Bicudo pudessem analisar as relações raciais através desta abordagem.

Ao ser procurada na clínica por outras pessoas negras, sou de certa forma idealizada por elas, devido à minha própria experiência enquanto mulher preta, sendo espelhamento às que visam a amenização de seus conflitos. Sem sombra de dúvidas, meu corpo e estado emocional também são elementos que comunicam, e deste modo interferem diretamente no desenvolvimento do processo a ser realizado – o que tornam as práticas de autoamor e autocuidado fundamentais na minha atuação profissional, pois afeto e sou afetada por cada pessoa que encontro no *setting* de análise.

Daí meu cuidado também nos processos contratransferenciais, afinal, segundo Freud, “nenhum psicanalista avança além do que os seus próprios complexos e resistências internas lhe permitem” (1910/1996, p. 150). Fico atenta, inclusive, às transformações sociais que influenciam o imaginário social das pessoas negras, viabilizando um pertencimento positivo e afirmativo no que se refere à estética, intelectualidade e cultura negra. Por isso, minha imagem como preta e mulher, hoje comunica o que Lacan denominou como *sujeito do suposto saber*, diante do critério

declarado por estas pessoas ao me escolherem como psicóloga e suporem que eu saberei os motivos que causam os seus sofrimentos (Nogueira, 1998). Considero ainda as problemáticas que também passam pelos movimentos sociais, em que por vezes provocam um efeito cerceador da singularidade e tentam impor outros padrões que não são emancipatórios.

Apresento narrativas ficcionais, inspirada na experiência acumulada, baseada nas pesquisas e nas percepções dentro e fora da clínica psicológica. Transitando em espaços de trocas com pessoas negras, principalmente mulheres cisgêneras³⁴, presenciei relatos em que o racismo, sexismo e classismo foram fatores de insatisfação, inadequação, medo e sofrimento. Notei que a partir das conversações elas puderam refletir, elaborar, enfrentar e compreender melhor suas realidades e o contexto em que vivem. Apesar dos malefícios causados por essas opressões, pude avaliar que as trocas fortaleceram sua estrutura psicológica e, com isso, puderam viver de formas mais saudáveis, realizando seus sonhos e desfrutando de seus desejos.

Gestos Metodológicos Assentados na Escrevivência, Atravida em Oralitura

Escrevivência (Evaristo, 2005) foi a ferramenta metodológica que utilizei para escrever a história ficcional, cuja origem está nas vivências e convivências com pessoas negras, principalmente mulheres cisgêneras, seja na clínica psicológica ou em outros espaços de troca. *Escrevivência*, técnica cunhada por Conceição Evaristo (2005), tem recebido grande notoriedade por outras intelectuais negras que fazem imperativas sua presença e comprometimento social.

34 No que diz respeito às expressões de sexualidade, por não ter atendido até o momento pessoas transgêneras, não irei articular identidade de gênero e nem adentrar à categoria de orientações sexuais. Ponderando apenas sexo biológico, pois infelizmente é uma construção vigente na sociedade brasileira.

Perante tais circunstâncias, mesmo escolhendo atuar em uma clínica que por enquanto atende uma pessoa por vez, não é possível caminhar sozinha e, indo ao encontro do meu querido amigo Ademiel Sant’Anna Junior, escrever esta conversação é um “exercício de atrevivência” e forma de concretizar a certeza de que “nunca coubemos no silêncio” (2021, p. 6).

Portanto, o método é um gesto, mãos estendidas na conversação que foi cunhado por Ademiel Sant’anna Júnior (2021), como *gestos metodológicos*. Em síntese, o autor parte da troca dinâmica entre três conceitos: a *escrevivência* de Conceição Evaristo (2017) como ato político de mulheres pretas em seu poder de escrita – incluído a escrita de si – em conversação e suas vivências atravessadas pelo racismo, sexismo e classismo; a *atrevivência*, cunhado pelo autor, onde os verbos atrever e viver se propõem a expandir o corpo, perceber sintonias e vocalidades que escorrem do corpo, vozes pretas na cena da conversação em gira, em roda com todo universo ancestral comum; e a *oralitura* de Leda Maria Martins (2003) para tanto nos atendimentos presenciais, quanto virtuais perceber as grafias do corpo, os vestígios, as falas e os segredos nascidos das experiências de dor e violência dos corpos negros na diáspora.

Em dezenove meses de prática clínica, no período de outubro de 2020 a maio de 2022, um fator me chamou a atenção quanto às pessoas que me procuraram para atendimento psicológico. Nos comparativos entre mulheres e homens que procuraram o serviço, 85% foram mulheres e 15% homens. Enquanto no quesito raça/cor autodeclarado, 85,3% das mulheres e 66,7% dos homens eram negros (pretos e pardos). Perante esses dados, meus gestos metodológicos foram guiados na produção de uma escrita e pesquisa que tem como natureza uma Psicologia Clínica que atenda aos anseios de quem majoritariamente tem recorrido a uma conversação sensível que escolhi chamar de *cosmopercepção amefricana*, unindo os conceitos cunhados por Oyèrónké Oyèwùmí e Lélia Gonzalez, respectivamente.

Conversações em Autocuidado Coletivo

Se você esquecer, não é proibido voltar atrás e reconstruir.
 Provérbio Africano

Ayanna³⁵, mulher preta, 30 anos, chega ao atendimento *on-line* visivelmente abatida. Seu rosto expressava cansaço e sua voz refletia a angústia de ter sido silenciada na última reunião do trabalho. Precisava falar! Então, como quem tinha muita tristeza entalada, falou sem hesitar:

– Estava fazendo terapia com uma psicóloga branca, mas desisti. Não fiquei nem três sessões, porque notei que estava fazendo mais mal do que bem, era como se precisasse ficar explicando tudo que estava sentindo e não era compreendida. Sou tímida e era um esforço grande que eu fazia para expressar o que estava sentindo, ainda que eu tentasse, não havia palavras.

Suas palavras me remeteram ao silenciamento já imposto a nós, pessoas negras, em que a dor do racismo não é considerada. Ayanna prossegue e conta como me encontrou...

– Achei você na rede social, por incentivo de amigas negras decidi buscar a terapia, porque não estou mais suportando enfrentar o dia-a-dia no meu trabalho. Ocupo um cargo de liderança e percebo que não sou escutada por ser preta e mulher. Sinto-me sozinha, diferente, estranha, não há outras pessoas negras na equipe e esse sentimento de solidão me acompanha desde que eu era criança.

Na sua narrativa, conta que através de bolsas de estudos que conseguiu frequentar escolas de classe média, em período integral, e lá não

35 Nome fictício que significa “essa é uma flor bonita” (Assante, 2019, p. 38). Assante, M. K. (2019). O livro dos nomes africanos. Afrocentricidade Internacional.

via outras pessoas como ela na sala de aula, a não ser quando esbarrava pelos corredores com “as tias que faziam a limpeza” (sic). Ayanna respira um pouco mais suave, se ajeita em frente à câmera e continua a falar:

– Sentia os olhares atravessados, piadinhas sobre o meu cabelo, diziam que ele parecia esponja de aço. Perguntavam como eu lavava, queria tocar. Fora outros apelidos que não gosto nem de lembrar. Uma vez, no recreio, tacaram uma banana em mim. Eu tinha sete anos. Foi nessa mesma época que minha avó faleceu e meus pais diziam “bola pra frente”, mesmo me vendo sofrendo.

Sua avó foi quem lhe deu o nome, era ela quem lhe dava conforto e aconchego, fazia tranças nos seus cabelos que, com sua partida, começou a alisar. A relação de Ayanna com sua avó nos remete ao conceito de senioridade, já apresentado aqui. No vínculo cultivado entre as duas, sua mais velha era quem lhe transmitia segurança e vivacidade.

Ayanna não se sentia mais bonita com o cabelo natural, por outro lado também não se sente agora ao alisá-lo. Resultado da morte de sua avó em conjunto com os ataques racistas que fragilizaram a imagem que estava construindo de si mesma na sua primeira infância. Fase esta que foi marcada por acontecimentos fortes na construção de sua subjetividade. O luto por sua avó, pessoa importante na afirmação de sua beleza e pertença, e o racismo no ambiente escolar, lugar violento, que faltava de referências negras em outras posições e em que passava grande parte de seus dias, inundaram o seu interior.

Recordo-me de como foi a relação com meu cabelo ao longo desses anos até finalmente sentir a beleza e potência dos meus fios. Haja terapia e pesquisa! Meninas negras, sem ter noção de sua beleza, buscam o embranquecimento como modo de encontrar fora o que não percebem por dentro. Oyèrónké nos

alerta sobre a obsessão ocidental pela visão, que deixa escapar o que não pode ser visto, e assim, perdemos “os outros níveis e as nuances da existência” (Oyèwùmí, 2021, p. 44). Não é nada simples o processo de autoaceitação, principalmente quando somos invadidas por estereótipos ocidentais. “Alisar o ‘cabelo ruim’ com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias” (Kilomba, 2019, p. 127) é parte do projeto colonial, “porque eles querem que o cabelo da gente fique bom, liso e mole, né?” (Gonzalez, 1980/2018, p. 203). “Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados ‘sinais repulsivos’ da negritude” (Kilomba, 2019, p. 127).

O cabelo carrega uma vasta gama de elementos, que perpassam pela construção da identidade, autoestima, posicionamento ético-estético-político e, por que não, uma possível expressão da sabedoria, que a idade pode propiciar? Não é à toa o ataque sistemático acerca da estética capilar, mobilizados pelo racismo, o machismo e o etarismo (Fideles, Zonatto, & Moraes, 2022), estão aí, ferindo e hostilizando a nossa existência – regras e (o)pressões não faltam. Por isso amar-se permanece sendo revolucionário, seja com nossos traços naturais ou nas transformações que são feitas para serem apreciadas primeiramente na nossa própria intimidade, em que a aprovação externa fica reduzida frente à confiança interna.

Depois de uma longa pausa e com a voz embargada, Ayanna sussurrou envergonhada:

– Hoje, me considero uma fraude, mesmo tendo passado para uma das melhores faculdades do país e agora trabalhando em uma grande empresa de arquitetura, mas parece não bastar. Sempre tentei ser melhor em tudo, mas nunca foi o suficiente. Era como se eu não pudesse errar. Você sabe bem do que estou falando, né? A comida e a bebida passaram a ser a minha companhia. Resultado, excesso de peso, pressão alta e noites sem dormir.

Pensei, é nesse momento que o racismo dá as mãos ao patriarcado, que não suporta ter mulheres negras em posições de prestígio, e quando esta foge do lugar de mulata e doméstica, ou seja, da posição subserviente, é pressionada a voltar ao lugar que o branco determinou. Como diria Lélia, “por aí se vê que o barato é domesticar mesmo” (Gonzalez, 1980/2018, p. 194).

O consumo de alimentos e bebidas alcoólicas em excesso são fugas para lidar com a sua realidade, que se torna devastadora. Na ânsia por falar e não ser compreendida, engole ainda mais suas dores. O sentimento de não pertencimento fica gritante, por ela ocupar uma posição que não é comum a mulheres negras e por também estar rodeada de pessoas que não possuem as mesmas características físicas que as suas, e ainda ter sido animalizada na sua infância. Lembro-me das rodas de conversas em que questionávamos a cor e a função que determinadas personagens representam nas telenovelas e outras mídias audiovisuais.

Faça você o exercício e reflita quem geralmente é a protagonista, a empregada, quem tem família, em qual lugar reside e em quais condições vivem as personagens de alguma telenovela, filme ou série que você esteja acompanhando. E aí, quais as características que essas pessoas possuem?

Lélia também questiona os motivos de atrizes negras terem seus papéis cristalizados em personagens secundárias, subalternas e sexualizadas. “Será por que são profissionais incompetentes ou por que só têm oportunidade de desempenhar papéis que reforçam a imagem de inferiorização da negra?” (Gonzalez, 1982/2018, p. 129).

Com uma escuta ativa ao que Ayanna relatava, com seus olhos marejados, respiramos juntas e o cenário da minha infância e adolescência vieram imediatamente. Não tive referências de mulheres negras em funções de liderança ou cargos valorizados socialmente. Talvez por isso, também

demorei dez anos para escolher ingressar na faculdade e não compreendia porque minha mãe, que sempre foi trabalhadora doméstica, insistia tanto para que eu estudasse, ainda que abertamente declarasse que era para eu ter outra vida, que fosse contrária à dela. Então, de pronto era nítido para mim o que Ayanna estava comunicando; quando se nasce preta, mulher e pobre é aquela história de ter que ser duas, três, quatro vezes melhor e se sentir deslocada, insuficiente, errante e culpada. Situação que provoca um intenso desgaste físico e emocional. Mexida afetivamente com minhas lembranças, fui cuidar dessa questão na minha própria psicoterapia. Isildinha nos diz que:

À medida que o negro se depara com o esfacelamento de sua identidade negra, ele se vê obrigado a internalizar um ideal de ego branco. No entanto, o caráter inconciliável desse ideal de ego com sua condição biológica de ser negro exigirá um enorme esforço a fim de conciliar um Ego e um Ideal, e o conjunto desses sacrifícios pode até mesmo levar a um desequilíbrio psíquico: isto é, o ideal de ego negro (Nogueira, 1998, p. 88).

No decorrer dos encontros, Ayanna e eu fomos estabelecendo um “laço afetivo” (Souza, 2008), à medida que validei seu primeiro relato e fui explicando as nuances mascaradas pelo racismo brasileiro e como o gênero, enquanto categoria ocidental seguiu a *bio-lógica* em um determinismo ideológico de organização do mundo social, como aprendi com Oyèrónké (2021).

Em outros encontros, Ayanna falou sobre suas experiências religiosas, que envolvia a relação conturbada com seu pai, até finalmente encontrar um espaço de pertencimento e reconexão espiritual. Ela declara:

– Cresci em um lar evangélico, que usava Deus e distorcia os ensinamentos de Jesus Cristo para justificar a violência. Meu

pai dizia que eu iria para o inferno se não obedecesse e me batia dizendo que era para o meu bem. Tinha muito medo de ser castigada e acreditava que a culpa era minha por estar apanhando. Eu fazia de tudo dentro de casa, enquanto meus dois irmãos só brincavam. Quando fiquei mais velha, conheci religiões de matriz africana. Tinha muito medo e preconceitos, lembro que meus pais diziam que era coisa do demônio, e depois que comecei a frequentar as giras em terreiros que minhas amigas me levaram, me identifiquei bastante. Talvez seja um dos únicos espaços que me sinta pertencente. Era o meu lugar!

Neste momento Ayanna para e diz:

– Caramba, minha avó era do candomblé!

E continua...

Com a chegada da covid-19 no Brasil, Ayanna trouxe os gatilhos disparados pela pandemia, que causaram mudanças forçadas no seu cotidiano e de sua família, além dos efeitos do racismo propagados nas mídias digitais, que também se fizeram presentes no seu trabalho. Fecha o olho, pousa a cabeça para trás e fala de uma só vez, como que deixando sair tudo que faltava:

– Com a covid-19, nada de terreiro. As giras ficaram restritas e encontros presenciais só em casos de emergência. Fui tentando seguir a vida, mas o sentimento de solidão cresceu com o distanciamento social, a ansiedade e cansaço foram aumentando a cada dia. Muitos gatilhos disparados. A rotina foi completamente modificada, trabalho remoto, mestrado à distância... Não tinha mais contato direto com outras pessoas, os rolês que eu frequentava ficaram suspensos e com isso, estava restrita ao meu apartamento e o contato comigo mesma ficou demais, né? Veio o medo de morrer, de ficar desempregada, de não dar conta dos estudos e nem de mim.

A pandemia trouxe à tona a nossa fragilidade diante de um vírus, e para piorar o racismo se alastrava, sendo exposto ao mundo. Neste momento, Ayanna se levanta, pega o celular e começa a andar pela sala e segue falando agitada:

– Mais um homem preto foi executado por um policial branco nos Estados Unidos e dessa vez ganhou repercussão mundial. Só se falava neste assunto, os protestos estavam por todos os lugares, as redes sociais ferviam de notícias e surgiram outras denúncias de racismo e assassinatos de jovens e crianças negras aqui no Brasil. Era como se alguém da minha própria família tivesse sido executada. E poderia ser mesmo, meu pai, irmãos, primos, todos são homens pretos. E quando fiquei sabendo do que fizeram com Kathlen Romeu?! Também pensei que poderia ter sido comigo, e não só. Minha comadre vai dar a luz à minha afilhada no final do mês. A vida negra não tem o direito nem de nascer, de ser o berço da vida ou dar um respiro se quer. Querem nos eliminar de qualquer forma.

Ayanna relata sua dor, mobilizada após escutar os comentários em sua última reunião no trabalho em ataques direcionados a uma participante de um *reality show*. Seus colegas de trabalho descreviam estereotipando a participante como sendo uma mulher raivosa, agressiva, que deveria ser mais simpática, era muito saíndinha nas festas, questionavam sua sexualidade e que tinha que ser eliminada do programa.

– Não consigo pensar em outro motivo para ela receber tantos ataques, a não ser pelo fato de ser preta e mulher. Não concordei com as atitudes dela, mas vi-me ali, me senti em cena, eles não estavam falando apenas dessa participante. Estavam falando de mim e para mim. Era eu tinha que ser eliminada? Não aguentei, chorei, ali, na frente de todos e não tive nenhum suporte. “Mimimi” foi o que me disseram e nada a mais.

Ela compara o tratamento entre os homens da empresa, grande parte são brancos e heterossexuais, que na sua arrogância tratam as funcionárias com desdém. Suas propostas são ouvidas, enquanto as dela não são consideradas. Enfatiza que se protegem em seu privilégio branco. Ayanna respira e afirma:

– Preciso confessar que tenho a mania de querer agradar todo mundo e ainda assim não adianta nada, fico me perguntando o que estou fazendo nessa empresa, e não só nela, na faculdade também. Assim como passei a infância questionando o meu lugar na minha própria família. Não sou a preta forte, estou exausta, porém sinto-me culpada por ter chorado e continuar chorando neste momento. Essas massificações de informações no virtual e no trabalho impactaram diretamente a minha vida. Por muito tempo considerei que poderia resolver tudo sozinha, afinal, eu sempre me senti sozinha mesmo.

Encontros assim me levam a lugares interessantes. Eu, que atualmente não possuo nenhuma religião, mas tenho minhas afeições espirituais, reconheço o quão é importante que a Psicologia se aproxime mais dos debates sobre laicidade, espiritualidade e religiosidade, contemplando a diversidade existente na sociedade. Com isso, participei de um grupo de estudos sobre Saúde Mental e Saberes-Práticas de Terreiro, que era composto por profissionais interdisciplinares. O grupo, que surgiu no início da pandemia da covid-19, em maio de 2020, me estimulou bastante a conhecer e pesquisar a respeito dos saberes dos povos tradicionais e de terreiro, que funcionam como espaços de cuidado, promoção à saúde e resistência. Abrahão Santos nos enriquece com seus ensinamentos em relação ao enegrecimento da Psicologia e conta que os terreiros “eram espaços de ajuda mútua, de superação de problemas de ordem material, de

difusão de conhecimento sobre a saúde da população negra e seus direitos civis. Os terreiros são espaços de acolhimento, que é algo indispensável na promoção da saúde física e mental” (Santos, 2019, p. 161).

Com essas fontes, pude acessar com mais delicadeza a vivência de Ayanna ao atribuir sua pertença ao terreiro e em seguida conectar com a lembrança de sua avó, pessoa que possibilitou um lugar existencial de acolhimento e amorosidade. Wade Nobles (2009) anuncia que a herança religiosa encontrada no Brasil não se faz importante pelas suas práticas ou sincretismos, mas sim pela manutenção do que significa ser uma pessoa ou um ser humano em uma perspectiva africana. Foi o que a avó de Ayanna e seu contato com o terreiro proporcionaram a ela.

Ayanna estava implicada na terapia, mas algo que ela temia aconteceu. Foi demitida e teve que suspender os encontros. Por mensagem de texto ela informou que a empresa estava passando por dificuldades financeiras e houve um corte geral. No entanto, apenas mulheres foram demitidas e alegaram que elas custam caro para a empresa, porque elas engravidam. Ayanna teve que voltar a residir com os pais, algo que não gostaria e já havia relatado várias vezes nos atendimentos.

Ainda que tenha sido breve sua passagem no espaço terapêutico, juntas pudemos nomear muitos de seus conflitos como não sendo particularmente seus. Fornecer informações a respeito dos problemas vivenciados por ela foi um caminho para o autoconhecimento e consciência da realidade e contexto sobre seus processos de adoecimento e de outras mulheres negras. Situa-la, apresentando conteúdos que mostram que sua vivência não é unicamente pessoal é possibilitar “um questionamento social das dificuldades criadas para indivíduos e grupos inseridos no conjunto do sistema” (Fiorini, 2004).

Conversações Finais: Possibilidades do Cuidado na *Cosmopercepção Americana* das Mulheres Negras em Conversação

O racismo, o machismo e o classismo arraigados no conteúdo exposto pelo presente relatório técnico científico, representado por meio da *escrivência* da história de Ayanna, denuncia elementos que são corriqueiros na história real de muitas pessoas negras, principalmente mulheres. Não há como ignorar que tais elementos, muitas vezes naturalizados, tratados com indiferença ou banalizados, vem sendo problematizados por inúmeras intelectuais negras, indígenas, latino-americanas e outras. Ao compor a narrativa ficcional de Ayanna, partindo do ato de escrever as vivências, construo ao me inspirar em minha experiência pessoal-profissional, baseadas nas pesquisas e nas percepções dentro e fora da clínica psicológica, como bem ensina Conceição Evaristo (2005), que não separa quem escreve daquilo que escreve e o que está escrito de quem o escreveu. Nos estimulando a sermos protagonistas da nossa própria história.

É indigesto questionar os motivos dessas referências ainda não serem amplamente propagadas nas unidades de ensino, seja o básico ou o dito superior. É inquietante, que ainda hoje haja profissionais de diversas áreas que em sua prática profissional, em suas relações e espaços de trabalho, que não se atentam à realidade social, não procuram e nem bebem em fontes que ultrapassem o eixo ocidentocêntrico.

Proponho uma trilha de psicólogas em *conversação* com outros campos de saber, tal qual bell hooks (2020) estimulou, para troca de compreensões e sentidos através dos diálogos em prol da informação construtiva. Incentivando a voz singular, mas priorizando uma inclusão que visa à expansão coletiva. Nesta conversação de saberes, sugiro que as profissionais de Psicologia que se disponham à encruzilhar as

questões que emergem na clínica e também em espaços outros de trocas interdisciplinares, direcionados à realidade brasileira.

Direcionando-me à *cosmopercepção amefricana* para oferecer às pessoas que buscam acompanhamento psicoterapêutico nuances do que lhe é vivenciado de forma singular e do que se refere ao coletivo, para que assim seja possível proporcionar acolhimento e senso crítico, que facilite o respiro, alívio e reflexão, frente a uma sociedade que tenta nos aniquilar. Entrelaço, assim, o conceito de *cosmopercepção* Oyèrónké Oyěwùmí (2021) e *amefricana/ amefricanidade* de Lélia Gonzalez (1988/2018), na tentativa de propiciar um cuidado em perspectivas múltiplas, que se desloque da rota ocidentocêntrica e que combata o racismo que se camufla na neurose cultural nacional.

Há situações onde não é possível individualizar, pois o que acontece socialmente, interfere diretamente nas pessoas e nas relações. Os efeitos culturais e o cenário político governamental estão costurados e são indissociáveis ao tecido social, o que legitima a articulação das profissionais e pesquisadoras em conjunto com a luta dos movimentos reivindicatórios pela garantia de direitos e para que coletivamente se obtenha uma transformação efetiva. Contudo, espero que de algum modo esses escritos possam contribuir com a permanente (des)construção de uma Psicologia crítica, que vem seguindo por direções abastecidas de cuidado e compromisso ético-político.

Referências

- Bethânia, M., & Pinheiro, P. C. (2012). *Carta de amor* [vídeo]. YouTube. <https://music.youtube.com/watch?v=Kzpcn2UEMPE&list=RDAMVMKzpcn2UEMPE>
- Conselho Federal de Psicologia (CFP). (1999). *Resolução CFP Nº 001/1999*. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf.

- Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2002). *Resolução CFP Nº 018/2002*. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002_18.PDF
- Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2005). *Código de Ética Profissional do Psicólogo – Resolução CFP Nº 010/2005*. <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>.
- Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2017). *Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogas/os*. CFP.
- Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2020a). *Resolução CFP Nº 008/2020*. Estabelece normas de exercício profissional da psicologia em relação às violências de <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-n%C2%BA-082020.pdf>
- Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2020b). Saúde mental da população negra importa! <https://site.cfp.org.br/saude-mental-da-populacao-negra-importa/>.
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 171-188.
- Evaristo, C. (2005). Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *Z Cultural – Revista do programa avançado de cultura contemporânea*, ano XV. <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>
- Fideles, S., Zonatto, O., & Moraes, F. (9 mar. 2022). *Etarismo, o preconceito de idade que atinge em cheio as mulheres*. Universidade Federal de Minas Gerais. <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/etarismo-mulheres-e-o-preconceito-contra-a-idade>
- Fiorini, H. J. (2004). *Teoria e técnica de psicoterapia*. Trad. M. S. Gonçalves. Martins Fontes.
- Freud, S. (1910/1996). As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. *ESB*, 11, 145-156. Imago.
- Gonzalez, L. (1980/2018). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Gonzalez, L. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa* (190-214). Editora Filhos da África.
- Gonzalez, L. (1982/2018). E a trabalhadora negra, cumé que fica? In: Gonzalez, L. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa* (127-136). Editora Filhos da África.
- Gonzalez, L. (1988/2018). A categoria político-cultural da Amefricanidade. In: Gonzalez, L. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa* (321-334). Editora Filhos da África.
- hooks, b. (2020). *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. Trad. B. Libanio. Elefante.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. J. Oliveira. Cobogó.

- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.
- Martins, L. (2003). Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, (26), 63-81. <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>
- Mazui, G. (20 nov. 2020). *No Brasil, não existe racismo, diz Mourão sobre assassinato de homem negro em supermercado*. Portal G1. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/20/mourao-lamenta-assassinato-de-homem-negro-em-mercado-mas-diz-que-no-brasil-nao-existe-racismo.ghtml>
- Nobles, W. W. (2009). Sakhú Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: E. L. Nascimento (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora* (277-297). Selo Negro.
- Nogueira, I. B. (1998). *Significações do corpo negro*. Universidade de São Paulo.
- Oyèwùmí, O. (2021). *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero* (1. ed.). Trad. W. F. do Nascimento. Bazar do Tempo.
- Rezende, J. M. (2010). Pessoa, indivíduo, sujeito. *Revista de Patologia Tropical*, 39(1), 69-72.
- Sant'Anna Junior, A. (2021). *Exercícios de atrevivência*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Santos, A. de O. (2019). O enegrecimento da Psicologia: Indicações para a formação profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(n. esp.), 159-171.
- Silva, M. L. da. (2017). Racismo no Brasil: Questões para psicanalistas brasileiros. In: N. M. Kon, M. L. da Silva & C. C. Abud (Orgs.). *O Racismo e o Negro no Brasil: Questões para psicanálise* (71-89). Perspectiva.
- Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Edições Graal.
- Souza, N. S. (4 ago. 2008). Trilogia da Mente. *Programa Espelho* [programa de televisão]. Entrevista concedida a Lázaro Ramos e Sandra Almada. Canal Brasil.
- Werneck, J. (2010). Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. *Revista da ABPN*, 1(1), 2010.

Contemplação

Não somos
Nada daquilo que forma
Somos tudo que deforma
Complexos
Complexas vivências
Busco contemplação
Sem contenções
Conter sem repreender
Contar para externar
Tudo que podemos ser
Somos
Onde deveríamos estar
Podemos fazer
Vidas
Cheias de delícias
Vias expressas
Veias abertas
Jorros de prazer
Brilho é estar
Com você.

Sueka

CAPÍTULO 5

PENSAR A VIDA E A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA COMO OBRA DE ARTE: ENCONTROS ENTRE ESCREVIVÊNCIAS, BORDADOS E MÚSICA

Janaina da Silva Costa
João Otávio Vieira Carvalho Almeida
Joyce dos Anjos Barcellos
Luziane de Assis Ruela Siqueira

Introdução

Quando Foucault (1995, p. 261) nos interpela, indagando: “não poderia a vida de todos se transformar numa obra de arte?”, nos sentimos convocadas/os a refletir que em nossa sociedade a arte se transformou em algo relacionado a objetos, feitos por especialistas, não se relacionando a indivíduos ou à vida. Seguindo a reflexão do autor, pensamos: então, por que não transformar a vida de todos numa obra de arte? O que não implica pensar a vida de forma romantizada, buscando o esteticamente belo, como uma alegoria. Nesta direção, este texto busca compartilhar experiências que apostam na vida como obra de arte, esta vida que é pautada nas sutilezas, na arte cotidiana de (sobre)viver. Falamos de olhares sensíveis e estéticos, conforme Andréa Zanella (2020), que dizem de olhares que não se contentam com o que está dado, mas que buscam a diversidade.

A aposta na arte como caminho para educação de nossos olhares nos leva a repensar a formação e a pesquisa em Psicologia. Assim, buscamos compartilhar relatos no campo da formação *psi*, no âmbito de pesquisa de mestrado, com uma dissertação alinhavada por músicas e pela experiência

de uma pesquisadora, mulher, negra e artista da música, onde pesquisa, vida e produção de conhecimento estão amalgamadas. Um outro relato, de pesquisa de iniciação científica, traz uma pesquisadora, mulher, negra, bordadeira, que alinhava as linhas dos bordados da vida com a formação em Psicologia. Um último relato aborda a experiência na disciplina de Introdução à Psicologia, ministrada na graduação no curso de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, narrando parte dos encontros tecidos entre a docente, uma mulher branca, e o graduando/monitor, um homem, jovem, negro. Narrativas que falam dos encontros entre a psicologia, a formação e a arte na forma de música e documentários.

Em nossas trajetórias de pesquisa, formação e docência, apostamos no caminho de escrevivências, conforme Conceição Evaristo (2020), produzindo uma costura de vidas tecidas a fios de ferro, vidas que falam das pesquisas, dos processos formativos e dos corpos que se dão ao encontro conosco em nossas trajetórias. Assim, os relatos que se seguem, falam de arte, na forma de música, de bordado, de documentários, utilizando as escrevivências como uma política de narratividade. Produzir conhecimento nessa direção implica em fissurar na radicalidade o paradigma científico da modernidade, pautado na neutralidade e na ideia de verdade inequívoca.

Avisamos às leitoras e aos leitores: este texto é inundo de vida, alinhavando fios de nossas e de tantas outras vidas, tomadas aqui como protagonistas de suas histórias. Os relatos, apesar de escritos em primeira pessoa, dizem de experiências coletivas e múltiplas, de corpos negros atravessados pela academia, pela história, pelo silenciamento e apagamento, mas também pelo pertencimento. Dizem também de processos de resistência e reexistência, em uma aposta no afeto, no se deixar afetar e ser afetado (Siqueira & Favret-Saada, 2005), em uma dimensão de experiência e encontro – novamente, fissurando a suposta neutralidade e a dicotomia entre sujeito e objeto.

Em todos os relatos, é possível ver o cultivo da arte do encontro, conforme Larrosa (2014), tecendo práticas *psis*, na formação e na pesquisa que buscam a experiência compartilhada. Tomados pela dimensão da experiência compartilhada e pelo paradigma ético, estético e político (Rolnik, 1993), tecemos juntas e juntos, uma formação em psicologia e em pesquisa impregnadas de vida, portanto conectadas com as histórias de vida de discentes e pesquisadoras e pesquisadores. O paradigma é estético porque trata da criação da existência, criação do mundo como obra de arte. Ético, porque diz de um compromisso com a potência da vida, com as forças do devir, o que remete às escolhas dos modos de existência e do mundo em que construímos e vivemos, o que diz de um paradigma também político, conforme Marisa Rocha (1993).

Assim, convidamos neste texto a partilhar o mundo na forma do cultivo da arte do encontro e do encontro com a arte, a psicologia e a vida.

Experiências Escrevintes de uma Mulher Preta: Artista da Vida-Pesquisadora-Cantora

Ser mulher preta, cantora, e resistir ao sexismo, racismo e facismo de cima do palco não é fácil! Lembro-me de um show que fizemos na cidade de São Vicente, litoral de São Paulo, quando três jovens brancos héteros cis cruzaram os braços e pararam de frente para mim, enquanto eu preparava meus pedais. Entreolharam-se e disseram: “vamos ver o que ela sabe fazer”. Senti uma intimidação e logo olhei para meus parceiros de banda, que imediatamente notaram o ocorrido e disseram: “vamos começar com uma música que vai calar a boca desses caras”. Assim, quando começamos a tocar, e eu a cantar, notei não uma cara de espanto, mas uma cara de incredulidade. E esses jovens decidiram, por fim, não assistir até o final da música – imaginem se ficaram até o final do show... E assim se deu grande

parte da minha trajetória no *rock 'n' roll* alternativo em São Paulo e na Grande Vitória, local atual da minha residência.

Dialogando com Chimamanda Adichie (2019) neste alinhavo, a história única que o patriarcado supremacista branco hétero nos contou foi que o lugar das mulheres, sobretudo as mulheres negras, era em casa, exercendo o exaustivo papel do cuidado ao marido e aos filhos, com os afazeres domésticos como sendo obrigação exclusiva da figura feminina – na forma da mãe ou da esposa. Desafiar esse lugar é perceber-se constantemente em luta. Cada mulher que ousa ocupar o lugar historicamente ocupado pelo homem hétero cis certamente tem um relato semelhante ao apresentado.

Quer dizer, eu compro o encordamento para minha guitarra, compro os pedais e as palhetas; algumas vezes tiro solos simples de guitarra de ouvido, e eu não sou uma guitarrista? Sou a *front woman* da banda com um baixista e um baterista, canto as músicas e faço *riffs* de guitarra, e eu não sou uma guitarrista? Quando a música pede um efeito mais *clean*, suave, eu aciono meu pedal e tiro a distorção para trazer mais harmonia e melodia para a canção, e eu (ainda) não sou uma guitarrista? Sojourner Truth alinhava conosco, mulheres negras, a respeito no nosso ser “mulher”:

Ninguém nunca me ajudou a entrar em carruagens, a passar por cima de poças de lama e nem me deu o melhor lugar! E eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço! [...] Tenho arado e plantado e ceifado, e nenhum homem poderia me superar! E eu não sou uma mulher? Eu posso trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem — quando consigo comida — e também aguentar o chicote! E eu não sou uma mulher? (Truth & Gilbert, 2022, p. 18).

Sim, eu sou uma mulher e sim, eu sou uma guitarrista! Olhem meus dedos calejados das cordas do violão e da guitarra! Olhem meus vídeos,

minha performance! Olhem como meus dedos se movem no braço da guitarra! Sim, eu sou uma guitarrista! Sou uma mulher preta que tomou posse de si mesma, como Dafne, que compõe comigo os alinhavos da minha dissertação³⁶. Dafne, junto comigo, devolve as mentiras que nos contaram; mentiras essas que nos tornaram mulheres loucas, putas que, por tantas vezes, nos fizeram nos considerar indignas, santas loucas, tolas, lamentáveis mulheres que encaravam o mundo como lunáticas, ou em silêncio; nós, mulheres artistas que levávamos uma vida de desperdício espiritual – a riqueza base da arte (Walker, 2021). Não; nós, essas santas loucas, nos negamos a permanecer nesse lugar de mentira. Dafne e eu devolveremos as mentiras que nos contaram, cada uma de nós no seu campo artístico.

Gloria Anzaldúa (2000) me interpela significativamente ao lermos juntas, em um grupo de orientação, a carta às mulheres do Terceiro Mundo. Ali, ela nos ensina que devemos escrever, mesmo com medo. Nos apresenta nitidamente a quantidade de mentiras que fomos comprando ao longo da nossa jornada nesse sistema supremacista branco patriarcal e o quanto estas mentiras nos impediram e ainda impedem de realizarmos nossos incríveis feitos. Na carta, descobrimos que podemos escolher ser escritoras, ainda que o homem branco diga que escrever não é para nós, mulheres negras e latinas. A autora nos mostra que devemos escrever, porque a vida não basta; escrevemos para desfazer os mitos do que disseram sobre nós. E assim, devolvemos as mentiras que nos contaram.

36 Janaina Costa (2022). Projeto de pesquisa de mestrado, dissertação em fase de elaboração.

O Corpo-Captura de Dafne³⁷

Mulher de pele preta, com os cabelos tipo 4c alisados de comprimento acima dos ombros e espetados por toda a cabeça, com franjas quebradiças, Dafne chegou ao serviço de acolhimento encaminhada pela abordagem social. Usava um vestido florido, com fundo de cor vermelha, olhar longe, olhos semi cerrados, usando um chinelo parcialmente quebrado no pé direito, face roxa com indícios de agressões, assim como os braços, aparentando efeito de álcool, relutou em permanecer no espaço, afirmando que seu esposo estaria procurando por ela e que, definitivamente, não desejava permanecer 'presa'. Ao entrar no serviço, sabia que não desejava ficar, mas sabia que precisava tomar um banho, trocar as roupas urinadas, se alimentar, para dar seguimento a qualquer decisão. As cuidadoras intervieram para levá-la para o banho e Dafne estava inclinada a ir; de repente, ela logo questionava: 'mas o que é que eu estou fazendo aqui?'. Ela estava deitada em um colchão quase sem espuma debaixo da cobertura de uma pizzaria junto ao seu companheiro. 'Ele tinha bebido um pouco, mas era normal. Na rua, a gente bebe mesmo' disse, quando foi conversar comigo e com a assistente social do serviço. Dafne disse ter o conhecido no Rio de Janeiro, sua cidade natal. 'Ele me quis pra ele na mesma hora que me viu' lembrou com um sorriso no rosto e olhar de quem revive na memória uma afetuosa fotografia. Após tomar banho, se trocar e se alimentar, foi ter conosco, pois queria 'ir embora para o equipamento centro de rua', não queria permanecer. Foi se irritando paulatinamente, pois acreditava que nós não estávamos autorizando sua saída: 'eu sou uma desembargadora do ministério público do meio ambiente, sou casada, tenho meu esposo e minha senhoria que estava me esperando. Eu não sei por que o CAPS me mandou pra cá, porque eu tenho casa, eu tenho minha senhoria, eu sou uma mulher casada e meu esposo deve estar procurando por mim. Ele está lá no centro de rua'. Tentando conhecer Dafne e seu histórico na rua ao menos um pouco

37 Conto presente no projeto de pesquisa de mestrado da autora Janaina Costa (2022).

mais, perguntamos como era a sua relação com seu esposo, se havia acontecido alguma situação de agressão. A resposta foi negativa: 'Ele nunca me bateu, nada disso aconteceu. Ele se perdeu de mim, foi isso que aconteceu. A abordagem mentiu' afirmou, entendendo que a equipe de abordagem social nos informou sobre situação de violência sofrida por Dafne. Irritada, Dafne também criticou muito as médicas que lhe atenderam: 'Eu vi o laudo que a médica escreveu, ela disse que eu tenho transtorno. É tudo mentira, porque se fosse verdade eu não iria ter a mesma profissão que elas. Afinal, eu sou assistente social do governo e não preciso ficar aqui. Eu não quero nem ir a nenhuma consulta médica, eu não concordo com nada do que ela diz. Ela me deu remédio para doido, e eu não sou doida'. Em seguida, dando de costas para sair da sala, disse efusivamente: 'eu vou sair logo dessa sala porque estou ficando muito irritada porque eu estou falando, mas nenhuma de vocês estão me ouvindo'. E saiu.

Diariamente, durante diversos momentos do dia, Dafne nos procurava para pedir que abríssimos o portão do serviço para que ela saísse, pois tinha casa, um marido, e não precisava estar ali. Frequentemente dialogava com ausências corpóreas, o que nos dava a entender que seria necessário solicitar uma nova avaliação psiquiátrica, com vistas a tentar estabilizar sua psique, talvez reduzir um pouco seu sofrimento. Neste período, lembrei de outro acompanhado nosso que, em reunião com outros equipamentos e profissionais, chegamos a conclusão de que este acolhido, quando estava no auge do seu delírio, demonstrava felicidade excessiva, quase uma ausência de sofrimento; e quando foi medicamentado, teve períodos de lucidez cheio de sofrimento e dores, por entender que tinha família, mas que essa família não o desejava por perto. Esses momentos de elucidação eram mais dolorosos e, em certa medida, mais violentos do que os episódios considerados surtos psicóticos. E se com Dafne fosse da mesma forma? Será da mesma

forma? Dafne sempre trazia conteúdos referentes a estudo, faculdades, cargos importantes: 'Eu sou desembargadora do ministério público ambiental desembargandante federal'. Com sua eloquência e dicção, entendemos que havia de fato alguma trajetória escolar de Dafne que desconhecíamos. Naquele momento, não havia como desvendar essa trajetória, mas podíamos matriculá-la na educação para jovens e adultos – proposta essa que imediatamente foi aceita por ela. Entretanto, após duas aulas, Dafne trouxe uma queixa: 'eu estou querendo ir para outra escola, porque nessa que eu estou estudando, os professores são até bons, mas eles não são tão bons quanto eu; eu falo línguas que eles não entendem'. Escutamos Dafne, e nos perguntamos o que ela estaria tentando dizer lá na escola que não estava sendo compreendido. O que será que Dafne estava tentando nos dizer, que não estávamos compreendendo? O que a gente não estava ouvindo?

Uma mulher potente, empoderada, avessa, louca, medicada e com uma enorme lucidez, que com a frase “eu preciso tomar posse de mim mesma” me tombou; frase que reverbera em meu corpo e me deixa impregnada de afetos. Dafne é uma artista! Seu corpo-vida me interpela, me intima a pensar no que mais o mundo artístico nos reserva, quando tomamos posse de nós mesmas. Com Dafne, aprendi também a tomar posse de mim mesma. Nós, santas e loucas, sabemos, podemos e devemos falar de nós. Nossa escrevivência, junto com Conceição Evaristo (2020), nos possibilita levar produções acadêmicas aquilombadas³⁸, amefricanas³⁹ e carregadas de afeto, postulando que não há psicologia neutra, mas sim uma aposta numa psicologia afrocentrada, não neutra, antirracista, antimachista e amefricanizada.

38 Aquilombamento enquanto elemento de resistência cultural negra (Beatriz Nascimento, 1983/1984).

39 Conectando com a ideia de o Brasil fazer parte de uma América Ladina (Lélia Gonzalez, 1984).

Bordados de Vida: Tecendo Potências, Alinhavando Vidas – Descosturando Silenciamentos

Essa escrita é sobre silêncios que não nos protegem. Silêncios programados e produzidos epistemologicamente para necrosar nossas memórias e assim subalternizar corpos e construir identidades negras no país de modo forjado a (re)produzir sujeitos vulnerabilizados, pois, não permitindo uma conexão com um passado que faça sentido para tais corpos, são criadas lacunas, buracos que fragilizam e tornam possível a produção de uma verdade única — a verdade do colonizador. Para além disso, essa escrita também é a possibilidade de falar sobre minhas vivências enquanto uma jovem negra, graduanda em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo e, no meio disso, me afirmar enquanto pesquisadora. Em meio a essas andanças, me aproximo da arte de escrever e de bordar como estratégia de resistência do meu corpo dentro do espaço embranquecido e colonizado que é a academia.

É possível falar com os oprimidos e os opressores da mesma forma (hooks, 1990/2019)? Desde pequena ouço da minha mãe a frase “temos que tomar cuidado com o que dizemos, pois a palavra tem poder”, e acredito que ela tenha razão. A palavra e a linguagem não só têm o poder, como são o poder propriamente dito. Esse poder é uma ferramenta motriz para modificar perspectivas, linhas de pensamento e caminhos já fixados. É através da palavra/ linguagem que é possível ordenar algo. A palavra é sempre uma palavra de ordem, justamente porque nos coloca em uma determinada posição. E se a linguagem é um mecanismo capaz de ordenar algo, para nós, pessoas pretas, essa mesma linguagem se torna também um lugar de luta (hooks, 1990/2019).

Sabendo disso, não seria possível utilizar de meios convencionais para produções acadêmicas. Não quero, não ousa e nem preciso falar na

linguagem do colonizador. Por isso temos necessidade de repensar a forma como a ciência produz fundamentos que justificam e consolidam o escravismo a partir de teorias discriminatórias que ainda hoje atravessam todo o contexto social e acadêmico. É perigoso “partir do pressuposto de que cabe a pesquisadores, cientistas e intelectuais construir verdades que serão consideradas neutras, objetivas e universais” (Coimbra & Nascimento, 2001, como citado em Barcellos, 2022), pois “essas práticas colocam outros modos de existir e de perceber o mundo como territórios marginais e desqualificados, muitas vezes negando-os” (Coimbra & Nascimento, 2001, p. 246), o que implica na aceitação de um mandato social que cria mundos pautados nas diferentes formas de violência.

Era imprescindível, então, afirmar a importância de se analisar o campo de forças existente nesse contexto, apostando na criação de possíveis dentro do que me é apresentado. Através do bordado livre e da escrita, se tornou possível a construção de abordagens criativas que partem do conceito de escrevivência e da memória individual e coletiva. A escrevivência é um método cunhado pela escritora mineira Conceição Evaristo, onde é possível a criação e a construção de narrativas que partem do nosso cotidiano, das lembranças que temos e das experiências de vida, ao passo que essas experiências se (con)fundem com outras.

No percurso da pesquisa de iniciação científica⁴⁰, foi possível analisar as vivências das mulheres negras fazendo uso do conceito de Dororidade⁴¹ como ferramenta de denúncia da produção das opressões de raça, gênero e classe sobre os corpos dessas mulheres, focalizando na importância da escrita e da coletividade como uma das estratégias de enfrentamento. Para

40 Pesquisa de iniciação científica realizada entre 2021 e 2022 (Barcellos, 2022).

41 Para Vilma Piedade (2017, p. 133), “Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as mulheres pelo machismo, contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravamento nessa dor. A Pele Preta nos marca na escala inferior a sociedade. E a Carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado”.

que isso fosse possível, a escrevivência se tornou essa aposta de caminhos outros de metodologia acadêmica que fosse capaz de abrir fissuras e produzir deslocamentos dentro de dispositivos de poder, dando visibilidade e denunciando o racismo estrutural e institucional nesses espaços. Como enunciado por Luiz Henrique Oliveira (2009, p. 622), a escrevivência é a “escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil”, onde

[...] se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças (Evaristo 2020, p. 30).

Considerando o argumento de Chimamanda Adichie sobre o risco de nos atermos a uma única narrativa dentre tantas existentes – já que esta única perspectiva pode moldar nossa visão sobre pessoas e lugares – percebemos que esse caminho tem potencial para propiciar meios para que pessoas negras se tornem protagonistas de suas próprias histórias. Quando a escrita se torna uma ferramenta para transformar as cicatrizes do racismo e sexismo em força e novas possibilidades de existir, vemos o poder do ato de escrever.

Desse modo, é necessária a noção de que, se não tivermos em conta as relações de afeto que são produzidas no nosso cotidiano, perdemos uma parte fundamental da experiência que sustenta nossas relações territoriais (Arruti, 2022). Foi através dessas relações coletivas que foi possível “refletir sobre a potência existente no ato de perlaboração⁴² de eventos traumáticos, como se configura o sequestro do nosso povo e a sua respectiva dispersão

42 “Capacidade de reelaborar as crises, sentimentos e conflitos interiores”, ou ainda: “Palavra usada por Freud que expressa ‘o trabalho de travessia’. Ainda, algum sentimento ou sofrimento transmutado, ou que passa por dentro do universo do indivíduo. Elaboração do luto normal”. Cf. Dicionário Informal. (2014). Perlaboração. <http://www.dicionarioinformal.com.br/perlabora%C3%A7%C3%A3o/>.

pelo mundo” (Fernandes & Santos, 2020, p. 178). No caso da pesquisa, foram mulheres negras que pertencem ao primeiro coletivo de mulheres negras da cidade de São Mateus/ES, (re)unidas pela dor da travessia (Fernandes & Santos, 2020) e convocadas pelo desejo de expurgar atravessamentos por meio do ato de escrever.

Por esse caminho acreditei na possibilidade de quebrar o ciclo de violências produzidas pela disseminação da história única do povo negro, contada pelo ponto de vista patriarcal, heteronormativo e colonizador. Há linhas que se cruzam e que aproximam minhas experiências das interlocutoras; a partir disso traçamos uma escrevivência, constituindo também a própria pesquisa como um território de afetos. A partir daí é possível demonstrar como a resistência é capaz de, com sensibilidade, dizer sobre as formas do cuidado e proteção; como um território é produzido, atualizado e mantido pela capacidade de criar espaços seguros, nos quais é possível uma reconciliação com as histórias, corpos e saberes violados, criando possibilidades para realizar um inventário das formas pelas quais o afeto produz espaços de vida e existência coletiva, tendo na própria relação do amor como ética de vida (hooks, 2000/2021) uma dimensão central de rotas possíveis.

A experiência com a escrevivência se cruza com as práticas *psis* em aulas ao passo em que, através de oficinas de bordado na disciplina de Seminário em Psicologia II, com foco em refletir acerca de feminismos e nas condições históricas e contemporâneas das mulheres, foi construída a possibilidade de contar histórias e simbolizar através de frases, memórias e figuras algo que seja importante de ser lembrado e registrado. Não focando na técnica ou na perfeição do resultado, mas sim no processo de bordar, nos afetos que surgem e no encontro consigo. O bordado surge como uma ferramenta para arteviver (Rezende & Campos, 2022), exercitando um

olhar que serve para descrever como o afeto é um elemento constituinte de nossos espaços de vida, projetos coletivos e lutas políticas. Tendo esse lugar como ponto de partida, somos convocados a desenvolver peças que alinhavam três pilares: o ato de bordar, a memória ressignificada e a escrita de si, acreditando que “ampliar o conceito de escrevivência para outras artes possibilita o entendimento estético, cultural e crítico advindo de um estilo de criação que se assemelha em distintas modalidades artísticas” (Rezende & Campos, 2022, p. 5).

Isto posto, o ato de escrever, tanto na escrita propriamente dita quanto tomando formatos outros através da arte de bordar, se mostra uma importante ferramenta de encontro consigo e de construção e afirmação de narrativas. A partir desses caminhos, é possível contar, existir e resistir através da ressignificação da memória e da aposta na palavra e da arte como dispositivo ativador de vida (Barcellos, 2022). Na técnica do Bordado Livre, ao fazer um bordado no bastidor, muitas bordadeiras costumam tapar o avesso com outro tecido para que os nós, alinhavos e arremates sejam preservados e o bordado dure por mais tempo. O mais importante do bordado sempre é o avesso, pois é ele quem nos mostra todo o percurso feito para chegar na arte final. É nesses emaranhados, no oculto por detrás do pano, nas linhas que rasgam no meio da feitura, que criam nós indesejados e (im)perfeições, é que encontramos a beleza dos caminhos.

Relatos de Experiência: Encontros entre Emicida e a Psicologia

No que Caíco B. da Costa et al. (2021) relatam a respeito das *transformações epistêmicas da produção de saber – experiências no ensino de psicologia*, cabe ressaltar, além das experiências citadas pelos autores, a fissura epistemológica na abordagem da disciplina introdutória do curso de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Tal disciplina

aposta na utilização da arte, emaranhando-a ao plano de ensino, por meio de documentários, dentre eles: *Menino 23: infâncias perdidas no Brasil* e *Emicida: AmarElo - É Tudo Pra Ontem*; além de músicas e filmes.

Há uma aposta ética-estética-política (Rolnik, 1993), e essa dimensão busca afirmar as diversas vidas no que diz respeito ao ambiente universitário, para além de uma mera inclusão de autoras e autoras negras e negros, ou utilização dos documentários acima citados. A partir das políticas afirmativas nas universidades há um choque epistêmico em uma proporção maior (Costa et al., 2021), o que, por sua vez, tensiona os modos de pensar a graduação neste contexto, produzindo questionamentos, como faz João Otávio V. C. Almeida (2021, p. 13):

Com isso me deparei com a visão de quão branca é essa universidade, quão branco é o curso de psicologia, tanto nos alunos, quanto no quadro de professores, bem como na grade curricular. Isso me trouxe uma grande inquietação na qual sigo refletindo em maneiras de denunciar e propor mudanças estruturais, no sentido de tornar essa graduação decolonial [...] Assim, é preciso questionar: como se forma profissionais com embasamento somente branco? Eles só vão atender pessoas brancas? Essa psicologia vai servir a quem?

A partir do questionamento e do tensionamento, produz-se uma demanda aos professores e a própria universidade e, ainda que timidamente, as poucas propostas de inclusão de uma outra epistemologia (Costa et al., 2021, Almeida, 2021), de pensar como a arte, sobretudo a arte marginal pode entrar aliada aos saberes *psis*. Nesse sentido que o documentário *Emicida: AmarElo - É Tudo Pra Ontem* entra na disciplina que já vem fissurando a hegemonia epistemológica, tensionando a própria ciência e a construção dos saberes *psis* (Costa et al., 2021). Pensar outras

epistemologias abrindo espaço para os saberes da população negra e quilombola – por meio de autoras e autores negras e negros, como Maria Clara Araújo dos Passos, Lélia Gonzalez, Grada Kilomba, Antonio Bispo dos Santos (Nego Bispo), Emicida, Conceição Evaristo, e de autores e pensadores indígenas, como Ailton Krenak, David Kopenawa, Jerá Guarani, é sobretudo pensar na pluralidade da população brasileira que vai para além de criar uma identificação/pertencimento com estas e estes estudantes/corpos que ingressam a universidade por meio da Lei de Cotas.

Ao fissurar a academia, ainda que de forma independente, algumas e alguns docentes se fazem sensíveis, compreendendo a necessidade de romper com o que já está posto. Porém, a fissura ocorre de maneira independente e individual, visto que não há uma mudança estrutural nestes termos, não há (ainda) uma mudança no projeto pedagógico do curso, o que aponta uma necessidade de fazê-lo, para que não dependa de algumas e alguns poucos docentes essa inclusão, mas que ela seja feita de forma integral por todos como uma aposta curricular do curso, uma aposta ético-política.

Quem pode falar e ser ouvido? Pode a subalterna falar? A inversão dessa reflexão se dá na proporção em que vemos estas que são subalternizadas falarem, nota-se que é na proporção em que vemos, pois elas sempre falaram, contudo não eram/não são ouvidas. Inverter a reflexão nos prova a raciocinar: o que é intolerável de se ouvir? O processo colonial produz silenciamento que é atualizado nas salas de aula, como é possível romper com ele? As experiências que Caíco B. da Costa *et al.*, (2021) compartilham em uma aposta ética-estética-política impulsionam a criação, a pensar e repensar a formação, inclusive a criação de espaços possíveis de diálogo e pertencimento.

É ético, por perpassar uma dimensão ética da formação profissional. Porém, no que tange aos corpos negros, é preciso tensionar, conforme Almeida (2021, p. 13):

como se forma profissionais com embasamento somente branco? Eles só vão atender pessoas brancas? Essa psicologia vai servir a quem?”. Assim, a formação plural toma uma dimensão ético-política, pois demanda pensar que outros corpos que não o corpo branco-cis-hétero serão atendidos nos diversos equipamentos e clínicas das futuras e dos futuros profissionais *psis*. “Pois evidencia um compromisso com a potência de efetuação da vida na diferenciação do ser. O confronto permanente com as forças do devir implica escolhas de modo de existência e, assim, do tipo de mundo em que se quer viver (Rocha, 1993, p. 236).

É estético, por perpassar a dimensão estético-visual; se faz visível não por uma questão de embelezamento ou ilustrativa, mas por trazer aquilo que é importante à tona. Por exemplo, trazer o *rap*, o Emicida, e demais autores e autoras não brancos demarcando-as/os como não brancas/os gera essa inversão apontada por Caíco B. da Costa et al. (2021), o que produz incômodos *ao status quo*. “Trata da criação da existência, o que lhe garante, portanto, um caráter construtivista e heterogenético. E a criação permanente do mundo, mundo como obra de arte.” (Rocha, 1993, p. 236).

É político, por perpassar por uma disputa política da narrativa, que cria uma dimensão do que é e o que não é relevante, produzindo uma dicotomia estabelecida pela hegemonia, ditando o que é e não é ciência, a história oficial, a verdade inequívoca, dentre outras coisas (Kilomba, 2019; Costa et al., 2021; Almeida, 2021; Santos, 2015). Além disso produzem também o apagamento pela ausência, pois

[...] o princípio [da ausência] no qual quem existe deixa de existir. E é com este princípio da ausência que espaços brancos são mantidos brancos, que por sua vez tornam a branquitude a norma nacional. A norma e a normalidade, que perigosamente indicam quem pode representar a verdadeira existência humana.

Só uma política de cotas é que pode tornar o ausente existente (Kilomba, 2020, p. 14-15).

Portanto, é uma posição e uma aposta política que visa afirmar a vida, que visa a dignidade e o não apagamento de histórias, epistemologias, saberes, ciências outras, tornando-os presentes e visíveis. A práxis dessa posição e aposta consiste em uma formação de outras subjetividades e para isso é necessário a criação de dispositivos que sirvam de intercessores como fissurar a academia pelo currículo. Assim, por reverberação das mudanças sociais que promovem uma qualidade de vida melhor, faz-se uma quebra com a modernidade de forma individual e coletiva (Rocha, 1993).

Os impactos disso “mostram caminhos potentes para pensar a formação e as práticas na psicologia, mas que poderiam muito bem abarcar o campo das humanidades” (Costa et al., 2021, p. 658). Visando essa aposta ética-estética-política, confluindo com os autores, Maria Clara A. dos Passos (2020) fala de uma insurgência decolonial no currículo justamente para fissurar a hegemonia e o discurso colonial. Pois, ao gerar tensões, deslocamentos, indagações e práticas que fissuram o campo educacional e curricular, a insurgência decolonial se apresenta como ferramenta de mudança epistêmica. Além disso, abrir o currículo para aqueles que são tidos, pela hegemonia, como não humanos, não sujeitos, convida a Outras dinâmicas de ocupar esses espaços e de produção de saber, principalmente pelo tensionamento que estes corpos geram ao ingressar nas universidades públicas. Neste sentido, intelectuais insurgentes desmancham o princípio da ausência e da não-nomeação de certos sujeitos, desafiando continuamente o domínio colonial/moderno utilizando epistemologias que surgem deste confronto (Passos, 2020).

Diante disso, compreendemos a aposta ético-estética e política que é trazer para a experiência da disciplina o documentário *Emicida: AmarElo - É*

Tudo Pra Ontem, que é dividido em três atos: Plantar, Regar e Colher. Na trama do documentário, Emicida faz um resgate histórico da produção intelectual negra no país, bem como escancara o apagamento desta história (Preto, 2020). Contudo, ao emergir o que estava ausente (Kilomba, 2020), o músico faz a denúncia do projeto colonial, como também busca colocar no lugar devido os que foram deixados no não-lugar. O resgate feito por Emicida é por si só uma insurgência decolonial, conforme aborda Maria Clara A. dos Passos (2020), que como na trajetória da disciplina, busca mostrar um outro lado da história (Preto, 2020), o que conflui com Chimamanda Adichie (2019), quem alerta sobre o perigo de uma história única. Emicida abre caminhos não só para repensar a história oficial do país, abre possibilidades também para repensar o próprio currículo, já que ele expõe intelectuais negros no decorrer do documentário e que geralmente são esquecidos, mesmo que potencialmente tenham relevância, densidade e qualidade para serem utilizados pela maioria dos cursos no campo das humanidades. *Emicida: AmarElo - É Tudo Pra Ontem* é, principalmente, um catalisador nessa insurgência.

Cultivar a Arte do Encontro: o que Temos Aprendido no Diálogo entre Arte, Vida e Psicologia

Os encontros narrados neste texto apontam pistas para uma formação em psicologia e em pesquisa mais encarnada, mais próxima dos corpos e da vida. Apostando no paradigma ético-estético e político, nos olhares estéticos, na arte do encontro e nas insurgências, experienciamos *psis* que podem produzir mais sentido, mais pertencimento a essas e esses que chegam à academia. Finalizamos fazendo o convite a cultivar a vida como obra de arte, tornando todas e todos como artistas da vida. Um convite que porta, decerto, a imprevisibilidade da vida, mas que porta também o afeto e paixão, inerentes a quem habita a vida em suas intensidades!

Referências

- Adichie, C. N. (2019). *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Almeida, J. O. V. C. (2021). Masculinidades dançantes. *Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES*. Vitória, PRPPG, v. 12. <https://anaisjornadaic.sappg.ufes.br/desc.php?id=17152>.
- Anzaldúa, G. (2000). Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, 8(1), 229-236.
- Arruti, J. M. (2022). [Orelha do livro]. In: M. Almeida. *Devir quilomba*. Ed. Elefante.
- Barcellos, J. A. (2022). Vozes femininas negras em São Mateus: memórias insurgentes das dororidades. *Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES*. Vitória, PRPPG, v. 12. <https://anaisjornadaic.sappg.ufes.br/desc.php?id=18960>.
- Coimbra, C. M. B., & Nascimento, M. L. (2001). O Efeito Foucault: Desnaturalizando Verdades. Superando Dicotomias. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(3), 245-248.
- Costa, C. B., Bispo, F. S., Paiva, J. S., Almeida, J. O. V., Vitório, L. A., Siqueira, L. A. R. (2021). Ocupar a universidade: experiências afirmativas e transformações políticas. *Psicologia em Revista*, 27(2), 647-667.
- Evaristo, C. (2011). *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Malê.
- Evaristo, C. (2020). A escrevivência e seus subtextos. In: C. L. Duarte, & I. R. Nunes. *Escrevivência: a escrita de nós / reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo (27-46)*. 1ª ed. Ilustrações de Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte.
- Fernandes, H., & Santos, M. N. (2020). Um relicário todo feito de sal para cicatrizar e curar: a poesia de mulheres negras diaspóricas. *Revell - Revista de Estudos Literários da UEMS*, 1(24), 172-197.
- Foucault, M. (1995). Sobre a genealogia da ética. In: H. Dreyfus, & P. Rabinow. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Forense Universitária.
- Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 223-244.
- hooks, b. (2019 [1990]). *Anseios, raça, gênero e políticas culturais*. Tradução de Jamile Pinheiro. Editora Elefante.
- hooks, b. (2021 [2000]). *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução de Stephanie Borges. Editora Elefante.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.
- Kilomba, G. (2020). Prefácio. In: F. Fanon. *Pele negra, máscaras brancas (11-16)*. Ubu Editora.
- Larrosa, J. (2014). *Tremores: escritos sobre a experiência*. Autêntica.

- Nascimento, B. (1983, out. – 1984, jan.). O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: *Afrodíaspóra 3 – Revista do mundo negro*, Ipeafro, 2(3).
- Oliveira, L. H. S. (2009, maio – ago.). “Escrivivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. *Estudos Feministas*, 17(2), 621-623. <https://www.scielo.br/j/ref/a/X8t3QJSJM5dMTjPTMjHlTwtgc/?format=pdf>.
- Passos, M. C. A. (2020, jan. – jun.). O currículo frente à insurgência decolonial: constituindo outros lugares de fala. *Cad. Gên. Tecnol.*, 12(39), 196-209.
- Piedade, V. (2017). *Dororidade*. Nós.
- Preto, F. O. (Dir.). (2020). *EMICIDA: AmarElo – É Tudo Pra Ontem* [Documentário]. Laboratório Fantasma; Netflix. <https://www.netflix.com/watch/81306298>.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO).
- Rezende, L. B. M., & Campos, B. S. (2022). Memória, alteridade e escritas de si em Conceição Evaristo, Maria Auxiliadora, Carolina de Jesus e Elza Soares: a arte da “escrevivência”. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, (66), 1-17. <https://doi.org/10.1590/2316-40186706>.
- Rocha, M. L. (1993). Do paradigma científico ao paradigma ético-estético e político: a arte como perspectiva nas relações educacionais. *Cadernos de Subjetividade*, 1(2), 235-239.
- Rolnik, S. (1993). Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estética/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, 1(2), s/n.
- Santos, A. B. (2015). *Colonização, quilombos, modos e significados*. UnB.
- Silva, J. C. (2022). *O avesso das mentiras: entre loucuras e potências, a escrita de nós*. [Projeto de Pesquisa Mestrado, qualificado], Universidade Federal do Espírito Santo.
- Siqueira, P., & Favret-Saada, J. (2005). “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. *Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)*, 13(13), 155-161. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161>.
- Truth, S., & Gilbert, O. (2022). *E eu não sou uma mulher? A narrativa de Sojourner Truth* [e-book]. Tradução de Carla Cardoso. Editora Ímã. https://books.google.com.br/books/about/E_eu_n%C3%A3o_sou_uma_mulher_A_narrativa_de.html?id=lx8DwAAQBAJ&redir_esc=y
- Walker, A. (2021). *Em busca dos jardins de nossas mães: prosa mulherista* [e-book]. Tradução de Stephanie Borges. Bazar do Tempo. [https://www.google.com.br/books/edition/Em_busca_dos_jardins_de_nossas_m%C3%A3es/UEYvEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=Walker%2C%20A.%20\(2021\).%20Em%20busca%20dos%20jardins%20de%20nossas%20m%C3%A3es%3A%20prosa%20mulherista%20%5Bbook%5D.%20Tradu%C3%A7%C3%A3o%20de%20Stephanie%20Borges.%20Bazar%20do%20Tempo.&pg=PT4&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/Em_busca_dos_jardins_de_nossas_m%C3%A3es/UEYvEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=Walker%2C%20A.%20(2021).%20Em%20busca%20dos%20jardins%20de%20nossas%20m%C3%A3es%3A%20prosa%20mulherista%20%5Bbook%5D.%20Tradu%C3%A7%C3%A3o%20de%20Stephanie%20Borges.%20Bazar%20do%20Tempo.&pg=PT4&printsec=frontcover)
- Zanella, A. V. (2020). Sobre olhos, olhares e seu processo de sua constituição. In:

Psicologia histórico-cultural em foco: aproximações a alguns de seus fundamentos e conceitos (107- 116). Edições do Bosque/UFSC. https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/212717/Psicologia_historico-cultural%20A.pdf?sequence=3&isAllowed=y.

Decolonial

Como se constroí centros
Sem periferias?
Como as margens
Podem se tornar centralidades?
Quando se desmitifica
As ideias, noções, concepções
Sobre civilidade
Sobre cidades
Sobre primeiro mundo
E terceiros
Quando todo ser
Puder expressar por inteiros
Suas dignidades humanas
Aí veremos o alvorecer
De decadentes
E potentes
Mundos que podemos
Fazer.

Sueka

CAPÍTULO 6

NO ENTRE DE UM AFROSURTO, ESCRIVÊNCIAS

Ana Cláudia Barbosa

Exu matou um pássaro ontem com a pedra que arremessou hoje.
(Provérbio iorubá)

Gênero e raça me atravessam desde sempre: sou mulher, sou negra, logo, uma mulher afrodiaspórica. O que lhe chega às mãos tem o tom de uma escrevivência, nasce da vontade de “contar o mundo como forma de apropriar-se dele”, como disse Jurema Werneck (2016). Nasci negra, de pai e mãe negros, tive infância, adolescência, vida adulta negras e, se for possível, serei uma velha negra. Este ensaio fala destes ciclos e de como o racismo estrutural e estruturante da sociedade brasileira os atravessou. Através de cenas que nunca saíram da minha cabeça, trago a experiência de ser uma mulher negra para o atual contexto literário que me oportuniza olhar para a minha trajetória com uma lente racializada, avaliar as passagens com um letramento racial e finalmente entender as minhas vivências como parte de algo maior do que eu.

Para isso, explico aqui o título deste ensaio, deixo o que entendo destes conceitos e como eles me afetam: *No entre de um afrosurto, escrevivências*. *Entre* é “no meio de” ou ainda, “através de”. Prefiro pensar no “através de” pela noção de movimento que a expressão traz. Assim, afirmo estar atravessando um afrosurto, expressão da qual falarei mais adiante, mas que, intuitivamente, já nos remete à ideia de que o surto tem a ver com o fato de ser negra... Escrevivências, termo trazido por Conceição Evaristo (2020), está no plural. Este ensaio e outras produções deste momento de vida têm sido todas escrevivências.

Desta forma, o texto assim se divide: irei falar sobre afrosurto, escrevivência e tempo espiralar (Martins, 2021) como bases conceituais para as narrativas. Em seguida, conto seis cenas da minha vida, algumas bem nítidas na memória, outras já desgastadas pelo tempo, mas todas *muito* reais. E tomo as minhas leituras, tomo da oferta generosa de mulheres e homens negras/os, para embasá-las teoricamente e, ainda que entendendo-as como minhas, deixá-las ir. Afinal, “o sofrimento psíquico não é da ordem da intimidade, ele é político” (Veiga, 2019, p. 244). Assim, “preciso me perder na minha negritude, ver as cinzas, as segregações, as repressões, os estupros, as discriminações, os boicotes. Precisamos pôr o dedo em todas as feridas que estriam a libré negra” (Fanon, 2020, p. 198).

Este texto é sobre violências, estejam atentas aos possíveis gatilhos. Mas a violência não está na minha biografia somente. Há um padrão histórico de abuso racial para o povo negro em diáspora: “o mundo é o ponto de onde emerge a violência traumática” e “a dimensão sociogênica e a branquitude são imprescindíveis na compreensão da subjetividade em pessoas negras”, pelo processo de outramento que se impõe àquelas (Lima, 2020, p. 83).

Afrosurto: “É só na escuridão que se percebe o vagalume”⁴³

Imagine um trem, andando em sua velocidade habitual, e eis que, de repente, os trilhos somem. Somem. O trem descarrilha. Porém, não para. É de sua natureza seguir em frente, e pelas leis da Física, só irá parar quando perder toda sua aceleração, toda a energia cinética que o impulsionava...

O povo negro, ao ser sequestrado de África, saiu dos trilhos que o faziam se entender como um ser da Criação, para entrar em um outro estado, onde sua vida e experiência teriam outro sentido, sentido que lhe

43 Emicida e Gilberto Gil. (2020). É Tudo Pra Ontem. <https://open.spotify.com/intl-pt/track/1FpjfHwVh1zih91Ng2o4P?si=ql878EdPRiSTT25KPDZDPg&nd=1>

seria atribuído por um Outro, os (sub)humanos que os brancos desejaram que fôssemos. Onde, uma vez no Ocidente, para sempre em diáspora, lhe tirariam a plenitude e a possibilidade de se constituir enquanto Ser. Ter que continuar a viver de forma descarrilhada “causa uma série de males psíquicos e comportamentos autodestrutivos reforçadores da dinâmica asílica⁴⁴ ocidental de roubo, morte, destruição, assimilação e dominação do Outro” como nos diz Aza Njeri (2020, p. 191).

Temos andado sim, temos resistido, temos sucumbido e temos lutado, uns mais nos trilhos, outros totalmente fora e, eu, ora lá, ora cá. Em sendo impossível viver eternamente fora dos trilhos e lá permanecer sem sequelas, um dia o povo negro surta.

“Há uma tragédia em curso e os intelectuais negros correm o risco de se atolar nela” (Fanon, 2020, p. 198). É o presságio de um abismo para este trem.

Mais próxima à ideia de um surto, no icônico trabalho *Tornar-se Negro*, de Neusa Santos Souza (2021), Costa afirma que “o pensamento não resiste à tensão de continuar ‘representando-a [a identidade negra] em branco’. Sua estrutura desmantela-se” (Costa, 2021, p. 42).

Não me atrevo a definir o que é um *surto* desde o ponto de vista do campo *psi*, mas peço ajuda ao dicionário⁴⁵ e vejo que, por ora, basta: “1. Voo alto”? Sim, para longe da hegemonia branca, desta colonialidade colapsante que persiste e se atualiza, hierarquizando, categorizando, subjugando e desumanizando o que está fora do cubo branco (Lima, 2020). “2. Manifestação súbita e intensa de um fenômeno” e “4. Aparecimento inesperado e repentino de algo que atinge muitas pessoas ao mesmo

44 O conceito de Asili Ocidental aparece em Njeri (2020), trazido da obra Yurugu - Uma Crítica Africano-Centrada do Pensamento e Comportamento Cultural Europeus, escrita pela antropóloga norte-americana Marimba Ani (1994). Trata-se do âmago de uma cultura, seu núcleo ideológico, sua essência. Neste sentido, através do asili ocidental - “cultura imperialista, absolutista e monolítica” (Njeri, 2020, p. 178), tivemos o epistemicídio das culturas africanas e a criação da noção de inferioridade dos não-brancos.

45 Michaelis. (2023). Surto. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/surto>.

tempo”? Sim, é o despertar racial que Njeri (2020) percebeu nas redes sociais. “3. Ambição desmedida” e “5. Impulso intenso motivado por um sentimento profundo”? Sim, de ser quem se é e poder ter sua agência voltada para si e para os seus.

Foi a este movimento que Njeri (2020) denominou *afrosurto*. Ela afirma que é como se, de repente, pessoas negras em diáspora ficassem lúcidas de tudo aquilo que foi causado “pelo discurso hegemônico de universalidade e democracia racial” (p. 191), como se tivéssemos um ganho súbito de consciência racial, como se, finalmente, entendêssemos que vivemos sob forte opressão racial, que não somos o sujeito universal e que, na verdade, estamos “muito distantes” dele “na escala de humanidade” (p. 192).

Nessa consciência há um extravasamento de sentimentos represados, em especial direcionados à branquitude. Há o desejo de liberdade plena, e a autora entende que esta liberdade só virá se, para além dos textões e *hashtags* nas redes – “braço menos eficaz da nossa sobrevivência”, posto que “capitalizado pela dinâmica do Ocidente” (Njeri, 2020, p. 193), pudermos canalizar toda essa energia para algo criativo, emancipador e, em especial, coletivo, para além da nossa experiência, posto que a vivência diaspórica é comum a todas e todos racializados como negras/os. “Somos segregados coletivamente – o que pode ser mais lógico do que reagir como grupo?” (Biko, 1990). Grada Kilomba reage em *Memórias da Plantação* (2019), descrevendo sua própria história como um ato político, se colocando como sujeita e não objeto. O mesmo faz Ruha Benjamin em *Viral Justice*, “explorando as conexões entre a vida pessoal e o comprometimento público” (2022, p. 17, tradução da autora⁴⁶).

46 No original: “I explore the connections between my personal life and public commitments.” (Benjamin, 2000, p. 17)

Escrevivência: “Se eu não me for, quem é que vai me ser?”⁴⁷

“Escrevo o que eu quero”.
Steve Biko, 1990

Este ensaio, escrevo na primeira pessoa, “o corpo alterno e alternativo dessa escritura” (Martins, 2007, p. 11). Corpo negro, negrura que pressupunha um mutismo no discurso acadêmico, e que pouco a pouco se enuncia (e se anuncia) de forma identitária: *gritem-me Negra*^{48!}, consciente do secular epistemicídio das vozes e escritas de negras e negros. Lívia Natália Santos (2020) considera o termo “escrevivência” representativo do gesto de autoinscrição daquilo que queremos e precisamos escrever e falar enquanto sujeitas não-hegemônicas. Um comprometimento da escrita com a vida, “desalienação e desreclaque de uma voz sistematicamente tornada inaudível” (p. 212).

Para Leda Martins (2007), é o movimento de retirar a máscara de flandres e romper silenciamentos, é poder discorrer sobre experiências até então exiladas da reflexão crítica nos discursos hegemônicos. Hoje a escrita negra não é mais uma escrita que carece de leitores e de interlocutores, há um reconhecido lugar de fala e enunciação das Anastácias⁴⁹, aquelas que foram silenciadas. A oralidade sempre esteve presente no mundo negro, e o racismo é discursivo e não biológico. Sendo uma das experiências de linguagem, caligrafar estas experiências torna-se uma forma desta fala ser mais audível, uma escrita negra que é “laborada como memória do vivido e do devir” (Martins, 2007, p. 5). A escrita negra faz parte de algo maior e perene: nosso movimento, incessante e manente, de confronto com o mundo, pelo simples fato de existirmos quando *eles combinaram de nos matar e a gente combinamos de não morrer*⁵⁰.

47 Saci Wèrè. (2020) Calo nas Mãos.

<https://open.spotify.com/intl-pt/track/4fd9Uuak5AtN9DB1bCeooV?autoplay=true>

48 Inspirada no clássico poema de Victoria Santa Cruz, *Gritaram-me Negra* (s.d.).

49 Em referência à escravizada Anastácia e sua máscara de flandres.

50 A frase em destaque foi proferida pela escritora Conceição Evaristo, declaração feita num ato político em defesa da democracia, realizado na Lapa, no Rio de Janeiro, em 23 de outubro de 2018. A expressão “A gente combinamos de não morrer” é também o título de um dos contos da obra *Olhos*

É inevitável citar Conceição Evaristo (2020), e ela nos explica:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. (...) E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (p. 11).

Em África ou nas Américas, a crueldade contra o ser negro tomou diferentes formas, sendo este obrigado a viver num ambiente antinegro, racista, operando com os mais diversos dispositivos a fim de exterminá-lo (Maia Neto, 2022). O epistemicídio é um deles, fomentado pelo medo branco, uma justificativa para a necessidade de eliminar a palavra, a história, restringir a escrita (Biko, 1990). Assim, minha trajetória é quem sustenta o meu discurso, e este é um texto que se propõe a ser “afetivamente elaborado, individualmente situado e pessoalmente referenciado” (Maia Neto, 2022, p. 81). Na ordem colonial, diria que o texto é desviante e marginal; “interessante, porém não muito científico; demasiado subjetivo e muito específico e pessoal...” (Kilomba, 2019).

Tempo Espiral: “Ainda é cedo, amor/ Mal começaste a conhecer a vida...”⁵¹

Este ensaio, a princípio, foi conduzido por Chronos⁵². Ele me orientou a separar as histórias por décadas de vida: História um, Anos 70. História 2,

D'Água, de 2016, desta autora.

51 Cartola. (1976) O Mundo é um Moinho.

<https://open.spotify.com/intl-pt/track/3PavsmA9S6QA5INmmsuOif>

52 Aqui, considerando a Mitologia Grega, refere-se ao tempo cronológico, ou sequencial, que pode ser medido, associado ao movimento linear das coisas terrenas, com um princípio e um fim. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Chronos>

anos 80. E assim sucessivamente. Entretanto, Iroco⁵³ me explicou que não necessariamente era preciso contar estas histórias na perspectiva linear. Então, Martins (2021) elucidou que o tempo é espiralar, que ele se curva em prospecção e retrospectão, para frente, para trás, sendo uma paisagem habitada pelas infâncias do corpo, apenas um modo de predispor os seres no Cosmos. Não sendo linear, ele pode se dar ao luxo de dilatar, contrair, descontrair. De ser presente, passado e futuro. A vida é movimento. O tempo e as temporalidades, também. E o “racismo cotidiano incorpora uma cronologia que é atemporal” (Kilomba, 2019).

Sobre uma das histórias, uma amiga me disse que não era comigo que estavam falando; que para resolver aquela questão, eu deveria voltar e conversar com a Eu-Menina, pois era ela que havia sido profundamente machucada naquele episódio. “A infância é o que vem primeiro, ao mesmo tempo, raiz do que virá” (Nogueira & Alves, 2020, p. 539).

Pude perceber então que, através das histórias, da polirritmia da vida, meu corpo dava voltas em torno de si mesmo. Através das lembranças e do pensamento, que ora está aqui no presente, ora está lá, no passado ou no futuro. Na verdade, resgatar uma história de cada década somente me fez perceber o quanto estou nesta espiral. Meu passado se torna um lugar de saber, um lugar de experimentos cumulativos que habitam o meu presente. E meu futuro. E é por estes habitados. Minhas memórias não tem o sentido de um arquivo, mas sim de uma vivência, de uma ação e de uma presença (Martins, 2021).

Nas palavras de Renato Nogueira e Luciana Alves (2020), é como se eu estivesse olhando para um ventilador de três pás, onde cada uma representaria uma instância do tempo, passado, presente e o futuro. Assim, olhando para esse ventilador em movimento, não me é possível

53 Iroco é um orixá da tradição iorubá associado à divindade Tempo nos cultos de origem banta (LOPES, 2011).

distinguir cada uma destas três dimensões; seriam experiências e, portanto, narrativas. “Ou seja, o que dizemos a respeito de cada instância” (Noguera & Lopes, 2020, p. 540). Esta narrativa “pedra” que eu atiro no presente não modifica o que aconteceu, mas me permite expressar o que senti, interpretar o que vivi, em perspectiva afrocentrada. “Há, nesse sentido, um passado que não está morto e, se morreram algumas de suas dimensões, não foram enterradas devidamente. Um passado-presente e uma dívida alta” (Lima, 2020, p. 83).

Desta forma, esta escrita se dá no entre da primeira e quinta décadas de vida, e é como eu lembro que foi, não necessariamente como foi. Mas que foi.

Desenvolvimento: Entra pra ver / Como você deixou o lugar / E o tempo que levou pra arrumar / Aquela gaveta...⁵⁴

Cena 01, ano 2/década de 80: A noite que durou uma década

Eu tinha 14 anos quando o conheci; a amizade logo se transformou em paixão, de ambos os lados. Mas ele era branco. Quando minha mãe soube que estávamos namorando me disse: “- Espere até a mãe dele saber!” Eu duvidei que algo mudaria, afinal de contas ela me tratava muito bem... Cerca de um mês depois, lembro exatamente de estar sentada na mureta em frente ao prédio onde morava, e após algumas explicações sobre “a família não aceitar”, ele pergunta: “Você quer ser a minha namorada secreta?”, e eu respondo que *sim*. Aquele *sim*, naquela noite, duraria uma década, reverberaria por mais outras tantas e deixaria sequelas...

Começo por este caso, que possivelmente é o que me deixa indivisível entre este antes, durante e depois. Ocorrido na adolescência, momento de construção de si, de nossa autoimagem. Afinal, “o cotidiano é pródigo em

⁵⁴ Cícero. (2011). Açúcar ou Adoçante.
<https://open.spotify.com/track/3mN9YMbN5ZCb5JPLcCNEenz?autoplay=true>

situações em que o negro se vê diante de falsas alternativas, insatisfatórias todas: afirmação/negação, exploração, dominação/submissão” (Souza, 2021, p. 69). Volto ao Dicionário de Sinônimos (2023)⁵⁵ para compreender o que é “secreta”: “Que não é conhecida. Que não é do conhecimento público. Que permanece oculta, clandestina, irrevelada, invisível”.

Era isso. Por um lado, o homem branco com todos os seus direitos de *ser* garantidos: *ser* nomeado namorado; *ser* apresentado à família e amigos; *ser* assíduo à sua casa. Por outro, aquela que não era. Que sequer existia. Invisível.

Fátima Lima apresenta tal quadro da seguinte forma: tudo o que temos foi

construído a partir da ideia de um sujeito branco, masculino, heterossexual e, portanto, centralizado(s) numa noção de subjetividade que se estabelece e opera a partir de modelos universais, insuficientes para perceber e tomar as experiências de negritude. Assim, a noção de sujeito/subjetividade – operador conceitual e clínico –, é produzida e sustentada na/pela violência do pensamento moderno e, conseqüentemente, sustenta-se, também, na subjugação racial (Lima, 2020, p. 83).

Para a família branca, de *colega-da-escola-muito-querida* passei à Outra, incompatível. Considero o mais “traumatizante contato com a violenta barbaridade do mundo branco” (Kilomba, 2019). Eu consentia, com uma fugaz resistência. Posso dizer com certeza o ano de início e fim deste relacionamento, mas não posso precisar quanto tempo ficamos juntos porque eu o terminei inúmeras vezes. “Saber-se negra/o é viver a partir das exigências e expectativas brancas, tendo sua identidade massacrada e suas expectativas compelidas à alienação de si mesmo”

55 Dicionário de Sinônimos. (2023). Secreto. <https://www.sinonimos.com.br/secreto/>.

(Lima, 2020, p. 89). A consciência deste fato me ocorria com frequência e então eu rompia a relação. Retornava, pois a relação comigo mesma era feita através deste *outro*, branco e alienante. Rompia novamente. Sempre eu a romper, porque era em mim que a ferida abria. O narcisismo branco, fixado em si e em seus interesses, impedia-o de ver a tamanha violência que impetrava.

Assim, embora não fosse uma vítima totalmente passiva e cúmplice voluntária daquela dominação, da situação abusiva, eu era a “subalterna silenciosa” (Kilomba, 2019).

Cena 02, ano 1/década de 70: Boa noite, Cinderela

“Boa noite, Cinderela” foi um quadro do Programa Silvio Santos na década de 1970, exibido pela Rede Globo. Ao longo do programa, o apresentador mostrava três meninas, sempre de famílias de baixa renda, cujas dificuldades eram exibidas em vídeos. As crianças revelavam a Silvio Santos seus desejos e, no fim do quadro, uma delas era escolhida para ser “coroadá” princesa. Um ator vestido de príncipe entrava no palco, oferecendo à ganhadora uma coroa e sapatinhos de cristal, numa referência ao conto de Cinderela⁵⁶.

A ganhadora também levava para casa uma quantidade bastante expressiva de brinquedos caros, sendo, portanto, objetos de desejo de toda criança. Nós assistíamos a esse programa e não havia um único domingo em que eu não pedisse à minha mãe que escrevesse para o Silvio Santos, para que eu pudesse participar... afinal, ganhar todos aqueles brinquedos seria um verdadeiro sonho! Até que um dia, depois de muito ouvir o meu insistente pedido, minha mãe, perguntou: “- *Ana... você já viu Cinderela preta?*” Eu não lembro o que veio depois, a não ser o fato de que nunca mais

⁵⁶ WIKIPEDIA. (2022). Boa noite, Cinderela (programa de televisão). [https://pt.wikipedia.org/wiki/Boa_noite,_Cinderela_\(programa_de_televis%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Boa_noite,_Cinderela_(programa_de_televis%C3%A3o)).

esqueci este episódio. “A infância é o que existe de mais antigo em todos nós” e insisto em experimentá-la como forma de continuar a crescer (Noguera & Alves, 2020, p. 539). Eu o tenho como o meu primeiro contato com o racismo estrutural. Minha mãe não me via lá porque não havia meninas como eu. Ressalto que por inúmeras vezes, nos últimos anos, minha mãe, hoje com 80 anos, repete que foi através das nossas conversas que começou a identificar e nomear como tal situações do passado, tão presentes ainda.

O programa se iniciava com uma música que dizia “*Boa noite, Cinderela, está na hora de você sonhar*”, mas, afinal, quem tinha o direito de sonhar ou de ser coroada? “Sonhar é um luxo. Muitas pessoas passaram a vida sendo forçadas a viver dentro dos sonhos de outras pessoas” (Benjamin, 2022, p. 11, tradução da autora⁵⁷). O curioso é que o público-alvo eram meninas pobres. E esse nem era o meu caso... Mas, aparentemente, pobre sim, preta não! Carol Sousa (2020, p. 11) afirma que: “A baixa representação de pessoas negras ou a ausência delas, também impacta silenciosamente no imaginário infantil. Essas crianças tendem, de forma inconsciente ou não, a internalizar algumas concepções negativas sobre sua própria identidade étnica e cultural”. Este episódio me fez recordar a palestra de Chimamanda Adichie (2019), *O perigo de uma história única*.

Esta “história única” não teve geração espontânea.

O conto mais reproduzido de Cinderela é o dos Irmãos Grimm, alemães. O alemão figura entre as seis principais línguas colonizadoras que espalharam pelo mundo uma hierarquia linguística. Como quase todos os “clássicos” infantis, Cinderela advém do espaço/região colonizador, a Europa. Quando se produz conhecimento a partir de uma espacialidade epistemologicamente privilegiada e colonizadora das formas de saber (de poder/ de ser...), não é possível refletir criticamente sobre o produto deste conhecimento. A colonialidade do saber;

57 No original: “Dreaming is a luxury. Many people have spent their lives being forced to live inside other people’s dreams” (Benjamin, 2022, p. 11)

que se apoderou do conhecimento ao decidir qual era hegemônico e a partir de onde/de quem ele poderia ser considerado como tal e válido, opera a partir do *racismo epistêmico*, alimentado pelo eurocentrismo para reproduzir-se (Maldonado-Torres, 2010). Por esta razão, há a necessidade de um “giro decolonial”, para que novas formas de resistência, nos campos teórico/prático/político/epistemológico possam fazer frente às “cinco ideologias da modernidade: cristianismo, liberalismo, marxismo, conservadorismo e colonialismo” (Ballestrin, 2013, p. 106). E ao racismo.

Cena 03, ano 3/década de 90: O Mundo do Trabalho é um não-lugar

Sou fisioterapeuta, e quando trabalhava com hidroterapia, ocorreu a seguinte situação: eu havia saído da piscina e estava me trocando dentro de um box, quando ouvi uma senhora entrar no banheiro e perguntar se alguém havia visto um *nécessaire*, descrevendo-o. Alguém a orientou que procurasse pela faxineira da clínica, pois se ela houvesse encontrado, certamente teria guardado. Terminei de me trocar e me dirigi ao consultório onde faria uma avaliação. Deixei a porta aberta para que a paciente, ao chegar, pudesse ver que eu já a aguardava. Passa então uma senhora em frente à porta do consultório, me vê, retorna, e, mesmo eu estando de jaleco e atrás da mesa, me pergunta: “Filhinha, você por acaso encontrou um *nécessaire* no banheiro mais cedo?”.

Ter nascido classe média e usufruído de algumas prerrogativas deste lugar (como casa própria, carro, escolas particulares, etc.), me fez sempre ser a exceção que confirmava a regra, e me deu uma certeza: o *status* social não diz muito em um mundo racista. Como disse a jornalista Glória Maria, nada blinda a pessoa negra do racismo⁵⁸. Ou como Frantz Fanon: “onde quer que vá, um negro continua sendo um negro” (2020, p. 186). E infantilizado: “*Filhinha...*”

58 Goes, T. (2023). Primeira repórter negra a se destacar na TV, Glória Maria abriu portas e deixou grande legado. <https://www.geledes.org.br/primeira-reporter-negra-a-se-destacar-na-tv-gloria-maria-abriu-portas-e-deixou-grande-legado/>.

Não foi a primeira, tampouco a última vez, que fui destituída do meu (não) lugar de “dotôra” e fui para um lugar subalternizado. Entenda. É para além de uma mera “confusão” pelo fato de negros de fato ocuparem mais estes espaços; é a assunção, fruto de um passado escravocrata, de que, na divisão racial do trabalho, há que se manter as pessoas negras onde não há garantias trabalhistas; onde há precarização, contratos informais; onde os salários pedem baixa escolaridade; onde há mais riscos à saúde. Sob o signo da flexibilidade, da liberdade e da autonomia, temos os que passeiam com cães, babás, motoristas de aplicativos, entregadores de *fastfood* e outros trabalhos que envolvem tarefas de curto prazo ou *freelance*, sem garantia de emprego futuro. O emprego estável fica reservado a alguns, enquanto o trabalho flexível/precário traz junto com a liberdade, o risco, e junto com a autonomia, o fato de serem trabalhadores descartáveis, nos diz Ruha Benjamin (2022).

Esta história tem um marco importante para além do sequestro de africanos. Em 1893, portanto apenas cinco anos após a abolição da escravidão no Brasil, no maior centro industrial do país, São Paulo, imigrantes europeus ocupavam 84% dos polos da indústria, que culminou na divisão racial do trabalho que vemos ainda hoje. O fomento à imigração europeia para as terras brasileiras tinha, entre outros propósitos, o embranquecimento da população. Ao fim da ordem escravista, os libertos tiveram que competir com este trabalhador branco, principalmente os que vieram da Europa, não havendo possibilidade de competir com equidade, levando a pessoa negra à subalternização no mundo do trabalho, sem mencionar a impossibilidade de acessar os espaços de educação formal (De Barros, 2020). E desta forma, 133 anos após a Abolição, negros, *maioria minorizada*⁵⁹ da população brasileira (este quantitativo populacional que

59 O termo foi cunhado pelo PhD em Ciências Sociais Richard Santos, referindo-se a africanos, afro-descendentes e afroindígenas que, na vida latina/americana/caribenha sofreram tentativas de branqueamento e apagamento de sua ancestralidade (Santos, 2019).

se julga poder ser subjugado e subalternizado), ainda se mantém com os piores índices de saúde, educação, trabalho e outros, recentemente agravados pela pandemia de covid-19.

Grada Kilomba define a minha condição de não-lugar de “dotôra”:

Tal hierarquia introduz uma dinâmica na qual a negritude significa não somente “inferioridade”, mas também “estar fora do lugar” enquanto a branquitude significa “estar no lugar” e, portanto, “superioridade”. No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “fora do lugar” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer (Kilomba, 2019).

Cena 04, ano 6/anos 2020: A Tia da Fila

Minha caçula fez 15 anos e lá fomos, eu e ela, para os parques de Orlando/Flórida. No último dia de parque, estávamos enfrentando uma fila quilométrica, quando percebo que o grupo de quatro homens atrás de nós eram brasileiros. A conversa era a súplica de um machismo tóxico, difícil de ser ouvida, porém, era inevitável. Em dado momento me sento na grade, e um deles diz: “- *Vou sentar aqui do lado da tia*”. Estranhei, pois assim como eu havia escutado a conversa deles – em português – imaginei que também tivessem escutado a minha, com minha filha. Enfim... A fila anda, me levanto, e este sujeito começa a falar, com seus amigos, *do meu cabelo!* Do quanto era feio, do quanto era nojento, que as meninas da escola (eram homens na casa dos 30 anos!) iam com aqueles cabelos cheios de creme, *pegajoso*, e ele “zoava” muito... Ainda demorei para compreender que aquela fala, tão naturalmente expressada, partia da visão que ele estava tendo de mim. Eu me virei e olhei nos olhos de cada um deles, até que um percebeu, segurou o que falava pelo braço e

murmurou: “- *Ela está entendendo!*”. Ele respondeu rindo: “- *E daí, olha a minha cara de preocupação...*”.

Senti muito medo daquelas pessoas, por mim e por minha filha. Não reagi. Silenciei. Para Jurandir Costa (2021), o silenciamento e a ausência de ação relaciona-se à violência racista que submete a pessoa negra a uma situação cuja desumanidade desarma e a deixa perplexa. Tínhamos ali o que Grada Kilomba denomina como a *constelação triangular do racismo*: o despreocupado que performou o racismo; a sujeita negra, objeto da agressão; e a plateia branca, observando a performance. O elemento surpresa da fila, a sensação de choque e imprevisibilidade: eu estava sofrendo racismo nos Estados Unidos, por brasileiros que achavam que eu era americana, me tirando o prazer de brincar, me invadindo, me colocando de volta no cenário colonial (Kilomba, 2019).

Fica garantido o consenso branco. Eu era o objeto estético desprezado. “Sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência” (Fanon, 2020, p. 152). Ele não se preocupava, pois eu ocupava a zona do não ser, onde empatia e cuidado inexistem, uma “região extraordinariamente estéril e árida” para tal (ibid. p. 22). Neusa Santos Souza elucida que não se trata de um diagnóstico de baixa autoestima ou de um complexo de inferioridade, mas sim do “sofrimento psíquico produzido pelo racismo” (Souza, 2021, p. 15). Não há como se pré-ocupar de algo que, para você, é destituído de valor, e o corpo negro carrega este signo, sendo então um “espaço de performance para o insulto, humilhação, castigo, encarceramento, violência e assassinio” (Lima, 2020, p. 17). Nós povo negro, ao contrário, nos ocupamos em demasia dos brancos. Foram meses articulando qual teria sido a melhor resposta ou reação, aprisionada que fiquei à necessidade de dar a devolutiva perfeita. O desejo de reagir à branquitude “à altura” é uma das armadilhas que a servidão internalizada nos impõe (Kilomba, 2019).

Grada Kilomba lembra que, historicamente, o cabelo negro, classificado como “ruim”, foi um dos alvos mais profundos para o apagamento dos sinais de negritude, posto que, se a pele não poderia ser modificada, os cabelos sim. Então, a eles, atribuíram-se adjetivações de desordem, primitivismo, incivilidade. “Vai dar um jeito nesse cabelo” é uma frase que suponho ter sido ouvida por 100% dos negros em diáspora. Justo por isso, meu cabelo natural, grisalho e crespo, era uma afronta à colonialidade do corpo, uma declaração política que o sujeito branco não suportou: ao “zoar” as meninas da escola e a mim, ele demonstrava o medo de perder o controle sobre as colonizadas (Kilomba, 2019).

Cena 05, ano 4/anos 2000: A “escura”

Em 1999, me casei. Com um homem branco, de família portuguesa (sim... olha eu de novo neste lugar). Família, aliás, extremamente amorosa, acolhedora, mas muito simples, ratificando os estudos sobre, nas relações inter-raciais, haver uma desigualdade positiva para o par negro, seja de que ordem for, mas em especial financeira ou educacional. Nesta época eu já havia feito uma pós-graduação, mas para não me destacar intelectualmente, fazia a “tonta”. Fui criando este papel, para não parecer “arrogante” naquela constelação colonial, e transitava sem o mínimo atrito. “Todo mundo fica satisfeito” (Fanon, 2020, p. 113).

A avó dele adorava me contar as “fococas” da família, e eu era uma boa ouvinte. Um dia, ela me falava dos seus sobrinhos. Dos caminhos que cada um havia tomado. Então me fala de um deles, que estava sempre aprontando, “até que um dia... apareceu com uma moça... e ela era **escura!**” – palavra que foi dita aos sussurros...! Não me lembro para onde foi a história, o que se passou com o tal primo e sua parceira escura, porque só conseguia

pensar (e quase gritar): “EI!! EU SOU ESCURA!” Onde eu estava? Como ela me enxergava? Até onde havia ido a minha anulação, a intensidade da minha negação, para que a minha cor também se apagasse? Qual tinha sido o preço do meu apagamento nesta relação social? Por que eu não era a “escura” com quem o neto dela havia “aparecido”? Assim como *Alicia*, entrevistada por Grada Kilomba, ou *Alberto*, paciente de Neusa Santos Souza, eu, aceitando a mistificação, havia “perdido a cor” (Souza, 2021, p. 104).

A máscara branca na pele negra de que nos fala Frantz Fanon (2020), o autobranqueamento, a assimilação aos padrões brancos, a negritude invisível, todas estas ideias me levam a este episódio. Mas preciso dizer quem era a *eu-anos2000*. Era quem dizia: “Sou brasileira, não tenho nada a ver com a África”. Ou: “Sou contra as cotas raciais, sou negra e nunca precisei”. Sobre a primeira enunciação, Fanon já havia cantado esta pedra sobre os antilhanos dos anos 1950: “Mas é que o antilhano não se considera negro; ele se considera antilhano. O negro vive na África” (p. 163). Alicia de Grada também afirma não ter nada a ver com o dano histórico da escravidão: “Somos todas pessoas independentes agora” (Kilomba, 2019). Sobre a segunda, fui entender, no Mestrado, já em 2007, quem eu era e a herança (cultural, social, etc.) deixada pelas/os que vieram antes de mim: eu não tinha feito nada sozinha! Apesar das referências acadêmicas familiares (avô, pai, tia), pela sociogenia vivenciada sob o signo da superioridade branca e a identificação do negro como algo negativo, minhas conquistas apresentavam-se com um aspecto individualista (ênfase na minha capacidade), meritocrático (Souza, 2021).

Dito isso, volto para a *Eu-(não)Escura* e minha oblatividade. Ela advém da forma como a inferioridade se torna epidérmica, mais do que internalizada. Tornamo-nos presas desta inferioridade e o branco, de sua superioridade: “ambos se comportam em função de uma linha mestra

neurótica” (Fanon, 2020, p. 77). O preço da admissão no mundo branco é a inferiorização em alguma medida. A minha foi a depreciação da intelectualidade a fim de garantir a superioridade europeia portuguesa. O suprassumo da colonialidade, a parte “brilhante” do racismo: não ser identificado. Não conhecia Frantz Fanon ainda, ou ele me diria: “O negro não deve mais se ver colocado diante deste dilema: branquear-se ou desaparecer, mas deve poder tomar consciência de uma possibilidade de existir” (2020, p. 114).

Cena 06, ano 5/anos 2010: *A Negona Gorda*

Minha filha precisou de um professor particular. Nós o recebíamos à noite (homem branco/alto/hétero/gordo), ele invariavelmente ficava para lancha conosco, sempre havia uma ótima sessão de conversas pós-aula. Um dia, a história foi a seguinte: eu estava de tranças nagô e ele relata que sempre quis fazer também (hum...), e que uma vez, *no carnaval*, foi até um salão com esta finalidade. Esperou bastante na recepção, até que apareceu uma “*negona gorda*” (sic), que vinha a ser a dona do salão, e disse a ele que *não faria a trança*. Foi ainda destilando ódio que ele narrou o episódio, e pareceu não ouvir quando eu, atônita, disse a ele que trança nagô não era fantasia de carnaval.

De imediato, a fragilidade branca e a branquitude tóxica que nos cerca, apareceram para narrar esta cena. Ele podia ser gordo; ela não. Ele podia querer uma fantasia de carnaval, mas ela não tinha o direito de negar isso a ele. Implicitamente ele me dizia que essa “*negona gorda*” merecia uma máscara de flandres: para não comer, para não falar. Para não enunciar que, naquele momento, em um salão de trançistas negras, não havia, ali, ninguém disposto a viver com ele o pacto narcísico da branquitude, para

corroborar seus privilégios. O ódio se fez: ele podia pagar, mas não podia levar. Equivale dizer que, sem saber em que espectro este homem-branco-alto-hétero-gordo se encontrava (de branquitude crítica ou acrítica), ainda assim foi nítida sua vontade de agredir. “Nenhum branco escapa de pertencer ao campo opressor” (Biko, 1990, p. 35). Se por um lado o uso da expressão “negona gorda” se institui como uma imagem-controle da mulher negra, o uso da palavra gordo aqui, adjetivando o homem branco, vem dialogar com sua postura de supremacia, atribuindo à outra uma adjetivação que também é sua, mas que nele, homem-branco, fica revestida pelas camadas de privilégios (Cardoso, 2010).

Preciso, porém, ser sincera: também é sobre mim. Sentia vergonha quando a expressão “negona gorda” ressoava nos meus ouvidos. Indicava que ela estava fora da meta do “ser humano ideal”, indicava discrepância e conflito com quem a enunciava negona e gorda. Levou um tempo enorme para que eu pudesse admirar esta mulher, quando finalmente compreendi o seu poder. Só com letramento racial isto foi possível. Lucas Veiga (2019, p. 247) explica brilhantemente que:

A escravidão e o embranquecimento nos afastaram – nós, negros – de nossas origens, não apenas por meio do apagamento dos caminhos e de parte da história de nossos ancestrais, mas também por meio da criação de uma narrativa sobre nós, que teve como efeito sentirmos vergonha, culpa, falta em relação a nós mesmos e ao povo ao qual pertencemos.

Cena Final (da primeira temporada...)

Como bem descrito por Frantz Fanon (2020, p. 23), apesar de eu me sentir “escavando a própria carne em busca de um sentido”, essa

escrita, desde a margem, se fez necessária. Escarificando soa melhor que escavando. Em alguns momentos doeu, sangrou, (re)infeccionou; gritei, esbravejei, lamentei. Neste processo, outras lembranças surgiram, outras “fichas caíram”, mas era necessário “se perder na noite do absoluto, única condição para alcançar a consciência de si” (Fanon, 2020, p. 147). Escrevi desde a margem tendo esta como um espaço de possibilidade de novos discursos críticos e resistência à opressão e ao silenciamento.

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (Souza, 2021, p. 46).

Por isso digo que nenhuma destas seis cenas está acabada, completa. Ter maior letramento racial com o passar dos anos não é uma blindagem contra novos silenciamentos e medos, de viver em estado de constante vigilância, preparando-se para a próxima atitude de racismo contra si. “Pessoas negras sempre vivem com a possibilidade de serem aterrorizadas pela branquitude”, diz Grada Kilomba, citando bell hooks (2019). É com Grada Kilomba que eu paro de perguntar “O que eu fiz com estes episódios de racismo?” para refletir sobre o que estes episódios fizeram comigo.

Havia muito mais a ser contado, pois o gosto de viver através do qual Exu opera⁶⁰, e a assunção da vida em toda a sua radicalidade torna estas experiências, ainda que amargas e indigestas, altamente sensórias. Com elas em uma mão e uma pitada de letramento racial em outra, conquisto uma outra visão, ouço, toco e sinto o odor do mundo de outras formas. Lembro de muitas destas sensações nos episódios narrados (em particular

60 Para Nogueira & Alves (2020), Exu “devora” o mundo por seu desejo de conhecer todas as coisas, e ao digeri-las, as incorpora, descobrindo seus sentidos. O “gosto de viver” vem, então, do desejo incondicional pela vida, traga ela o doce ou o amargo em cada experiência vivida.

o gosto azedo), mas hoje, nesse prato que você leu, neste “viradinho’ de palavras, a sensação se adocica (Nogueira & Alves, 2020).

Se adocica porque concordo com Fátima Lima (2020): o projeto iluminista, agoniza; a falsa ideia de uma igualdade racial, já está carcomida; o mundo que conhecemos, hegemonicamente branco até dentro de nós negros, está se esfacelando. A herança identitária que nos oprimiu até então, o reino da cisheteronormatividade, está em seus estertores. Essa vida negra, tomando consciência destas ácidas violências, devolve aqui, nesse prato a ser degustado, uma futuridade-emplastro para ajudar a cicatrizar feridas e, lá na frente, ajudar a se desviar das flechas que ferem.

*Eu sou um corpo, um ser, um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar, ô
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte
Je suis ici, ainda que não queiram não, ô⁶¹*

Referências

- Adichie, C. N. (2019). *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ballestrin, L. M. (2013). América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (11), 89-117.
- Benjamin, R. (2022). *Viral Justice. How we grow the world we want*. New Jersey: Princeton University Press.
- Biko, S. (1990). *Escrevo o que eu quero*. São Paulo: Editora Ática.
- Cardoso, L. (2010). Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco antirracista. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, Manizales, 8(1), 607-630.
- Costa, J. F. (2021). Prefácio à edição original. In: N. S Souza. *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar.
- De Barros, L. P. (2020). A subalternização do negro brasileiro: reflexões gerais acerca das políticas do estado brasileiro na República Velha (1889 - 1930) e no Estado Novo
-
- 61 Luedji Luna. (2017). Um corpo no mundo. <https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>.

- (1937 – 1946). *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, 12(esp.), 666-693. <https://www.abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/945>.
- Evaristo, C. (2020). A Escrivência e seus subtextos. In: C. L. Duarte & I. R. Nunes (orgs.). *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (1ª ed., pp. 27-46). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte.
- Fanon, F. (2020). *Pele Negra, Máscaras Brancas*. São Paulo: Ubu Editora.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Editora Cobogó. Edição do Kindle.
- Lima, F. (2020). Trauma, colonialidade e a sociogenia em Frantz Fanon: os estudos da subjetividade na encruzilhada. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 72(esp.), 80-93. <https://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.arbp2020v72s1>.
- Lopes, N. (2011). *Enciclopédia brasileira da diáspora africana* (4ª ed.) São Paulo: Selo Negro.
- Maia Neto, M. N. (2022). “E quando contarmos nossas histórias?” Relatos em uma formação racista. *Revista de Psicologia*, 13(2), 80–90. <https://doi.org/10.36517/10.36517/rvpsiufc.13.2.2022.6>.
- Maldonado-Torres, N. (2010). A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. In: B. S. Santos & M. P. Meneses (orgs.). *Epistemologias do Sul* (pp. 396-443). São Paulo: Cortez.
- Martins, L. (2007). A fina lâmina da palavra. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, 15, 55-84. <http://dx.doi.org/10.17851/2358-9787.15.0.55-84>.
- Martins, L. (2021). 89ª aPós Explorações - Seminário Leda Maria Martins: Performances do Tempo Espiral - Aula Magna [vídeo]. In: PPG-CEN UnB. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=fXuXKjOUslA&t=834>.
- Njeri, A. (V. Moraes). (2020). Reflexões artístico-filosóficas sobre a humanidade negra. *Ítaca*, (36), 164–226. <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/31895>.
- Nogueira, R. & Alves, L. P. (2020). Exu, a Infância e o Tempo: Zonas de Emergência de Infância (ZEI). *Educação e Cultura Contemporânea*, 17(48), 533-554. <https://doi.org/10.5935/2238-1279.20200047>.
- Santos, L. M. N. de S. (2020). Intelectuais escrevintes: enegrecendo os estudos literários. In: C. L. Duarte & I. R. Nunes (orgs.). *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (1ª ed., pp.206-224) Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte.
- Santos, R. (2019). África & Africanidades latino-americanas e caribenhas. Coluna Sobre a Maioria Minorizada na Pátria Grande. *Revista África e Africanidades*, Ano XII(32), 5. ISSN 1983-2354.
- Sousa, C. (2020). *A Cor da Minha Infância*. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

- Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Veiga, L. M. (2019). Descolonizando a Psicologia: Notas Para Uma Psicologia Preta. *Fractal: Revista de Psicologia*, 31(esp.), 244-248. https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000.
- Werneck, J. (2016). Introdução. In: C. Evaristo. *Olhos d'Água* (1ª ed., pp. 13-14). Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional.

Despertar

Movimentos de corpos
Em samba
Pernas bambas
Descobrimo sembas
Línguas e gemidos
Pés deslizantes
Animados sulares
Mãos e carícias
Sólidos e líquidos
Expressos fora
Expandidos dentro
Corpos que contemplam
Fluem
Dançantes
Nus
Entrelaçados como
Alvorecer e pernoitar
Tudo de nada
Que ainda estar por vir
Pois já é
Madrugadas e manhãs.

Sueka

CAPÍTULO 7

ORALITURA E ESCRIVIVÊNCIAS POETIZADAS DE MULHERES NEGRAS E INDÍGENAS: DIÁLOGOS INTERCULTURAIS E PRÁTICAS NA EXTENSÃO-PESQUISA

Luz Santos
Larissa Potiguara

*Salvar a velha é salvar a nova
Salvar a cantar e da esperança
Não é somente sobre salvar o canto, mas é também salvar quem canta.
Nosso canto é ancestral, nunca cantamos a sós.
A violência que matou as nossas ancestrais não vai matar a nossa voz.*

Célia Xakriabá, 2021.

Anunciando Encontro de Memórias

Este capítulo objetiva trazer algumas percepções desde *corpas*⁶² de mulheres negras e indígenas Potiguara⁶³ como território e lugar de memória em meio às práticas antirracistas e antissexistas na extensão-pesquisa, com centralidade em descobrir violências coloniais e práticas de extensão-pesquisa enquanto contenda⁶⁴ epistêmica.

Em meio ao contexto de movimentos por justiça social (lutas antirracistas, antissexistas, feministas e pelos direitos dos homossexuais

62 O termo *corpas* foi escrito utilizando a desinência de gênero e compreende o sentido de pluralidade das corporalidades de mulheres negras e indígenas.

63 A palavra “Potiguara” caracteriza um povo, uma nação, uma comunidade. De acordo com professores/as e estudiosos/as do Tupi antigo, em função da característica específica da palavra “Potiguara”, ela não flexiona em grau, gênero ou número, mesmo que haja mudança na classe gramatical no português brasileiro.

64 O termo contenda está na memória corporificada de uma das integrantes da Comunidade Colaborativa de Mulheres Negras e Indígenas (COCAM-RECOSEC). Foi muito utilizado por seus mais velhos (avós). Neste artigo, contenda tem o sentido de dissidência e desobediência.

e de pessoas trans), estão imbricados caminhos de revolução por justiça epistêmica que possibilitaram (e possibilitam) às mulheres negras e indígenas Potiguara⁶⁵ estarem na universidade — da graduação à pós-graduação. Nesse sentido, questões emergem como encruzilhadas: essa justiça epistêmica está vinculada ao fato de oportunizar mulheres negras e indígenas o devido acesso e permanência no ensino superior? De que maneira essa justiça epistêmica compreende o saber já acumulado antes dessas *corpas* chegarem à universidade? Centralmente, de que modo essas *corpas* desencobrem violências coloniais na extensão-pesquisa e desenham marcas do diálogo intercultural desde o enfrentamento aos racismos e sexismos? Reflexionando sobre as práticas cocriadoras das *corpas* negras e indígenas Potiguara na universidade, pautadas nas cosmopercepções afro-brasileiras e ameríndias, até que ponto oralituras se diferenciam nos resultados e impactos de enfrentamento aos racismos e sexismos?

Como um passarinho que ao cantar chama a nossa atenção, a *feitura* desse texto⁶⁶ ouviu o canto dos diálogos no Núcleo de Estudos e Pesquisas E'léékò. Desses desenhos vibrados, o conceito de oralitura de Leda Maria Martins (2021) emerge enquanto trânsito de memória da escrita-vida (fios bordados na/pela memória social), marcada pelas práticas e sabedorias corporificadas político-culturais, restaurados em hábitos, rituais e rotinas (práticas interculturais da extensão-pesquisa) transmitidas e transformadas por linguagens simbólicas da cosmopercepção, desde as percepções de Oyèrónké Oyèwùmí (2021).

De tal modo, ao transmitir um saber social, o corpo canta a memória amefricana na linguagem simbólica e desloca o foco para o significante

65 Ao nos referirmos às mulheres negras e indígenas, consideramos comunidades negras e aldeias indígenas como beneficiadas no desdobramento formativo de políticas públicas educacionais. Populações historicamente desprovidas de direitos educacionais e de acesso e permanência ao ensino universitário, mas que, com suas sabedorias e ciências, tensionam o conhecimento da produção acadêmica, que se diz democrática.

66 Importa ressaltar a existência do trabalho Oralituras e escrevivências de mulheres negras na luta antirracista: poéticas e estéticas em diálogos interseccionais na educação, de Cris Nascimento e Denise Maria Botelho, apresentado no XII COPENE em 2022.

por atos de transferência. Portanto, conforme Luiz Simas e Antônio Rufino (2018), trata-se de um saber distinto das produções euro-ocidentalizadas de memória do conhecimento (bibliotecas, museus, arquivos, monumentos oficiais etc.), que se produzem na dicotomia entre oralidades e escrituras. Assim, as memórias amefricanas⁶⁷ integradas às *corpas* transportam práticas ritualísticas desde a oralidade.

No movimento espiralar do tempo, que gira dentro e fora da universidade, *corpas* negras e indígenas Potiguara eram (e são) as águas no rio. Águas de sabedoria que cartografam forças pluriversas encantadas. Portanto, águas ancestrais e desde África, se encontram com as águas ameríndias, encobertas por uma noção nacionalista de educação moderna (euro-ocidentalizada) criada no mundo que se diz “de cima” no ocidente. No pensamento de Lélia Gonzalez (1988), águas do rio desenham, no leito do curso, a morte de mulheres negras e indígenas Potiguara, noção contenda de educação democrática nos territórios linguístico e ideológico.

A morte como dimensão de existência da vida é dimensão cantada na oralidade, por isso *en-cantada* de continuidades. Desse modo, a morte (que também é vida) tensiona os “padrões de desencantamento” na provisoriedade do nascer e do morrer. Assim, no diálogo intercultural, as vibrações cantadas conectam todas as vidas — as visíveis e as invisíveis —, eis as memórias amefricanas (Simas & Rufino, 2020, p. 10).

Nessa cosmopercepção encantada, sugerimos que o conceito de oralitura dialoga com a poética negra e indígena impressa na escrita-vida, feita da extensão-pesquisa, reverberada no conceito de *escrevivência poetizada*. De acordo com Maria Luzitana Santos (2022), a *escrevivência*

67 O termo memórias amefricanas foi utilizado em artigo apresentado no 2º Seminário Museu e Educação: Educação Museal e Decolonialidade, realizado no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, em 2022. Trata-se do artigo Memória amefricana e afetos decoloniais: por uma educação museal desobediente, de Gabriela de Assis.

*poetizada*⁶⁸ inspira-se no conceito de *escrevivência* de Conceição Evaristo (2011, 2018) para gestar a circulação de memórias amefricanas no diálogo entre os saberes de mulheres negras e indígenas Potiguara, e traz como culminância as experiências sentidas pelas *corpas* negras e indígenas Potiguara em práticas de extensão-pesquisa, desde a poética da escrita-vida. Portanto, a *escrevivência* poetizada afasta-se de redundância de palavras dado seu sentido existencial e relacional entre as *corpas*-território e *corpas*-quilombo. Do ponto de vista da interseccionalidade como práxis crítica, o contexto acadêmico no qual operam os diálogos e as relações interculturais, a grosso modo, inferioriza nossos saberes criativos, situando-os na periferia da ciência moderna.

Nesse sentido, utiliza-se a *escrevivência poetizada* enquanto narrativa poética-política para expressar sentidos e significados de dimensões subjetivas restauradas em rituais e experiências educativas. Portanto, essas experiências na extensão-pesquisa nos levaram a revisitar conceitos, possibilitando sentir os significados mais profundos.

A considerar que as *corpas* de mulheres negras e indígenas Potiguara se inscrevem no contexto da extensão-pesquisa em universidade pública, compreendemos como *escrevivência poetizada* e *oralitura* expressões de encontros ancestrais em práticas extensionistas. Nesse modo de abordar, essas práticas se distinguem do ouvir, do se comunicar, interagir e se movimentar, em ações internas e externas à universidade, ao alinhar-se às lutas do movimento de mulheres negras, do movimento de educadores negros e do movimento indígena Potiguara em suas demandas territoriais e político-culturais. *Corpas* cujos movimentos evocam e provocam práticas para tensionar e transformar realidades ao se revelarem *escrevivências*

68 O conceito *escrevivência* poetizada de Maria Luzitana Conceição dos Santos foi apresentado no IV Seminário de De(s)colonialidades: Vozes Ancestrais: Memórias, Manutenção da Vida e Circularidade de Saberes. Aya 2021 – IFBA Eunápolis.

poetizadas. Pela presença e ação na universidade, *corpas* tensionadoras do imaginário acadêmico fundado no universalismo abstrato e no capitalismo-racista-patriarcal-dependente (Andreola, 2007, Fanon, 1968, Faustino, 2020, Mato, 2019).

Não obstante, no sentido trazido por Conceição Evaristo (2011), *corpas* que são palco de enunciação poética em seu contexto sociocultural e político. *Corpas* constituídas e constituintes de feitura poéticas resistentes ao discurso universalista. Portanto, *corpas* que buscam assegurar o direito à fala e à re-existência amefricana. Enquanto escrituragem poética, as *corpas-território* e *corpas-quilombo* são anunciadoras da diferença e do encontro de memórias amefricanas no diálogo intercultural. Em Lélia Gonzalez (1984, 1988) e Beatriz Nascimento (2021), *corpas* que ao questionar o racismo e o sexismo colocam em evidência ancestralidades negras e indígenas. Desde essas ancestralidades, as *corpas-território* e *corpas-quilombo* são um encontro de memórias amefricanas construído no diálogo intercultural como caminho não apenas de reconhecimento ao necessário direito pluriverso no campo retórico, mas pela autodeterminação cósmica.

Por meio desses conceitos, compreende-se que as tradições e as memórias de mulheres negras e indígenas Potiguara não são assuntos do passado no sentido de atraso ou barbárie, como as narrativas euro-ocidentalizadas insistem em nomear de “coisas de antigamente” (Fornet-Betancourt, 2011). Portanto, nessa trama do diálogo intercultural, as práticas e linguagens cocriadoras do futuro integram o passado, dentro e fora do ambiente acadêmico. São tradições e memórias amefricanas que expressam participação e organização política nas *corpas*, além do direito à feitura de um mundo vivido de forma diferente.

Na feitura da nossa jornada na extensão-pesquisa na Comunidade Colaborativa de Mulheres Negras e Indígenas (COCAM-RECOSEC),

identificamos diálogos e rituais presentes nas oralituras das nossas *corpas*. Indissociáveis das nossas raízes ancestrais (afro-brasileiras e ameríndias), as oralituras expressam sonhos marcados nas *corpas* como poesia na manifestação do pensamento, desde os encantamentos para curar e proteger, ancorando-se em imagens como conceito, e não como representação — mesmo que as palavras sejam “desenhadas em peles de papel” para gerar o entendimento do que somente no corpo pode ser sentido (Kopenawa & Bruce, 2015, Lopes & Simas, 2022).

Corroboram conosco Conceição Evaristo (2018) e Célia Xakriabá (2021) ao reportar às memórias narradas de avós, mães negras e indígenas confluentes na tecitura de práticas descoloniais *contenda* aos atravessamentos interseccionalizados na universidade que, desde becos, vielas, aldeias e escadarias, sopram certos ventos.

Tecituras em poemas que, na Comunidade Colaborativa, faz com que não esqueçamos (e *re-lembramos*) de onde viemos. Portanto, saberes partilhados na escrevivência poetizada — que não se afasta de um modo de cuidado expresso na contação de história —, na inseparabilidade da poesia nos diferentes modos de vida (inclusive do trabalho acadêmico). De acordo com Gislayne Avelar Matos (2014, p. 102), a história contada “[...] diferencia autoras(es) de intérpretes, declamadores e atores, que buscam, na memória, um texto acabado”. Contadoras(es) de história, por sua vez, buscam, na memória amefricana, aquilo que conta um conto: lembranças, visão das coisas, pessoas e acontecimentos. Assim, como autoras das próprias histórias, *en-cantam* enquanto contam nos caminhos *re-inventados* no canto.

Essas narrativas orais, desde tempos imemoriais⁶⁹ são vivenciadas e praticadas no litoral norte do nordeste brasileiro, manifestando, de modo cada vez mais presente, um território enunciador mítico afro-brasileiro

69 Referimo-nos aos tempos imemoriais como tempo anterior à colonização.

e indígena. É a partir dessas narrativas orais que são revitalizados os verdadeiros saberes ancestrais da cultura afrodescendente e Potiguara. Esses saberes manifestam uma profunda preciosidade com o seu caráter sagrado e de respeito aos seres encantados. Saberes que são repassados de geração em geração.

No território indígena Potiguara, é predominante a presença dos seres encantados, responsáveis por desenvolver uma vasta tradição oral com suas características próprias, que nos trazem histórias dos mais variados contextos, com diversas experiências de toda a comunidade, desde anos de existência. A natureza é um lugar sagrado onde ocorre o contato mais forte com a ciência da encantaria, por meio da qual é possível fortalecer a conexão com todos esses seres que nos rodeiam.

Neste estudo, a interseccionalidade como práxis crítica, no sentido trazido por Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), opera como ferramenta analítica e de intervenção político-extensionista nas relações assimétricas entre conhecimento científico e saberes. A utilização analítica e interventiva da interseccionalidade orientou ações sucessivas durante a feitura da extensão-pesquisa ao interseccionalizar o racismo e sexismo, desde as ancestralidades das *corpas* negras e indígenas. É diante do fenômeno interseccional analítico que se dá o diálogo intercultural entre as *corpas*. Ou seja, onde se explica a complexidade *entremundos* na experiência das *corpas* na Comunidade Colaborativa de Mulheres Negras e Indígenas enquanto prática de extensão-pesquisa como um modo de trabalho que, embora transitando o ambiente acadêmico, se faz no território de saberes. São *corpas* que, ao mesmo tempo em que vivenciam opressões interseccionalizadas dentro e fora da universidade, *re-existem* a elas pela oralitura enquanto narrativa poética-política. Neste estudo, a narrativa poética-política está expressa na escrevivência poetizada *Recados en-cantados*.

Recados en-cantados

Luz Santos

Ababuo⁷⁰ sabia que suas bisavós tinham vindo de um território distante, do outro lado do Atlântico. Sabia porque sempre tinha o mesmo sonho daquela travessia. Ababuo queria saber mais da história das suas bisavós, do seu passado, e entender suas raízes.

A mãe de Ababuo dizia que não precisava entender. Dance e cante as palavras na mata para sentir os saberes das histórias. Era na mata aonde iam para celebrar a sabedoria da colheita — compartilhar o alimento e oferecer agradecimentos.

Quando não morava mais no quintal, a neta de Ababuo se lembrava de como era bom ir ao quintal, mexer com a terra e falava:

— Minha avó, Ababuo, contava que, durante a colheita, comer expressava a força do trabalho livre. Por isso era momento de celebrar, cantar e queimar as ervas.

No trabalho, as mulheres do quintal de Dona Bevenuta juntavam todo o cará que as mãos podiam sustentar. As crianças também iam lidar. Todos, à terra haviam de reverenciar.

Pensando alto, a neta de Ababuo cantava e se perguntava:

— Será que por isso gostava tanto das comidas de raízes!?

Veza por outra, a neta de Ababuo saia do quintal e descia as apertadas escadarias do morro. Lá de cima das vielas, avistava no horizonte um mundo dividido: do lado de cá da avenida Norte — onde morava —, gente preta, pobre, analfabeta, em suas casinhas de colorido desbotado, construídas em qualquer canto no morro, umas sobre as outras. Quanta gente feliz em suas danças de raiz. “Vamos sambar o samba de raiz enquanto as ervas queimam”

70 Em ewe, “a criança que continua voltando”.

cochichava a preta Zulmira, vizinha da banda de cá. Do lado de lá da avenida, os arranha-céus brancos, assim como aquela gente. Quase todos os dias via-se gente de lá subindo as escadarias rumo às Tendias de cá, na busca dos banhos de ervas dos encantados. Banhos feitos de Meisinhos⁷¹. Mas era aquele mesmo povo que se calava diante do ataque às imagens de santo. De que adianta se banhar pra se calar?

A neta de Ababuo era buscadora, mas não sabia se tinha missão.

Perguntava certas coisas para Ababuo, que respondia resmungando:

— Pra que tudo quer saber? Nem tudo se sabe. Ou só se sabe no tempo que é pra saber. Tudo tem o seu tempo!

Faca sete tostões pra colheita do cará Ababuo descascar e cortar os pés de pinhão roxo. Limpeza pra mode⁷² fazer.

Assim como alguns homens, a neta de Ababuo era menino no morro. Uns sentados na roda em tamboretas. Outros, tocavam. Ao toque dos dedos, o som saía da junção entre a pele do bode e o cone tronco do pé de macaíba. Seria só isso mesmo?

Com os recados ‘en-cantados’, os frutos da macaíba, junto com mel e hortelã, eram usados para adoçar a vida de quem já cansou de viver com chiado no peito. O tronco da árvore, largo no início e cone estreito ao final, cantava poemas de saudade de Ababuo por seus avós, ‘re-conexão’ com o passado, que está presente.

Ao som estridente, corpas e corpos gingavam no ar.

Corpas e corpos que juntos construía as casas desbotadas e colhiam o que dava na beira de roçado dos quintais desde Seu Lau até Dona Bevenuta.

71 De acordo com os ensinamentos da avó de uma das autoras, as Meisinhos são a junção de ervas e benzedimento que cura qualquer mal, desde que pedido com fé. Nas andanças pelo território indígena Potiguara, identificamos que a Pajé Amanacy (Sanderline Ribeiro) também faz uso das Meisinhos enquanto preparados com ervas de conservação e preparação para a cura de alguma enfermidade. Ou seja, o uso do mesmo termo tem semelhante sentido e significado.

72 A expressão utilizada tanto pelas Mais Velhas quanto por Troncos Velhos e significa o motivo para ser fazer algo ou alguma coisa suceder.

Depois da colheita, a partilha pela matemática dos recados: quem precisa mais é quem leva!

Em certo ano, os corpos do quintal perceberam não sentir a vitalidade da sabedoria dos recados. A colheita no quintal de Seu Lau foi a primeira que mingou. Dona Bevenuta também se queixou. Se não tiver cará pra quem iremos erva queimar?

— Cumé que pode o corpo deixar de sentir a força dos recados? Será que alguém não estava sentindo o cantar das nossas histórias direito?

Ababuo sofria de dores nas pernas, mas foi na Tenda consultar e voltou cabisbaixa.

Ninguém percebeu, mas a força do recado das nossas histórias há pra mode de tempo desaparecia aos pouquinhos, desde quando as crianças aprenderam as letras brancas coloniais. Aquelas mesmas ensinadas pelo povo do “lado de lá da avenida”. E a primeira criança a aprender foi a neta de Ababuo!

Foi uma reviravolta no quintal e nas redondezas.

Uns deram de ombro e disseram:

— O que fazer? É a vida!

A bisa tinha lágrimas nos olhos ao perceber pequeninos corações de om̃o encobertos ao aprender palavras brancas coloniais. Muitas mães foram aconselhadas a levar suas crias para aprender “palavras educadas” nos cadernos de folha de pão. Ao menos pra isso compensava comprar o pão, pensavam algumas mães. Nossos filhos aprenderão as letras com as mulheres descalças na clausura. Clausura que encobria a força dos recados.

No caso da bisa Ababuo, havia lutado com unhas e dentes por uma vaga para sua neta. Passou a noite em claro sentada em tamborete para marcar lugar na fila. Sua neta, quando fosse mãe de crias, não haveria de trabalhar no engenho. Todo esforço para que a primeira cria de sua filha tivesse essa tal

de educação pra mode ser gente e não cair no engenho também, pra agora perceber encoberto encantamento das palavras.

— *Quem combinou essa troca injusta? Mas isso vai ficar assim, não!*
— *disse a bisa.*

— *Essas palavras brancas coloniais não vai nos calar. Pode ser o tempo que for. Quando houver permissão, o encantamento há de vortá* — *disse Ababuo.*

Anatizul, a neta de Ababuo, estudou as letras, mas vivia entre a inconformidade e a exaustão do trabalho calejado na moradia das mulheres descalças na clausura. Foi a primeira cria de palavreado encantado encoberto. Depois dela, várias. Incontáveis.

Mas Anatizul tinha em seu corpo uns fragmentos do sentir a encantaria.

Certo dia sua avó lhe disse:

— *Se você cantar, os recados vão se re-encantar desde além-mar. Mas pra isso, tem que ter força na cantoria. Àquela altura da vida, já não tinha sua bisa. Anatizul procurou a força do seu cantar, mas só sabia cochichar. Passou muito tempo da vida se perguntando:*

— *Com quem haveriam de re-aprender a cantar e ouvir os recados?*

Anatizul, a neta de Ababuo, contava que, à época em que começou a aprender as letras brancas coloniais, aquela gente do “lado de lá” falava muito de um tal “progresso”. Depois de ouvir outras histórias de como as bisavós de Ababuo tinham vindo pelo Atlântico, achava que o progresso era coisa boa. Mas com o encobrimento dos recados encantados, sentiu dor igual, senão pior que as dores da bisa. Dores vistas em sonho.

Dali foi um passo para outros corações também terem apagados o espírito dos recados encantados, encobertos pelo progresso e modernidade.

As mulheres descalças na clausura perguntaram:

— *Quem vai querer ficar no atraso?*

Ababuo dizia:

— *Atraso pra quem se somos avançados?!*

Durante a infância, a neta de Anatzul ouvia essa história quase todos os dias enquanto sua avó fazia-lhe as tranças.

Através dos olhos, a neta de Anatzul se via no coração da sua avó e, certo dia, perguntou:

— *Como tirar a sombra que vejo em seus olhos?*

Sua avó, a neta de Ababuo, disse:

— *Acho que tem mais jeito não, mia fia! Ensinei a você tudo o que sei, contando e recontando essas histórias. Só não lembro mais as palavras da Tenda. Aquelas que cantadas faz recado dos en-cantados. Então sigo no cochichado. Mas, se um dia você sentir as batidas no seu corpo e, se estiver no seu tempo, corra atrás das palavras en-cantadas. É lá que você reencontrará o significado encoberto pelas letras do tal progresso. Quem sabe a força das palavras voltará para o meu (coração), no seu coração.*

Certo dia, nas andanças da extensão-pesquisa em terras indígenas, a neta de Anatzul encontrou, na Aldeia Três Rios, Dona Zita Potiguara. Lá pelas bandas de Monte-Mór, no litoral norte paraibano — um pedaço do cosmos Potiguara. Nas redondezas, vários cemitérios de engenho, usinas de cana-de-açúcar, rio do gelo, rio de sangue e terras retomadas em meio a conflitos. Soube que parte do povo de Ababuo viveu uns tempos naquelas terras. Nunca que suspeitou disso quando chegou ali.

Dona Zita é anciã, artesã e curandeira.

Contou que aprendeu o benzo com sua mãe e sua avó enquanto ouvia histórias sobre o povo de Ababuo nas lutas. Aprendeu a rezar quando tinha dezessete anos, mas o dom foi dado quando nasceu pelo Pai Orixalá.

Que desde a catequização, a mãe dela também havia esquecido as palavras. Embora as tivesse na ponta da língua, não conseguia dizer. Os

símbolos do imomirĩ⁷³ também foram apagados pelas palavras brancas coloniais, mas ficaram as pinturas, o artesanato, o toré, a cultura e o benzo.

Então Dona Zita disse:

— É nisso que sentimos que o espírito de cada palavra cantada vive. A guerra contra a clausura é todo dia. Alguns homens não querem mais usar a saia. A tradição está sendo perdida, mas a gente se mantém de pé e fala mais alto porque o nosso Deus é maior! E sempre me valeu.

Depois de uma prosa, quando a neta de Anatizul contou algumas histórias de sua avó, a anciã disse:

— Nós também não têm mais o Tupi totalmente. Só uns tacos, mas a força da palavra está aqui em mim. — Bateu nos braços, na altura do coração e em várias partes do corpo enquanto dizia isso. — A força das palavras encantadas não há de se calar. Em dizer o que deve ser dito pra todo mundo que pise nesse chão. Até pra esse povo de universidade. Tá no seu destino. Seu sangue é ancestral assim como o meu. Mas ainda não está no seu tempo de retomar as palavras pra cantar! Só quando reaprender a cochichar!

— Mas quando será esse tempo? — perguntou a neta de Anatizul.

Dona Zita silenciou, acendeu seu cachimbo, balançou seu maracá e falou com os olhos:

— Você pergunta demais e ouve de menos. Volte quantas vezes quiser. E, se você vortá, é porque sabe que tem que esperar no tempo do tempo para as palavras re-encantar.

Então a benzedeira cantou:

*Ô Jureminha, ô Juremá
Suas folhas caiu sereno, ô Jurema
Aqui nesse gongár*

73 Língua do tronco Tupi.

Quando a neta de Anatizul voltou, durante o toré, mais uma vez Dona Zita acendeu seu cachimbo, balançou seu maracá e disse:

— Honre a morte com a vida!

A neta de Anatizul ouviu o barulho de flecha riscando o espaço dentro da mata.

Ele veio acompanhado. Sua companhia sorriu e disse:

— Preste bem atenção, feme. Moça é buscadera. Tem luz própria, mas num tá em seu tempo ainda, fia. No tempo do tempo, a ciência das matas encantadas hão de lhe ensinar.

A neta de Anatizul respondeu:

— Adorê as almas!

Ilustração 1

Ababuo, a encantada



Nota: pesquisa da autora (2023); ilustração de Lígia Emanuele, vulgo Azulão.

Orality Negras e Indígenas e Escrivência Poetizada na Extensão-Pesquisa: como Mulheres Negras e Indígenas Fazem da Contenda Epistêmica Caminho para Práticas Descoloniais?

Nossas *corpas* negras e indígenas expressam resistências e re-existências na luta contra os racismos e os sexismos, desde nossas ancestralidades. Na expressão de *oralidades negras e indígenas*, as *corpas* enunciam práticas de extensão-pesquisa e se colocam no reposicionamento na geopolítica epistêmica resistentes à inferiorização de saberes e ao apagamento de simbologias corporificadas e míticas.

Por extensão-pesquisa desenhamos nossas experiências de intervenção, desde o encontro entre mulheres negras e indígenas Potiguara no projeto de extensão Rede Afro-latino-empresendedora Educativa e Colaborativa no Secretariado – RECOSEC (atualmente denominada Comunidade Colaborativa de Mulheres Afro-brasileiras e Ameríndias, COCAM⁷⁴ – RECOSEC, e sujeita central dos resultados). Ambiente coordenado por professora negra (uma das autoras deste texto), na atualidade a Comunidade Colaborativa é composta por nove *cunhã*⁷⁵ e seis *arabinrini*⁷⁶. Na feitura da extensão-pesquisa⁷⁷, nossos encontros possibilitam práticas nos caminhos de rios, bicas, marés, matas, plantações de abacaxi, casas de farinha, aldeias e terreiros no território do Vale do Mamanguape⁷⁸, litoral norte da Paraíba⁷⁹, nordeste brasileiro. Portanto, os encontros são

74 Por vezes, nomeada por Comunidade Colaborativa de Mulheres Negras e Indígenas – COCAM.

75 Em língua de tronco Tupi, o termo *cunhã* traz a imagem de mulher, indígena; fêmea; e todas as formas da natureza que se entende pelo feminino como água, terra e plantas (Barbosa, 1951).

76 Em iorubá, parente feminina. Trazemos também com o significado de mulheres negras.

77 Feituras da extensão-pesquisa estão registradas como inventários culturais participativos, por Maria Luzitana Santos e Osvaldo Giovannini Júnior (2018).

78 Território onde ambas as autoras trabalham como professora (uma na Educação Superior, e outra na Educação Básica), sendo que uma das autoras estudou no Campus IV da UFPB, onde se licenciou em Letras. Nesse caso, a desde 2015 a extensão-pesquisa foi o ambiente de um re-encontro intercultural.

79 A região do Vale do Mamanguape é demarcada pelo território indígena Potiguara, com cerca de 19 mil indígenas Potiguara e 33 aldeias, localizadas nos municípios de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto. Ao registrar 33 aldeias estamos considerando a aldeia Taiepe, pertencente ao município de Rio Tinto, em fase de homologação e reconhecimento. O vale integra a Área de Proteção Ambiental (APA) da Barra do rio Mamanguape, conforme Decreto Federal nº 924, de 10 de setembro de 1993.

uma ambiência de reafirmação intercultural. Nesse sentido, as *corpas* e práticas, desde tais experiências, e no diálogo intercultural, tensionam violências coloniais dentro e fora da universidade. Assim, nossas práticas de sociabilidade apresentam-se como resistentes ao operar o diálogo intercultural no encontro de memórias re-existent.

Desse modo, enquanto encontro de memórias articuladas ao diálogo intercultural que se dá em certas práticas de encantaria, as *corpas* desobedecem à ordem epistêmica em suas diferentes intersecções na produção de conhecimento, notadamente de raça e gênero. Assim, na contenda epistêmica, as *corpas* desencobrem camadas da violência colonial (nas relações de gênero no contexto étnico-racial, encontro de memórias amefricanas entre “Troncos Velhos” e “Mais Novas”, nos ritos afro-indígenas, na linguagem, nas cantorias, nos penteados trançados e pinturas corporais, ou seja, nas cosmologias que habitam a memória das nossas *corpas*) ao fazer emergir flechas de sabedorias (ancestralidade) à poesia das nossas ancestralidades (Krenak, 2022; Mignolo, 2008; Santos, Menezes & Lum, 2022; Souza, 2020).

Em especial, no âmbito dos movimentos feministas⁸⁰ que lutam por justiça social (e epistêmica), descobrir as camadas da violência colonial implica em observar como opera o capitalismo mundial integrado — base das relações universais na universidade — enquanto sistema em seu modo capitalista-racista-patriarcal, que encobre sabedorias profundas de nossos saberes ancestrais. Por isso, cocriar escrituras, ao mesmo tempo em que resiste ao cosmocídio, implica em garantir o futuro das nossas práticas grafadas na memória das *corpas*, poetizadoras da nossa re-existência espiritual — uma dimensão humana que é inalcançável às

Compreende os municípios de Marcação, Baía da Traição e Rio Tinto. É também local de engenhos e usinas de cana-de-açúcar onde, na volta de trás do tempo, corpos negros foram explorados por meio do trabalho escravo.

⁸⁰ Com destaque ao feminismo afro-latino-americano de Lélia Gonzalez e ao feminismo comunitário antipatriarcal de Adriana Guzmán.

“tecnologias sem contato”; dimensão que celebra os territórios, os céus e os cosmos (Bona, 2020).

Em vista disso, o sonho apresenta-se como dimensão mais profunda desde as cosmopercepções negras e indígenas ao revelar os sentires de viventes em relação aos saberes dos não viventes. Logo, a escrevivência poetizada possibilita a re-invenção como ato de retomada poética dos sonhos em memórias amefricanas do sentir-pensar (Botero Gómez, 2021, Gonzalez, 1988).

Memórias amefricanas encantadas e cocriadoras desde os cosmos de sabedorias profundas (cosmologias ancestrais) encoberto pela violência colonial. É dessa cosmologia que emana a força de *contenda* frente às diferentes formas de violência colonial que, dentro e fora da universidade, tentam afastar as sabedorias ancestrais de mulheres negras e indígenas daquele ambiente. Essas formas de violência se revelam como interseções das opressões (gênero, classe, raça, etnia, entre outras) que tentam separar nossas corpas “periféricas” com o propósito de manter o conformismo do pensamento e da vida moderna, perpetuando a dominação hierárquica das colonialidades.

Enquanto sabedoria profunda — e profunda não pela condição periférica atribuída às nossas corpas, mas porque somos o *sul* de práticas na geopolítica do pensamento. Desse modo, somos *flecha interseccional* de reconstrução dos cosmos encobertos da folha da Jurema, que é considerada por alguns povos negros e pelos Potiguara sagrada e rica em ciência encantada com o princípio de força, resistência e luta expressa na re-existência comunitária da escrevivência poetizada.

Achados desencobertos

Na fronteira *entremundos* nas corpas de mulheres negras e indígenas Potiguara mediada pela interculturalidade na extensão-pesquisa, a escrevivência poetizada anuncia que o sentido cósmico transcende o

uso das palavras escritas no espectro da violência colonial. Em que pese a importância de contos, a escrevivência poetizada expressa a oralitura *cantada* na força do sentir as palavras. Eis a enunciação e o modo de compreensão da indissociabilidade entre arte e ciência dos *Recados 'En-cantados'*.

Nesse sentido, e em que pese os importantes avanços das políticas de cotas e ações afirmativas, a justiça epistêmica visa não somente acolher às corpos das mulheres negras e indígenas Potiguara no acesso à universidade, mas que essas corpos, ao ocuparem tal espaço, *re-inventem* sabedorias, descobrindo, desde suas memórias, territórios de conhecimento ancestrais. Assim, as memórias amefricanas compreendem o saber corporificado antes mesmo de as mulheres chegarem à universidade e, por meio de oralituras em formato de escrevivências poetizadas, tensionam a democratização do pensamento acadêmico. Portanto, eis na oralidade a morte sentida como oralitura e dimensão de existência corporificada em escrevivências poetizadas. Por isso, *'en-cantadas'*.

A força do sentir as palavras *en-cantadas* vem da memória no corpo — memória amefricana — que ganha sentido na cosmologia das encantarias. Embora as diferentes formas de catequização tenham apagado o espírito das palavras afro-brasileiras e ameríndias com suas palavras brancas coloniais, a dinâmica do *re-encontro* foi caminho de re-conexão ancestral. Sendo assim, neste estudo, cosmologia e ciência das encantarias podem ser interpretadas como sinônimas, desde o sentir corporificado nas memórias.

Todas as vezes em que a violência colonial silenciou, ou encobriu, nossas palavras e corpos afrodescendentes e ameríndios — notadamente com a catequização—, nossas corpos se *re-inventaram*, desde a sabedoria da ancestralidade e do encantamento. Nesse sentido, o *en-cantamento* traz o significado de um saber esquecido, mas rememorado, posto que na ciência encantada não se vive a dicotomia morte-vida (Simas & Rufino, 2018).

Recados en-cantados são cartografados pelas memórias amefricanas que *vadeiam*⁸¹ em sambas, capoeiras e maracatus. Memórias amefricanas que, ao vestirem a carapuça, relembram batuques de festejos no quintal por Comadres, Malungos e Pretas Velhas. No diálogo intercultural do encontro, a escrevivência poetizada canta e *en-canta* mundos.

Nesse diálogo intercultural, a ciência da *en-cantoria re-inscreve* o sentido esquecido, ou apagado, das palavras. Como um fogo no qual antes só se viam brasas, fagulhas reacendem ao sopro de certos ventos com sua intencionalidade. Desse modo, um dos elementos da ciência encantada está na transcendência de sentido das palavras esquecidas. Transcendência alcançada na força da cantoria sentida, aprendizagem retransmitida na feitura do encontro de memórias amefricanas, no movimento dentro e fora da universidade, próprio à extensão-pesquisa. Assim, esse encontro é poético, mas também político.

Já o encontro de memórias amefricanas ocorreu (e ocorre) antes mesmo da transmissão de sabedorias orais entre os “Troncos Velhos” (Dona Zita Potiguara) e “Mais Nova” (A neta de Anatizul), em narrativas interculturais. No ouvido testemunho, na conversa, na escuta do recado *re-encantado*.

Sobre o ‘*recado re-encantado*’, desenho na ilustração 1, trata-se de uma imagem-conceito de uma *iyáàgba*⁸² – uma encantada – que transmuta mundos. Ababuo traz em suas pernas pintura indígena. Pintura que se concretiza na tinta do jenipapo – em alusão às marcas do encontro de memórias amefricanas. As miçangas bordadas em seu vestido são frutos da macaíba. Já o seu olhar – para cima – direcionado para suas tranças rememoram o caminho percorrido desde África até o momento e depois do

81 Em parte do nordeste brasileiro, vadiar, assim como brincar, tem sentido de transmutar as memórias dos encantos.

82 O termo *iyáàgba* está sendo utilizado no sentido de “mulher idosa”, “avó materna e paterna” e ancestral divinizada que se transformaram em rios, árvores, pedras, desde a cosmologia iorubá (Lopes, 2011).

agora. O fecho de luz dourado simboliza como a neta de Anatzul ‘sente as encantarias’ – um sentir que vem do coração; de olhar para dentro. Por fim, o rosto inclinado para cima de Ababuo significa conexão com os encantados. Uma conexão somente percebida aos que podem sentir.

Nessa poética-política, a interseccionalidade, como práxis crítica, possibilitou à extensão-pesquisa o encontro de memórias fora das paredes da universidade, mas na comunidade colaborativa. Assim, no *Recado re-encantado*, a contenda epistêmica opera na desarticulação do imaginário acadêmico, desde o sentir-pensar às produções faladas, cantadas e *re-encantadas*, desencobertas na extensão-pesquisa e que expressam práticas descoloniais.

Para (não) concluir os re-encontros

A narrativa poética-política da escrevivência poetizada, fundamentada na oralitura, demonstra a construção de parcerias comunitárias entre corpos periféricas em práticas artístico-científicas. Do ponto de vista da interseccionalidade, enquanto práxis crítica, esse modo de intervenção, ao mesmo tempo em que se mostra de *contenda* epistêmica, anuncia possíveis caminhos à democratização do pensamento acadêmico, desde vivências de *re-lacionalidade* na interseccionalidade.

Os caminhos anunciados à democratização do pensamento acadêmico operam, tanto via interseccionalidade quanto via interculturalidade, pelo afrouxamento das distinções entre “fazer pesquisa” e “fazer extensão”. Portanto, a ética-política da Comunidade Colaborativa é também o fio que borda o desenho da *re-lacionalidade* na interseccionalidade, apresentando-se como condição possível na forma de intervenção-investigação político-educativa, na co-criação na universidade do cosmos de encantaria. Desse modo, desencobre-se a extensão-pesquisa interseccional-intercultural — uma prática descolonial.

Por limitações de espaço, reflexionemos em outros movimentos de quintal no tempo caracol a respeito do encontro prático-político entre o movimento de mulheres negras e de mulheres indígenas anunciadores de uma noção de educação democrática. Uma noção de educação democrática na qual relembramos que somos natureza, morada da nossa humanidade. Educação-arte, educação-poética, educação-vida. Educação que tensione os “padrões de desencantamento”. Quais encruzilhadas esse encontro de memórias desenha na educação entre feminismo e o feminino em seu sagrado?

Referências

- Andreola, B. A. (jul./dez. 2007). A universidade e o colonialismo denunciado por Fanon, Freire e Sartre. *Cadernos de Educação*, (29) 45-72.
- Assis, G. (2022). Memória amefricana e afetos decoloniais: por uma educação museal desobediente. In: *Anais do Segundo Seminário Museu e Educação: Educação Museal e Decolonialidade* (66-83). Museu Histórico Nacional.
- Barbosa, A. L. (1951). *Pequeno Dicionário Tupi-Português*. São José.
- Bona, D. T. (2020). *Cosmopoética do refúgio*. Cultura e Barbárie.
- Botero Gómez, P. (2021). Sentirpensar. In: A. Kothari, A. Salleh, A. Escobar, F. Demaria, & A. Acosta (Orgs.). *Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento* (510-514). Elefante.
- Collins, P. H. & Bilge, S. (2021). *Interseccionalidade*. Boitempo.
- Evaristo, C. (2011). *Poemas malungos: cânticos irmãos*. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal Fluminense.
- Evaristo, C. (2018). *Becos da memória* (3. ed.). Pallas.
- Fanon, F. (1968). *Os condenados da terra*. Civilização Brasileira.
- Faustino, D. M. (2020). Notas sobre a sociogenia, o racismo e o sofrimento psicossocial no pensamento de Franz Fanon. *Interações Sociais*, 4(2), 10-21.
- Fornet-Betancourt, R. (2011). *Lo intercultural: el problema de su definición*. <https://red.pucp.edu.pe/ridei/files/2011/08/081215.pdf>.
- Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais Hoje*, 223-243.
- Gonzalez, L. (jan./jun. 1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, (92/93), 69-82.

- Kopenawa, D. & Bruce, A. (2015). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2022). *O futuro ancestral*. Companhia das Letras.
- Lopes, N. (2011). *Enciclopédia brasileira da diáspora africana* (4. ed.). Selo Negro
- Lopes, N. & Simas, L. A. (2022). *Filosofias africanas: uma introdução* (7. ed.). Civilização Brasileira.
- Martins, L. M. (2021). *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Cobogó.
- Mato, D. (2019). Más allá de la academia: estudios culturales y prácticas interculturales. *Educación e Realidade*, 44(4), e89213.
- Matos, G. A. (2014). *A palavra do contador de histórias* (2. ed.). WMF Martins Fontes.
- Mignolo, W. D. (2008). Desobediência epistêmica: a opção descolonial como identidade política. *Cadernos de Letras da UFF*, 34, 287-324.
- Nascimento, C. & Botelho, D. M. (2022). Oralituras e escrevivências de mulheres negras na luta antirracista: poéticas e estéticas em diálogos interseccionais na educação. In: *Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as* (1-8). Recife.
- Oyèwùmí, O. (2021). A invenção das mulheres - construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. *Bazar do Tempo*.
- Ratts, A. (2006). *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. Instituto Kuanza.
- Santos, M. L. C. dos, Giovannini Júnior, O. (Orgs.). (2018). *Mas, será o benedito! RECOSEC e a coletânea de inventários participativos do Vale do Mamanguape-PB*. Editora CCTA/UFPB.
- Santos, M. L. C., Menezes, M. M., & Lum, K. D. (2022). Escrevivências: encontro negro e indígena em uma experiência de extensão universitária. *Educação Unisinos*, 26, 1-18.
- SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida. (16 set. 2021). *FLECHA 3 – METAMORFOSE*. (vídeo). YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=Q2IS8YhphHw>.
- Simas, L. A. & Rufino, L. (2018). *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Mórula.
- Simas, L. A. & Rufino, L. (2020). *Encantamento sobre a vida política* (e-book). Mórula.
- Souza, J. M. (2020). Oxóssi: o herói de uma flecha só. *Mosaico*, 13, 57-63.
- Xakriabá, C. (5 set. 2021). Somos a voz da resistência sementeada por guerreiras como Bartolina Sisa. *Articulação Nacional das Mulheres Guerreiras da Ancestralidade (Anmiga)*. <https://anmiga.org/somos-a-voz-da-resistencia-sementeada-por-guerreiras-como-bartolina-sisa/>.
- Santos, M. L. C. (2022). *Escrevivência poetizada: política de narrativa intercultural* (prelo).

Sul agitado

Corpo pulsando
Extremos sul agitados
Ferve, abre
Um bom pedaço
Encaixes
Flexibiliza, sentia
Enquanto percorria
Com a língua
Descobrimo salgados
Estimulando sentidos
Sempre será um prazer
Estar contigo
Enquanto seu corpo
Por dentro e fora
Me fazer vibrar
De modo antes
Jamais imaginado.

Sueka

CAPÍTULO 8

RESISTÊNCIAS E ESCRIVIVÊNCIAS DE UM PROFESSOR NEGRO: REFLEXÕES ATRAVÉS DA POÉTICA DO HIP HOP

Cesar Augusto do Nascimento Moura

Início de Conversa: Reflexão e Ação

*Sou rapper, cantor, menestrel e griot
dos cantos, das praças, das ruas
estradas, vilas, favelas,
becos e guetos deste país.
Embora haja desgraça,
eu canto pra ser feliz.
César Moura, 2001.*

Este manuscrito é inspirado nas resistências e *escrevivências* de um professor negro através do hip hop e da luta por uma escola antirracista, antimachista e antifascista. Através desse texto, manifesta-se também contra o abandono, a evasão, a exclusão e outras formas de violências na escola, que atingem especialmente a juventude negra. Com este trabalho, tenho o objetivo de destacar algumas reflexões obtidas em minha pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e que expressam vivências, *escrevivências* e resistências do movimento negro hip hop na zona sul de São Leopoldo/RS, cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre, no período de 2001 a 2011 e a partir desse período (Moura, 2022).

Realizei a pesquisa durante a pandemia de Covid-19. Seu objetivo foi mostrar, por meio de minhas escrituras como professor negro, a importância do *hip hop*, enquanto movimento negro e da escola pública, para as vidas negras de estudantes da periferia sul de São Leopoldo na redução da evasão escolar, na minimização da exclusão social e no combate ao extermínio da juventude negra, principalmente causados pelo racismo institucionalizado e estrutural. O objetivo deste artigo é mostrar algumas discussões feitas na minha dissertação.

Este texto, tal como foi a dissertação, é apresentado na primeira pessoa, levando em consideração o *rapper*, sujeito protagonista do hip hop, em relação ao conhecimento, o Quinto Elemento, ideia defendida por Áfrika Bambaataa⁸³ e, em alguma medida, procurando encarnar minhas escrituras como professor negro. Na educação, além de professor, atuo como artista, MC – Mestre de Cerimônia, poeta e pesquisador.

Trago para as escrituras também a Resistência Sul, que é a organização de hip hop construída por estudantes, professores/as, vizinhos/as e amigos/as da zona sul da cidade. O conceito de *escritura*, termo cunhado por Conceição Evaristo, é uma das principais inspirações para este trabalho (Duarte & Nunes, 2020).

Neste trabalho, levo em consideração as discussões oriundas da legislação a respeito da promoção da igualdade racial no Brasil, tal como a Lei n.º 10.639/03 (Brasil, 2003), que institui, na educação básica, o estudo de História da África e dos/as africanos/as. Também estão em foco a luta dos/as negros/as no Brasil, a cultura negra brasileira e o/a negro/a na

83 Quinto elemento: Áfrika Bambaataa defende que o quinto elemento do hip hop é o conhecimento (lembrando que o primeiro é a música do DJ; o segundo, a poesia do rap; o terceiro, a dança break; e o quarto, a pintura do grafite) (Meira et al., 2015, p. 102). Áfrika Bambaataa é um DJ norte-americano conhecido como o pai do hip hop. Nasceu e foi criado no bairro do Bronx, em Nova York, e integrou gangues violentas de rua antes de fundar a Universal Zulu Nation. “O DJ é o autor da música ‘Planet Rock’, de 1982, a primeira experiência de mixagem de funk e música eletrônica, que deu origem ao ritmo electro-funk [...]” (Meira et al., 2015, p. 102).

formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política brasileira.

Depois de estudar a obra *O movimento negro educador* (Gomes, 2018), vejo-me pessimista e otimista. Autores como Sílvio Almeida (2018) ajudam a compreender o quanto o avanço do neoliberalismo é um agravante para a discriminação racial. No campo da educação, percebe-se que a população negra é a primeira a sofrer as consequências através das situações de exclusão, evasão e abandono escolar. Situação assim requer luta contra as estruturas que fazem com que o racismo perdure em nossa sociedade. Através de percepções como essas, resolvi me organizar na zona sul de São Leopoldo, região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Levando em consideração essas questões, desejo enfatizar a discussão, o debate e a reflexão sobre demandas aqui elencadas, em especial a permanência negra na escola e a promoção da igualdade racial. Nesse sentido sou otimista, pois percebo as mudanças e protagonismos, já que muitos jovens daquela época também chegaram à universidade e seus filhos já concluem a educação básica. Sou pessimista em relação ao fascismo que se instaurou no Brasil, trazendo com maior ênfase o machismo, o racismo, o feminicídio, a homofobia, o infanticídio e a xenofobia. Não acredito que a política de morte traga qualquer benefício às pessoas. Acredito que é possível lutar contra toda a forma de intolerância e correlatos, de forma coletiva e individual.

Vivências e Escrevivências: uma Metodologia Cheia de Experiências

Sob a Constelação
*Estende a lona do circo da tua imaginação.
Acende a fogueira da paixão nessa escuridão.
Acende a fogueira da esperança no teu coração.*

*Ouro, prata preciosa, pedra negra da canção.
 Faz o casebre virar castelo no beco, no gueto, vila, favela.
 Canta na varanda mui belo.
 Magia, folia, melodia que atíça a multidão.
 É lida, é o tempo de viração.
 Tudo se aprende e ensina
 Na luta, na vida, sangue bom!
 Só a luta muda a vida sob a constelação.
 (Cesar Moura, 2004).*

Na ideia de *escrevivência* – que recém descobri e da qual estou em processo de aprendizagem – vejo possibilidades, como na letra do *rap*, de andar por lugares e situações através da poesia e do conhecimento, sobretudo da imaginação, e fazer uma crítica da realidade onde estou com meus alunos e alunas. Buscando inspiração nas *escrevivências* de Conceição Evaristo, mulher negra, escritora/artista, estudiosa, ativista e educadora, percebi uma grande identidade com o que faço no hip hop. Seus escritos são fonte de inspiração metodológica para este trabalho, a partir de depoimentos, entrevistas e artigos presentes principalmente em um livro organizado para reflexão sobre a sua obra (Nunes, 2020).

Minhas reflexões mostram *escrevivências* negras, antirracistas, anticolonialistas e antifascistas, retomando minha trajetória como professor, *rapper* e mestre de cerimônias (MC) em um trabalho direto com a juventude negra da periferia de São Leopoldo. Estas experiências, vivências e memórias me colocam em posição semelhante e inspirada em Conceição Evaristo e de sua metodologia, pois seus escritos representam muito mais as pessoas e coletivos das populações negras. Por isso, coloco em cena a metodologia de pesquisa e de escrita da estudiosa e artista Conceição Evaristo, tendo como bússola de orientação seus textos e o que foi escrito sobre ela (Duarte & Nunes, 2020).

Conforme Conceição Evaristo (2020, p. 30), “Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado [...]”. Como homem negro, compreendo e respeito o lugar de fala da autora, me identifico e me reconheço na coletividade e ancestralidade referida na sua escrita. A escritora abre possibilidades para pensar a cultura negra através da literatura, o que também já faço no *hip hop*, lugar onde atuo desde os anos 1980. Neste texto, traduzo minhas escrevivências através da narrativa da minha trajetória como professor negro, embalada pelos *raps* que surgiram do âmago das vivências do chão das escolas e das vilas da periferia sul de São Leopoldo.

Com Conceição Evaristo, enalteço a capacidade negra de apropriar-se da linguagem, da palavra escrita, também nas letras de raps e do discurso que podem cativar e provocar mudanças:

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana (Evaristo, 2020, pp. 30-31).

Juntamente com os grupos na Zona Sul⁸⁴, fiz, através dos *raps*, a crítica à sociedade patriarcal, à casa-grande machista e racista, dizendo que, mesmo no tempo em que até a voz das pessoas era explorada, sempre houve luta e resistência. Na Zona Sul, tivemos uma organização chamada Resistência Sul⁸⁵, que foi uma ferramenta de organização política, econômica, social e

84 Zona Sul: conforme a Prefeitura Municipal de São Leopoldo, até hoje, são oito as regiões do Orçamento Participativo da Cidade. A Região Sul, conhecida também como Zona Sul, é composta pelos seguintes bairros e vilas: Santa Tereza (Vila Kennedy), Duque de Caxias (Vilas Duque Nova e Velha, COHAB Duque e Vila São Jorge), Jardim América (Vila Esperança e Jardim Monte Carlo) e São Borja (Parque Lago São Borja, Loteamento Monte Branco, Loteamento Casa Branca, Loteamento Industrial, Barreira e Morro do Paula). Informações disponíveis em: <https://www.saoleopoldo.rs.gov.br>.

85 Resistência Sul: nome da organização de hip hop da região sul de São Leopoldo, conforme denominação dada pela Secretaria Municipal do Orçamento Participativo da cidade de São Leopoldo. Resistência Sul é uma organização social, política e cultural que tem por finalidade organizar o movimento hip hop articulado com o movimento negro, a juventude, a escola e os movimentos sociais. A Resistência Sul de hip hop nasceu da necessidade de criar uma identidade e organizar os diferentes setores da comunidade da Zona Sul.

cultural na região. Pode-se dizer que fez acordar dos pesadelos e ajudou a construir os sonhos de uma vida melhor, diminuindo o racismo, o machismo e a exploração, promovendo a vida sem nenhum tipo de violência.

Fui percebendo que minha poesia era compartilhada; que as pessoas da Resistência Sul tinham coautoria em minhas letras de *rap*. Hoje, sou muito agradecido às minhas músicas e letras criadas naquele lugar. Juntos/as percebemos que existir e colocar-se no mundo para questioná-lo pode ser feito a partir do *hip hop* e de seus elementos, razão pela qual destaco o que diz Conceição Evaristo sobre escrever no mundo, o que escrever e como escrever, para que e para quem:

Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me auto inscrever; mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha (Evaristo, 2020, p. 35).

Auto inscrever-se é credenciar-se no mundo, é assumir um protagonismo, é colocar-se no mundo com nossas histórias e nossas vidas, diz Evaristo (2020). Durante esta investigação, observando as letras de *rap* na Zona Sul, percebemos que o *hip hop* faz isso com quem grafita e dança, faz a base rítmica eletrônica, digital e acústica, canta, recita, pensa, produz e faz o conhecimento. Assim como Evaristo pensa na escrita, penso na letra do *rap*, que não é uma letra/escrita “só de mim”, pois nela existem outras pessoas, ancestralidades e coletividades (Duarte & Nunes, 2020).

A escrevivência tem sido minha fonte de inspiração no *hip hop*, usada como recurso teórico e metodológico para a escrita de produções acadêmicas de pesquisadores/as negros/as. Esse gênero de escrita como “elemento teórico e também metodológico que propulsiona, intensifica e produz uma forma afirmativa por meio da qual pesquisadores/as negros/as

vêm elaborando conhecimento científico” (Evangelista, Siqueira, & Rocha, 2021, p. 1332), tais como escrita de si, autobiografias e produto orgânico e político através das suas experiências.

A partir desse entendimento, produzi uma narrativa sobre a minha trajetória de professor há mais de 25 anos, que usa elementos do *hip hop*, tais como MC, DJ, B-Girl, grafite e conhecimento através de fanzines, CDs, apresentações, saraus, performances, etc.

A (Re)Invenção e o que era Resistência pode Virar (Re) Existência: Reflexão-Ação-Reflexão

RAP Vidinha Urbana
*Estou na área metropolitana, ali parado, calado, apavorado, operário,
 desempregado.
 Zona Sul, que vidinha sacana, hein?
 Ninguém me engana, Região Metropolitana,
 Vidinha urbana, vidinha sacana! (...)
 Tic Tac – O tempo passa devagar
 e eu fico ali na esquina a divagar!*
 (César Moura, 2001).

A partir deste estudo, percebi que o movimento negro e o *hip hop* desenvolvido na zona sul da cidade de São Leopoldo, entre 2001-2011 e, até nossos dias, estão numa situação de unidade inter-transdisciplinar: o movimento *hip hop* é o “movimento negro educador” (Gomes, 2018). Quero mostrar que, na zona sul, as lideranças do *hip hop* eram filhas do movimento negro da região e da cidade. Na prática, as linhas de ações e atuações eram criadas, compartilhadas e executadas juntas, movimento negro e juventude.

O *hip hop* é o meu jeito de viver, resistir e experienciar o mundo. Nele está a minha emoção, sentimentos e, juntamente com a periferia da zona sul, toda a minha indignação. É preciso exigir respeito pela vida, pelas

mulheres, a juventude preta, ao rio, à natureza, às abelhas, às borboletas e às flores, tudo isso para fazer sentido exigir humanidade e fraternidade.

Pesquisar é dialogar, interagir, relacionar, refletir e planejar. Há questões muito importantes, que vivi e vivo nesse processo, que são o diálogo e a conexão entre a educação e a escrivivência, o movimento negro/hip hop. Essa é a novidade que vai impulsionar as formas de estudar e a compor com a comunidade escolar, a partir de agora. O *hip hop* movimento negro é a minha lança, isto é, a minha ferramenta de lutas. A prática do *hip hop* pode nos trazer um excelente retorno de cidadania, participação, criatividade e democracia:

A cultura *hip-hop* chama a atenção pela capacidade de aglutinar um grande número de jovens em torno das atividades que propõe: festivais, oficinas e encontros que envolvem a elaboração de grafites, as *performances* de dança e música, a produção de vídeos e a circulação de materiais informativos via impressa, eletrônica ou digital (Souza, 2011, p. 16).

O movimento negro/hip hop, só para exemplificar, é “ComUnidadeAção” ou “ComUnidade e Ação” que é o *slogan* da nossa escola hoje. Aparece como fonte de conhecimentos e saberes, também estava e está conectado com os movimentos sociais e juntos impulsionaram e impulsionam as lutas econômicas, políticas, sociais, culturais e educacionais. Estão juntos, coesos. É por isso que considero importante o movimento negro continuar atuando na região, pois é meu instrumento, juntamente com a periferia onde atuo e entendo que esse movimento produz “discursos, reordena enunciados, nomeia aspirações difusas ou as articula, possibilitando aos indivíduos que dele fazem parte reconhecerem-se nesses novos significados” (Gomes, 2018, p. 47).

Portanto, como Educador, MC e Poeta, reafirmo que o *hip hop* e movimento negro estavam e estão juntos nas periferias com base e sustentação teórica organizativa e de gestão, porque são um movimento social coletivo e político, que gera identidades e interesses comuns. Isso se dá através das minhas leituras e vivências através de uma educação comprometida, como ativista que sou, com as causas negras e através do cotidiano da escola e sua comunidade. Estão em unidade nas ações, percepções, diálogos, vivências e tomadas de decisões. Nesse caso, o *hip hop* também é negro e contemporâneo.

A face mais expressiva do *hip-hop* está ancorada no *rap* – a poesia cantada que, para existir, precisa da junção de dois elementos: o DJ e o MC, o poeta que escreve e canta as letras de *rap*; já o DJ dá o tom ao discurso, que geralmente tematiza as desigualdades sociais, racismo, discriminações e violências de toda sorte (Souza, 2011, p. 16).

Descobri que existe uma unidade que torna o discurso uníssono, resultado das nossas reflexões e percepções. Diante de uma *vidinha urbana, vidinha sacana!* Nas brincadeiras, fiz com os grupos, o *rap* da geografia, da história, da matemática, da cidadania e do respeito, em tempos de neoliberalismo e aumento do fascismo, racismo, machismo, homofobia e xenofobia no Brasil, pois o *hip hop* e o movimento negro ajudam na reflexão crítica, no combate às desigualdades raciais e sociais, trabalha se organizando através da poesia, falas, leituras, escritas e imagens, através dos elementos do *hip hop* (Souza, 2011, p. 15).

Hoje, precisamos levar em conta os aspectos locais e globais em permanente transformação, que geram muitos encantamentos, mobilidades e mobilizações em meio a um cenário global cada vez mais algoritmizado.

O assassinato de jovens negros aparece na cena do *hip hop* como extermínio da juventude negra. Recebemos, através dos movimentos de consciência negra da cidade e região e da Resistência Sul, muitas notícias sobre jovens mortos nas zonas leste e nordeste de São Leopoldo. Três entidades com as quais trabalhamos chegaram a produzir um livro com ênfase nessas regiões: *Desvelando percepções de uma realidade – O extermínio de adolescentes e jovens* (Nunes, 2014, p. 191).

Discussão Tensa e Intensa: Movimento Negro, Escola Antirracista e Vidas Negras

Rap do Respeito
É o respeito que vai! É o respeito que vem!
Você tem pela outra pessoa, ela tem por você também!
Respeito ao rio, à abelha, à borboleta e à flor
Respeito à humanidade, no frio e no calor
Respeito pela vida da mulher e da criança
Gente grande e a juventude chegam juntas nessa dança!
Então como é que faz?
Respeito no olhar, respeito no tratar
E do respeito?
 Do respeito surge a paz!
 (Criação coletiva – Crianças da Resistência Sul, 2003).

O respeito às leis impulsionou o pacto com o rap através das organizações e grupos, ao discutir a lei 10. 639/2003, a escola, a promoção da igualdade racial na poética do hip hop/Movimento Negro, potencializou a discussão política, social e cultural, na zona sul e na cidade de São Leopoldo. A escola que enfrentou e enfrenta as violências com a arte e a poesia que chegou e chega pelo hip hop para fortalecer a juventude pode ainda reaparecer como uma alternativa real e concreta na região.

Nilma Gomes (2018, p. 120) afirma que “as interrogações poderosas têm que irromper pela intensidade e concentração de energia interior que transportam”. Questionar e educar para questionar são ações urgentes, não só do movimento negro, mas de todos e de todas, em um país de maioria negra, como é o Brasil. Por que a maioria das crianças que não terminam o ensino fundamental são negras? Por que a juventude negra dificilmente consegue terminar o ensino médio ou chegar à universidade? Essas questões me levaram a buscar parcerias para refletirmos juntos e encontrar alternativas. Lembro que surgiram boas ideias. Com isso, foi desenvolvido um movimento de promoção da igualdade racial e, ao mesmo tempo, antirracista, pois percebo que não é necessário ser negro/a nem indígena para ser antirracista e promover a igualdade racial, já que

[...] no atual momento de perigo, para que tal aconteça, a interrogação poderosa deve incidir mais sobre *o que nos une do que sobre o que nos separa*, “grifo da autora”, superando o desequilíbrio entre as teorias de separação e as teorias de união, dentro do qual a separação ainda impera (Gomes, 2018, p. 121).

Resistência Sul foi a organização que dava guarida às bandas de rap, de hip hop, aos rappers ou aos grupos de b. boys, b. girls, DJs, MCs, grafiteiros e o Conhecimento, o quinto elemento do hip hop na região sul de São Leopoldo. Conforme dito anteriormente, eu já promovia, em 2003, aulas e oficinas de hip hop na escola da região onde atuava. Aquele ano foi marcado pela aprovação da Lei 10.639/2003, a lei da igualdade racial.

A organização/associação, juntamente com os movimentos sociais em geral, luta contra a evasão escolar e mantém grande sintonia com o *movimento negro/hip hop*, “grifo nosso”, das regiões do Vale dos Sinos e da Grande Porto Alegre. Além disso, nosso movimento ideológica e

politicamente compartilha com as demais organizações da luta contra a discriminação, o preconceito e a opressão, tais como, “o sofrimento humano causado pelo capitalismo global, pelas formas de discriminação de que se alimenta e pela colonialidade do poder” (Gomes, 2018, p. 121).

Ainda em 2003, com a ideia de prestar uma atenção especial às minhas experiências e vivências, reuni-as e, juntamente com alguns jovens professores e professoras, tomamos a iniciativa de trabalhar no sentido de reduzir a evasão escolar e todas as suas violências, que atingem principalmente as populações negras.

O hip hop combina sem estabelecer hierarquia a mescla de diferentes mídias. Descobri que o hip hop e o movimento negro têm uma postura de letramento e, por isso, são pedagógicos em relação à escola e à juventude negra, juntamente com a Resistência Sul, na periferia sul de São Leopoldo, pois “os letramentos no hip hop também são sustentados por práticas engendradas pelos movimentos sociais negros que historicamente reivindicam direitos, inclusive na área da educação” (Souza, 2011, p. 35).

Justamente por isso nós, educadores e educadoras negros e negras, caracterizamos nossas ações nesse período como forma de resistência e de luta, pois é importante registrar a presença negra na região antes da colonização alemã e, sobre outros tantos aspectos, como o econômico e o cultural, promover seu protagonismo e importância histórica na construção das riquezas, como destaca Eliege Moura Alves (2008)⁸⁶. Vemos aqui a importância, já no século XIX, da mulher mobilizadora e instigadora da luta e da resistência. A própria professora Eliege Moura Alves é, em seu texto, uma protagonista que, como ativista das causas negras, enfatiza a presença

86 A autora destaca, por exemplo, o episódio ocorrido na Real Feitoria do Linho Cânhamo, a 2 de agosto de 1822, como um dos mais antigos documentos sobre revolta de negros e negras escravizados no Rio Grande do Sul: “Nesse episódio, os negros, instigados por suas mulheres e munidos com seus instrumentos de trabalho e armas, enfrentam soldados destinados a prendê-los devido a denúncia de roubo nas cercanias da Feitoria” (Alves, 2008, p. 32).

da mulher naquele período. É um tempo de lutas, cantado nos *raps* da Feitoria e da zona sul.

Promovemos a conscientização e autoconscientização da importância de organizar-se e estudar, o que já constituía uma maneira de combater a evasão escolar. Negros e negras contribuíram para construir nossa cidade, no mínimo, desde o século XVIII, com a forte presença da mulher negra.

Como professor, estudei os Cadernos Pedagógicos da *Série Memórias das lutas populares*, até superar alguns conceitos. Por exemplo, o conceito de raça visto apenas sob uma perspectiva biológica, como no trecho que segue: “por dois séculos foi utilizado como forma de dividir os seres humanos através de características biológicas. Biologicamente falando, a raça humana é uma só” (Souza & Pereira, 2001, p. 8). Conceitos como esse, portanto, foram superados, pois, estamos mais próximos do que afirma Sílvio Almeida acerca do racismo estrutural, que nos faz entender que o racismo “é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para pessoas ou grupos, dependendo do grupo racial ao qual pertença” (Almeida, 2018, p. 25).

Atuei na periferia trabalhando com os conceitos de raça, racismo, preconceito e discriminação. Percebo que hoje estas discussões estão muito mais bem sistematizadas, apesar das dificuldades, pois os governos desmantelaram todas as nossas ramificações em termos regionais e nacionais, nos últimos cinco anos, além da pandemia.

A discussão esteve e está no fanzine, na Rádio Poste/FM/Web, através do hip hop e de seus elementos. O apoio e solidariedade nas famílias apareceu e aparece nas letras, na poesia e nos discursos, estudos e pesquisas. As famílias foram desfeitas pelo tráfico de africanos e foram

aos poucos sendo reconstituídas através de vínculos de proteção e apoio, compartilhando muitas vezes as amarguras da retirada, a travessia do Atlântico, “e muitos se mantiveram ligados até o fim de suas vidas por essa experiência” (Alves, 2008, p. 33).

O que aconteceu em São Leopoldo e no Brasil no século XIX, continua, de certa forma, a acontecer no século XXI, pois ainda existem pessoas em situação análoga à escravização no Rio Grande do Sul. Negros e negras continuam a amargar a dor do preconceito e da discriminação racial e do racismo. Clóvis Moura cita três momentos em que, no século XX, negros e negras organizaram-se: a Frente Negra Brasileira, fundada em 16 de setembro de 1931, o Teatro Experimental do Negro (TEN) e a unificação do movimento negro, consequentemente a criação do Movimento Negro Unificado (MNU), a partir de 18 de junho de 1978, em função de mortes e torturas de operários e jovens (Moura, 1992).

Destaco, ainda nessa discussão, um elogio ao movimento negro brasileiro e latino-americano, retirado do prefácio à edição brasileira da obra de Paul Gilroy, em que o autor anuncia e denuncia:

Parece adequado iniciar esta edição de *O Atlântico negro* indicando o impacto causado pelos movimentos negros do Brasil e suas histórias de lutas. Eles recentemente conseguiram forçar o reconhecimento do racismo como um aspecto estruturante da sociedade brasileira, uma conquista que é ainda mais notável porque ocorreu em meio a celebrações oficiais (Gilroy, 2012, p. 9).

Volto a falar sobre a presença negra escravizada em São Leopoldo e no Brasil e sobre o envolvimento dos imigrantes alemães e italianos nesse processo, que deixou um legado de muita dor e sofrimento. Atualmente, ainda percebemos essa prática na serra gaúcha e arredores, quando

vêm à tona denúncias de trabalhadores vivendo em situações análogas à escravidão. É preciso discutir os resultados de uma política, de uma economia, de uma sociedade, de uma cultura colonialista, imperial, fascista, machista, racista e neoliberal, no sentido de esgotar essa problemática da sociedade brasileira.

Hip Hop é Movimento Negro: RAPoesiferia é Negritude e Resistência pode Virar (Re)Existência

Rap do Convite
*Vamos fazer acontecer, a nossa hora chegar.
 Comunidade está na hora de acordar.
 Vivo de lutar, mas não morro de esperar
 Enquanto houver consciência estou aqui para organizar...
 estudar... pensar... sonhar... e, Amar! (...)
 Cidadania, Filosofia, todo mundo gosta, necessita!
 Chega de meia boca! Viva a igualdade! Ela é bendita!
 A minha gente acredita!
 Acredita e sabe, que é bonita, é bonita!
 (César Moura, 2001).*

Chego às considerações finais afirmando as múltiplas possibilidades do hip hop/ movimento negro, conectado à ancestralidade negra para fazer uma escola inclusiva e antirracista. Tenho experimentado a escrevivência através da criação de muitas letras e músicas de *rap* e, nesse trabalho, me aproximo de uma escrita acadêmica, o que nem sempre é fácil. Continuo acreditando que é possível construir uma educação participativa, democrática e que faça sentido. Já tenho algumas certezas: a *RAPoesiferia* é poesia com *rap* da periferia, da *quebrada*, é Música, é Negritude, e é Resistência Sul, nesse caso, zona sul, cidade de São Leopoldo, região metropolitana de Porto Alegre/RS.

Nesse lugar aprendi que é preciso fazer a (re)invenção do aqui e agora! Refleti e descobri que o que era resistência pode virar (re)existência.

Aprendi que as mudanças e ações são urgentes. Como diz o jovem negro do Brasil e do mundo, Emicida (2021) – “É pra ontem!”.

Entendo que é necessário fazer a crítica à verticalidade do neoliberalismo diante de todo o sofrimento e as dificuldades enfrentadas diariamente pela população negra das periferias. As ações do próprio estado brasileiro nos últimos cinco anos permitiram um tipo de integração da juventude negra ao mercado de trabalho de forma muito precária, a exemplo das empresas terceirizadas onde é embarcada a juventude negra, pobre e da periferia. Além disso, as minorias sexuais vitimadas pela fome, epidemias, eliminação física, morte direta e indiretamente e corte aos direitos sociais promovido pelo próprio Estado. No meio da crise, o racismo “é um elemento de racionalidade, de *normalidade* e que se apresenta como modo de integração possível de uma sociedade em que os conflitos tornam-se cada vez mais agudos” (Almeida, 2018, p. 162). As questões raciais são urgentes no mundo todo, mas muito especialmente no Brasil. As populações negras são as que mais sofrem e, diante disso, é preciso mudar as políticas e os processos para que essas populações não sofram mais.

Há muito ainda o que fazer. Sei que a minha pesquisa é uma gota d’água na floresta em chamas dos dias que vivemos, de pandemia, neoliberalismo e negacionismo, conforme comenta Sueli Carneiro (2011). As crianças negras nas vilas, nas periferias, parafraseando a autora, são vítimas da omissão e do silêncio nesse momento e, por irresponsabilidade do estado, sofrem com o estereótipo e o estigma impostos por práticas pedagógicas humilhantes, só para enfatizar.

Considero que é preciso e urgente refletir, pensar, imaginar e criar e que está colocada a necessidade de retomar os direitos socioambientais, os direitos humanos, dialogar com os povos originários e com as comunidades periféricas das grandes cidades e regiões metropolitanas e,

sobretudo, defender a democracia, a paz e a alegria. É necessário transpor as dificuldades e as barreiras sobre nós impostas. Faço a luta todo o dia na escola na qual sou diretor, com a maioria absoluta das minhas e meus colegas, por uma escola protegida, solidária, segura, humana e fraterna, com boniteza e amorosidade.

Conheço uma história africana que fala sobre um grupo de mulheres que, cantando, batem o pilão fazendo o ritmo, porém se empolgam tanto, levantam-no muito alto e, assim, acabam furando o céu. Para cantar o refrão contra o racismo institucional e estrutural é preciso furar o céu com a mão de pilão, com a nossa empolgação (Gomes, Holanda, & Gomes, 2009, pp. 5-10).

Através do quinto elemento do hip hop, percebo que está na hora de organizar teoricamente as comunidades das periferias e de retomar a ideia de quilombo, de quilombagem, de organização política, social, econômica e cultural, como disse Clóvis Moura (1992) e como sempre desejou a Resistência Sul. Faço, com isso, o *looping* sonoro e imagético, e ainda bato no peito e na mesma tecla. Uso o pedal *looper* da palavra e da rima. Laço com fita o presente e o futuro. Este trabalho nos mostra que através dos elementos do hip hop podemos desenvolver uma tecnologia social transformadora para melhor.

Estou só começando! Já sei que é urgente reverberar as *escrevivências* negras. Urge amplificar um discurso mobilizador de humanidade, respeito e direitos. Dialogar em todas as esferas de poder, estado e governos. É preciso, em tempos de neoliberalismo e globalização, enfatizar a luta contra o racismo, o machismo e o fascismo. Esse é o nosso refrão. Professores/as e jovens, negros/as e não negros/as, unam-se contra o racismo, o machismo e o fascismo, pois a questão negra é de todos, todas e todes.

Referências

- Almeida, S. L. (2018). *O que é racismo estrutural?* Letramento.
- Alves, E. M. (2008). O negro no vale do rio dos sinos e as políticas de ação afirmativa – Uma breve história do negro na formação da região do vale do rio dos sinos. *Olhares sobre o Racismo, vol. 1, nº 1, pág. 32* – Revista de entidades do mov. negro e carnavalescas de Novo Hamburgo e São Leopoldo – RS.
- Brasil, 2003 (Lei 10.693/03); Meira et al., 2015.
- Carneiro, S. (2011). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. (Coleção Consciência em debate). Selo Negro.
- Duarte, C. L., & Nunes, I. R. (Orgs.). (2020). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Mina Comunicação e Arte.
- Emicida. (13 jan. 2021). *Emicida – AmarElo (Álbum Completo)* [11 vídeos]. YouTube. https://www.youtube.com/playlist?list=PL_N6VL1gm0aLLr0HQ6y12lRXdSfuxMt-s.
- Evangelista, L. de O., Siqueira, C. de F. C., & Rocha, C. M. F. da. (set./dez. 2021). “Escrevivências”, narrativas autobiográficas e intelectualidade negra: a escrita acadêmica como resistência. *Inter-Ação, 46(3)*, 1330-1344. <https://doi.org/10.5216/ia.v46i3.67945>.
- Evaristo, C. (2020). A Escrevivência e seus subtextos; Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: C. L. Duarte, & I. R. Nunes (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (pp. 26-57). Mina Comunicação e Arte.
- Gilroy, P. (2012). *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência* (2ª ed., Trad. C. K. Moreira). Editora 34.
- Gomes, L., Holanda, A., & Gomes, C. (2009). Furos no céu. In: *Nina África: Contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades* (Ilustr. M. Veneza, p. 5-10). Elementar.
- Gomes, N. L. (2018). *O movimento negro educador: saberes construídos na luta por emancipação*. Vozes.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo* (palestra realizada no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa). <https://culturapolitica2018.files.wordpress.com/2019/09/ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo.pdf>
- Moura, C. (1992). *História do negro brasileiro*. Ática.
- Moura, C. A. do N. (2022). *Resistências e escrevivência de um professor negro: diálogos através do hip hop reverberando nas vidas negras de estudantes da periferia sul de São Leopoldo*. [Dissertação de Mestrado em Educação]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Nunes, T. F. (2014). A subjetividade da profissional que atua em situação de violência e extermínio de adolescentes e jovens. In: A. S. Musskopf, A. P. Menine, F. B. da Silva, J. A. Garske, J. C. P. Cardoso, L. Nasi, L. C. R. Illanes, M. F. Duarte, O. Zanchet, & T. F. Nunes

(Orgs.). *Desvelando percepções de uma realidade: o extermínio de adolescentes e jovens* (pp. 191-196). CEBI.

Souza, A. L. S. (2011). *Letramento de reexistência: poesia, grafite, música: hip hop* (Coleção Estratégia de Ensino). Parábola editorial.

Souza, S. S., & Pereira, L. R. B. (Orgs.). (2001). *Cadernos Pedagógicos: Semana da consciência negra – Memória das lutas populares* (2ª ed.). SEDUC.

SOBRE AUTORAS E AUTORES

Ademiel de Sant'Anna Junior

Neto de vó Chica, filho de Geni e Ademiel; Músico, Poeta e Psicólogo CRP 07/22834. Bixa preta mestre e doutorando em Psicologia Social e Institucional (PPGpsi-UFRGS); Pesquisador no Núcleo de Estudos e Pesquisas E'léékò - Agenciamentos Epistêmicos Antirracistas e Descoloniais; Sócio fundador do Coletivo Adinkra de Relações Raciais e Saúde Mental. Professor visitante no Departamento de Direitos Humanos e Saúde ENSP-FIOCRUZ. Atual Vice-Presidente no Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul (CRPRS).

E-mail: ademieljunior@gmail.com

Ana Cláudia Barbosa

Fisioterapeuta. Mestre e Doutoranda em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do Campus Realengo/IFRJ.

E-mail: ana.barbosa@ifrj.edu.br

Cecília Maria Izidoro-Pinto

Enfermeira, mulher preta. Formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Educação para as Ciências da Saúde e Doutora em Enfermagem. Orientadora da Liga Acadêmica de Enfermagem em Saúde da População Negra e Coordenadora da Disciplina Tópicos

nas Relações Étnico Raciais no Contexto da Saúde . Membro do MNU e da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros , Câmara de Políticas Raciais UFRJ, Comissão de Heteroidentificação UFRJ Lotada na Superintendência Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Acessibilidade. Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq ORI e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas E'léékò
E-mail: cecilia.izidoro@gmail.com

César Augusto do Nascimento Moura

Graduado em Ciências Sociais pela UFRGS. Especialista em Ética e Educação em Direitos Humanos - PPG-FACED/UFRGS. Mestre em Arte, Linguagem e Currículo pela Faculdade de Educação da UFRGS. Professor de História no magistério estadual do RS. Diretor da Escola Estadual de Ensino Médio Professora Helena Câmara, na periferia da Zona Sul de São Leopoldo -RS. Ativista do Hip Hop/Negritude, poeta, rapper e MC.

E-mail: professorcesaraugusto@gmail.com

Ezequiel de Candido Amaral (Zeca Amaral)

Bixa preta, artista, escritor e psicólogo. Mestrando em psicologia social e institucional UFRGS. Especialista em Direitos Humanos, Relações Étnico-Raciais e Saúde (ENSP-Fiocruz). Pós graduando em Psicanálise e Relações de Gênero (Instituto IPPERG). Pesquisador e integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisa E'léékò: Agenciamento Epistêmicos Descoloniais Antirracistas da UFPel/UFRGS e no Egbé-Negritude, clínica e políticas do comum (UFRGS).

E-mail: ezequielamaralpsi@gmail.com

Fátima Lima

Antropóloga. Professora associada do Centro Multidisciplinar UFRJ - Macaé. Feminista Negra. Colaboradora da Casa das Pretas. Professora do Programa de Pós- Graduação em Linguística Aplicada UFRJ - Letras/UFRJ. Professora do Programa de Pós- Graduação em Relações Étnico-Raciais - CEFET/ RJ. Coordenadora do grupo de Estudo e Pesquisa ORI- Grupo de Estudo e Pesquisa em Raça, Gênero e Sexualidade/CNPq.

E-mail: fatimalima4@gmail.com

Gabriel Alves Godoi

Mestre e Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Especialista em Direitos Humanos e Avaliação de Políticas Públicas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Membro do Fórum internacional de Direitos Humanos, raça e diversidade sexual e de gênero da REDE UNIDA. Membro da subcomissão de drogas e saúde mental do Conselho Nacional de Direitos Humanos. Diretor de políticas públicas do Sindicato dos Psicólogos do Rio Grande do Sul (SIPERGS) e Assessor Técnico de Políticas Públicas do Conselho Regional de Psicologia da 07ª Região. Produz pesquisas sobre Saúde da População Negra, Determinação sócio-racial da saúde e Negritude

E-mail: gabriel.godoi@acad.pucrs.br

Janaina da Silva Costa

Psicóloga pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), especialista em Gestão do Sistema Único de Assistência Social SUAS pela Universidade Cândido Mendes (UCAM), especialista em Gestão

de Políticas Públicas em Gênero e Raça pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestranda em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), integrante do grupo de pesquisa Infâmias Resistências (UFES).

E-mail: janacosta.mp@gmail.com

Jéssica Gomes Santiago

Preta, lésbica, de Axé. Psicóloga graduada pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Especialista em Saúde Pública pela Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul (ESP-RS). Mestranda em Psicologia Social e Institucional pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Cocriadora do Grupo terapêutico para mulheres pretas Escurecendo Ideias.

E-mail: psijessicagsantiago@gmail.com

João Otávio Vieira Carvalho Almeida

Graduando de psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo, integrante do Grupo de Pesquisa Infâmias Resistências (UFES) e integrante do Coletivo Ocupação Psicanalítica - ES.

E-mail: joaootavio64@hotmail.com

Joyce dos Anjos Barcellos

Graduanda de psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo, integrante do Grupo de Pesquisa Infâmias Resistências (UFES)

E-mail: joyce-barcellos@hotmail.com

Larissa Potiguara (Larissa Gorgonho Soares da Silva Veríssimo)

Co-criadora da Comunidade Colaborativa de Mulheres Afro-

brasileiras e Ameríndias – COCAM (Instagram: @recosec.ufpb).
É ativista no Movimento Indígena Potiguara, graduada em Letras (UFPB), Mestranda em Educação (UFPB/PPGE). Professora no governo do Estado da Paraíba.

E-mail: larissagorgonho@gmail.com

Luz Santos (Maria Luzitana Conceição dos Santos)

Co-criadora da Comunidade Colaborativa de Mulheres Afro-brasileiras e Ameríndias – COCAM (Instagram: @recosec.ufpb) e o Movimento de Mulheres Negras na Paraíba. Professora da UFPB. Doutora em Educação/UFRGS, integrante do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI/UFPB) e pesquisadora no Núcleo de Estudos e Pesquisas E'léékò.

E-mail: luzdosol.pe@gmail.com

Luziane de Assis Ruela Siqueira

Doutora em Educação pela UFES, Professora Adjunta do Departamento de Psicologia e da Pós-Graduação em Psicologia Institucional/UFES. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Infâmias Resistências.

E-mail: luzianesiq@gmail.com

Míriam Cristiane Alves

Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Professora do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa E'léékò: Agenciamento Epistêmicos Descoloniais Antirracistas. Diretora da Associação Nacional de

Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia - ANPEPP. Presidenta do Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul - CRPRS. Ativista e militante do movimento social negro e do povo de terreiro. E-mail: olorioba.miriamalves@gmail.com

Sueka

Sueka é carioca, pessoa negra e não-binária. Criada no morro do Fallet/Fogueteiro, na zona norte do Rio de Janeiro, aprendeu desde cedo a conviver com os contrastes da cidade e as desigualdades sociais existentes neste território, porém através da história e da busca pela arte, especificamente a escrita, conseguiu encontrar um lugar de cura e de resignificação das existências e demais experiências que presenciou em sua trajetória. Formada em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e atualmente cursa Mestrado em História das Ciências e Saúde Pública, na Fiocruz-RJ. Atualmente possui dois livros publicados: flores e cinzas, pela Opera Editorial, e “outubros”, pela Margem Edições.

E-mail: sueka.n.dosanjos@gmail.com

Thaís da Silva Lourenço

Psicóloga pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM-RJ). Mestranda no Programa da Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (PPRER - CEFET-RJ). Pós-Graduada em Direitos Humanos, Saúde e Racismo pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Ensino Médio e Técnico em Produção Cultural e de Eventos pela Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch - (ETEAB-FAETEC). Pesquisadora e integrante do Orì - Grupo de Pesquisa em Raça, Gênero e

Sexualidade. Co-fundadora do Projeto de Relações Étnico-Raciais Sankofa na UNISUAM-RJ; Colaboradora da Comissão Especial de Eventos do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro (CRP-RJ); Colaboradora da Comissão Especial de Relações Étnico-Raciais do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro (CRP-RJ); Co-coordenadora da Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es) do núcleo do Rio de Janeiro (ANPSINEP-RJ).

E-mail: thaislourenko.psi@gmail.com

Publicações Editora Rede UNIDA

Série:

Rádio-Livros em Defesa do SUS e das Saúdes
Ética em pesquisa
Participação Social e Políticas Públicas
Pensamento Negro Descolonial
Mediações Tecnológicas em Educação e Saúde
Educação Popular & Saúde
Saúde Mental Coletiva
Atenção Básica e Educação na Saúde
Interloquções Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde
Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde
Saúde & Amazônia
Saúde Coletiva e Cooperação Internacional
Vivências em Educação na Saúde
Clássicos da Saúde Coletiva
Cadernos da Saúde Coletiva
Saúde, Ambiente e Interdisciplinaridade
Conhecimento em movimento
Arte Popular, Cultura e Poesia
Economia da Saúde e Desenvolvimento Econômico
Branco Vivo
Saúde em imagens
Outros

Periódicos:

Revista Saúde em Redes
Revista Cadernos de Educação, Saúde e Fisioterapia



FAÇA SUA DOAÇÃO E COLABORE

www.redeunida.org.br

